

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**FUTEBOL SE APRENDE NA ESCOLA: NOVAS PRÁTICAS DE
SOCIABILIDADE ESPORTIVA NO CONTEXTO URBANO**

CLAUDEMIR JOSÉ DOS SANTOS

São Carlos - 2007

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**FUTEBOL SE APRENDE NA ESCOLA: NOVAS PRÁTICAS DE
SOCIABILIDADE ESPORTIVA NO CONTEXTO URBANO**

CLAUDEMIR JOSÉ DOS SANTOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCSO) do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Ciências Sociais. Área de Concentração: Relações Sociais, Poder e Cultura
Orientador: Prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo.

Submetida à defesa em sessão pública realizada às 10h30 no dia 25/04/2007.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo
Prof. Dr. Piero de Camargo Leirner
Profa. Dra. Simoni Lahud Guedes

Homologado pela CPG-PPGCSO na
_____ª reunião no dia ___/___/_____.

Prof. Dr. Igor José de Reno Machado
Coordenador do PPGCSO

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

S237fa

Santos, Claudemir José dos.

Futebol se aprende na escola : novas práticas de sociabilidade esportiva no contexto urbano / Claudemir José dos Santos. -- São Carlos : UFSCar, 2007.

131 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2007.

1. Futebol. 2. Projeto sócio-educacional. 3. Escola de futebol. 4. Antropologia. I. Título.

CDD: 796.334 (20ª)



BANCA EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE

Claudemir José dos Santos

18/04/2007

Prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo
Orientador e Presidente
Universidade Federal de São Carlos/UFSCar

Prof. Dr. Piero de Camargo Leirner
Universidade Federal de São Carlos/UFSCar

Profa. Dra. Simoni Lahud Guedes
Universidade Federal Fluminense (UFF)

À Paula e Maria Clara

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todas as pessoas que direta ou indiretamente fizeram parte da construção desta dissertação, sem vocês este trabalho não seria possível. Sabendo da impossibilidade de mencionar todos, gostaria de registrar alguns e me desculpar por eventuais esquecimentos.

Meus sinceros agradecimentos ao Prof. Dr. Heitor Frúgoli Jr. que acreditou neste trabalho com muita paciência para organizar e encaminhar minhas primeiras idéias, ainda na graduação do curso de Ciências Sociais na FCL/UNESP – Araraquara.

Quero, também, agradecer ao Prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo, orientador e amigo que deu continuidade e auxiliou de forma imprescindível no meu, ainda incipiente, processo de amadurecimento intelectual.

Piero de Camargo Leirner, pelas ricas e sinceras contribuições, tanto durante as aulas como também no exame de qualificação. A todos os professores e funcionários do PPGCSO da UFSCar, com quem tive o prazer de aprender, em especial aos Professores(as). Dra. Maria Aparecida Moraes, Dra. Maria da Glória Bonelli, Dr. Jacob Carlos Lima, Dra. Valquiria Padilha e Ana Maria S. Bertolo pelo auxílio e gentileza.

A todas as amizades que fiz durante o pouco tempo em que estive em São Carlos, em especial, Hugo, Milene, Moraes, Tais, Eder, Juliana, Isabel, Fabiano, Andréa, Francisco, Luciana, Marinês, Samuel, Thiago, Tiago, Gustavo, Fernanda, Renato e Rosane.

Aos amigos de ‘peladas’ que nem sempre se deram conta da importância das conversas ‘em mesa de bar’: Milton Lahuerta, Tamoio, Murilo, Pedrinho, Marcelo, Ademil, Eduardo, Renato, Pico, Penedo, Tiago, Mahoro, Leo, Carlinho(s), Rato, Miotto, Felipe, Fluminense, ‘Véio’, Breno, Elielson, Márcio, Flaviano e outros ‘craques’.

A todos os secretários, professores, auxiliares, monitores, técnicos, alunos e pais que me receberam de maneira afável, cordial e carinhosa: Miltinho, Rosa, Wilsinho, Dicão, Fernando, Gustavo, Pedrão, Ricardo e Ricardinho.

À toda minha família: Antonia, Roque, 'Clau', Cláudio, Ana, Bruno e Bárbara, Baby, Fernando, Maria de Castro e Fernanda.

E mais que especial: a 'Paulinha' e 'Clarinha' que com muito amor fazem minha vida muito mais feliz.

RESUMO

Nesta dissertação procuramos investigar o complexo processo de aprendizagem do futebol no Brasil, focando uma cidade média do interior de São Paulo. Geralmente, tal processo é atribuído aos fatores mais essencializados que permeiam as representações do jogar 'à brasileira' (dom, jeito inato), distanciando a apreensão do fenômeno como uma construção simbólica e material essencialmente constitutivas. Procuraremos retomar essa discussão, tendo como recorte empírico o fenômeno emergente das chamadas "escolinhas de futebol" (públicas e privadas) como co-partícipes desse processo. Por um lado, o surgimento dessas "escolinhas", nas décadas de 70 e 80, trouxe à tona a contraposição entre diferentes concepções sobre as formas do jogar, aprender e representar o futebol no país e, por outro lado, fomentou os investimentos de políticas sociais de lazer mais voltadas à juventude. Compreender esse processo é possibilitar, a partir do instrumental teórico e metodológico das Ciências Sociais, a apreensão de uma importante faceta da sociabilidade esportiva disseminada em alguns centros urbanos brasileiros.

Palavras-chave: futebol, escolinhas de futebol, projetos sociais, antropologia.

ABSTRACT

Our aim is to investigate the complex process of learning football in Brazil. The focus of our analysis will be an average size city in São Paulo countryside. Usually, this learning process is related to essential factors which are linked to the representations of playing typically brazilian football, that means a natural gift. Which is completely different from the process that is symbolically and materially built. We will focus our discussion in the phenomenon of the “football schools”, both the public and the private ones, as an example of co-participation in this process. The origin of these football schools in the seventies and eighties brought different conceptions about the way of playing, learning and representing football in the country. On the other hand, it increased the investments in social policies of leisure related to the youth. While we tried to understand this process, making use of theoretical instruments of Social Science, we could comprehend an important part of the sport sociability spread in some brazilian urban centers.

Key-words: football, football schools, social projects, Anthropology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
PARTE I	
As “escolinhas” e a prática social do futebol	12
Projetos sociais e “escolinhas” de esportes	23
Projeto “Saúde na Bola, Saúde na Escola” – Araraquara	27
As “escolinhas” dos bairros Selmi-Dei e Yolanda Ópice	40
Os treinos	50
PARTE II	
DETLA/AMODAB/SÃO CAETANO: o público, a sociedade civil e a iniciativa privada	57
A Triáde	61
Os que não buscam profissionalização	72
Os significados do ensinar/aprender a jogar futebol	76
O sistema simbólico dos boleiros:	
família/trabalho	78
religiosidade-dom	80
masculinidade	84
A preeminência do pé direito	93
Lógica da prática: a transmissão do conhecimento e a incorporação das técnicas	100
Opostos e complementares: os dois lados da mesma moeda	102
A formatação do corpo e a incorporação das técnicas	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
REFERÊNCIAS	122

INTRODUÇÃO

Procuramos investigar o complexo processo de aprendizagem do futebol no Brasil, focando uma cidade média¹ e seu entorno no interior do estado de São Paulo. Geralmente, tal processo é atribuído aos fatores mais essencializados que permeiam as representações do jogar à brasileira (dom, jeito inato, habilidade), distanciando a apreensão do fenômeno como uma construção simbólica e material constitutivas do futebol entendido como experiência sócio-cultural. Desse modo, procuramos retomar essa discussão, tendo como recorte empírico o fenômeno emergente das chamadas "escolinhas de futebol" (públicas e privadas) como co-partícipes desse processo.

Por um lado, o surgimento dessas “escolinhas”, nas volta das décadas de 70 e 80, trouxe à tona a contraposição entre diferentes concepções sobre as formas do jogar (TOLEDO, 2002), aprender e representar o futebol no país e, por outro, fomentou investimentos em políticas sociais de lazer mais voltadas à juventude.

A partir dos anos 70 e 80, o futebol ganhou outras conformações e redimensionou alguns dos modelos de formação dos jogadores que, em grande medida e, historicamente, deixaram de ser diretamente recrutados nos times de várzea². Mais recentemente, atribuiu-se às ditas “escolinhas de futebol” um papel específico no processo de recrutamento voltado à profissionalização, para além da formação dos jogadores nos próprios clubes profissionais.

¹ A temática das “cidades médias” não é objeto deste trabalho, mas está como pano de fundo das discussões que levantamos. Ávila (2006) problematiza os conceitos de centro e periferia numa cidade média como São Carlos, indicando que não encontrou as mesmas disposições analíticas que nos trabalhos sobre as metrópoles (eixo Rio - São Paulo): “é preciso conhecer o processo de formação desses locais, (...) a questão da periferia é algo complexo e heterogêneo, suscitando, por isso, a necessidade de se pensar em outros modelos de entendimento. Essa idéia se torna mais clara à medida que admitimos que a periferia de uma cidade de menor porte e distante dos grandes centros, por várias razões, não se configuram como mera reprodução das periferias metropolitanas, mas que, ao contrário, possui uma lógica própria, construída a partir de elementos e situações locais, com graus diferentes de contraste, permitindo identificar uma configuração simbólica a partir de outros elementos constitutivos” (Ávila, 2006, p. 8-9). Teremos esse referencial como fio condutor ao analisarmos a cidade de Araraquara por entender que a mesma pode ser entendida como uma “cidade média”.

² Não estou afirmando que a várzea foi um celeiro de craques, apenas indicando que teve um papel importante no processo histórico de formação dos jogadores, devido a sua prática constante.

Este trabalho parte de uma bibliografia que observa as transformações culminantes na visibilidade das chamadas “escolinhas” dentro do domínio do futebol profissional, sobretudo no que se refere à questão complexa do seu aprendizado em nosso país que, como se sabe, contrapõe as *formas-representações* “futebol-arte” e “futebol-força”, apropriadas pelas diversas “lógicas” que presidem a apreensão do jogo a partir dos torcedores, especialistas e profissionais (TOLEDO, op. cit.)³.

Todavia, para além do pano de fundo que recobre boa parte da bibliografia acerca da problemática da “identidade” brasileira impregnada num estilo de jogo, poucas análises se detiveram sobre o fenômeno das “escolinhas” e o papel racionalizador que pretendem assumir dentro desse processo. Não é raro observarmos, na imprensa, críticas em torno do suposto papel homogeneizador que caracterizaria as atividades dessas “escolinhas”, ou o seu caráter meramente comercial e oportunista, uma vez que rivalizaria com as chamadas técnicas mais “espontâneas” do aprendizado (na várzea, nos terrenos baldios, nas ruas acidentadas por todo o país) tomadas, geralmente, como os fundamentos da “verdadeira arte” do futebol brasileiro.

Para além dessa abordagem, procurei observar, nesta dissertação, como essas “escolinhas” são fortemente revestidas por diversos princípios ordenadores, emulando uma sociabilidade infanto-juvenil mais ampla que aquela confinada à prática esportiva voltada para o alto rendimento.

³ Toledo desvenda as diferentes representações que alicerçam a prática dos atores envolvidos nos eventos futebolísticos. Faz isso à luz de três campos distintos, cada qual comungando de certos princípios ordenadores que orquestram suas vivências e sensibilidades de modo específico, na concretização de suas práticas, criando distintas prerrogativas na forma de apreensão do futebol profissional: “Parto de três realidades dentro do campo esportivo: os *profissionais* (jogadores, técnicos, dirigentes, juizes, preparadores, médicos, etc.), os *especialistas* (a crônica esportiva) e o conjunto genérico de *torcedores*, “comuns” ou nomeados e reunidos em certas coletividades específicas. (...) *Profissionais*, portanto, serão todos aqueles que interferirem diretamente no jogo, quer dentro de campo, como a própria *performance* dos jogadores, técnicos ou juizes na busca imediata dos resultados, quer na preparação dos jogadores, fisiologistas, preparadores físicos, etc., ou no suporte administrativo dos dirigentes (...); *especialistas*, suponho que construam, no plano das representações, um lugar simbólico equidistante entre os *profissionais* e os *torcedores*. Não jogam, mas também não se comprometem no nível da emoção partidária, ao menos em tese, do mesmo modo que o conjunto de torcedores. Mesmo quando isso ocorre, é compreendido como trabalho minucioso e estratégico de construção de determinado *estilo* de cobertura jornalística (...) e finalmente os *torcedores*, aqueles que impõem a ela (partida) a circularidade da emoção”. Para uma verificação mais apropriada do conceito de formas-representação consultar o próprio Toledo, citado, DAMO (2002) ou Guedes (2003).

*P*arte I

As “escolinhas” e a prática social do futebol

“O Brasil, historicamente, apesar dos pesares, manteve-se entre os países de ponta como produtor e exportador de talentos. Com sobras para vencer competições internacionais e ter, em quantidade invejável, sempre craques para repor. Suas Fábricas de Talentos estão em todos os espaços onde um par de traves possa ser fincado” (ADAUTO, 1999, p. 121).

O Brasil é tido por milhões de brasileiros como o “país do futebol”. Não apenas porque possui o maior número de conquistas em Copas do Mundo, ou por ser considerado um dos esportes mais praticados pela população; mas porque, numa visão partilhada pelo senso comum, crê-se que tal inclinação vem de uma facilidade “natural” no trato com a bola. Acredita-se - e faz-se acreditar - que aqui estão os melhores jogadores, verdadeiros artistas que “falam com os pés”. E não é de hoje que jogadores brasileiros são disputados “a peso de ouro” por times de todo o mundo, o que reafirma que, de fato, por aqui, “produz-se” bons jogadores em larga escala, aliando qualidade à quantidade, perpetuando uma verdadeira “fábrica de talentos”, tal como enfatiza o cronista acima.

Neste sentido, ao tomar as “escolinhas” de futebol como recorte empírico específico a partir da problematização mais geral, isto é, do complexo processo de aprendizado de futebol no Brasil, seremos conduzidos a outras dimensões da vida social, sobretudo àquelas que dizem respeito às formas de transmissão de conhecimentos/saberes adquiridos historicamente, às políticas sociais de lazer e aos diferentes arranjos situacionais promovidos pelos vários atores inseridos neste novo contexto social.

Desse modo, partimos de uma indagação de ordem bastante geral e especulativa que, no entanto, anima o debate tanto no senso comum, como entre especialistas e intelectuais: como se aprende a jogar futebol no Brasil?

A resposta não é simples. Para começarmos a circunscrevê-la metodologicamente, partiremos da prerrogativa de que o futebol, tal como é pensado em geral (mas não somente) pelos torcedores, é marcado, sobretudo, por uma singularidade distintiva que o diferencia,

criando um “modo de jogar” especificamente brasileiro perante os demais povos e nações do mundo. Esse “modo específico” de jogar “à brasileira” seria caracterizado, sobretudo, pelo modo de conduzir o corpo nas partidas: pelo improvisado, pelo “jogo de cintura”, pela tão propalada “malandragem”, geralmente vinculando a imagem do jogador a de um artista (da bola). Paralelamente, foi-se construindo, por contraste, em nosso imaginário, o “modo de jogar” europeu: previsível, mecânico, sem o “jogo de cintura”, de muita força física e sustentado pelo conhecimento científico (GIL, 1994, p.101; GUEDES, 1998, p. 28-30; TOLEDO, op.cit, p. 270).

Para fora do campo de jogo, tal oposição é sustentada por uma representação que aparece no senso comum e que desenrola infindáveis discussões. Essa representação pode ser sintetizada num aspecto interessante do ponto de vista antropológico: o “dom”, misto de propriedade natural inalienável advinda das habilidades corporais desenvolvidas ao longo do tempo e de certos atributos que beiram a noção de sagrado.

Os desdobramentos do “dom”, enquanto qualidade essencialmente individualizada, aparecem também em expressões que evidenciam esse modo coletivo de vivenciar o futebol e estão circunscritas em máximas, tais como “futebol não se aprende nem se ensina”, pois no país “os craques já nasceriam feitos” (GIL, op. cit, p. 107). Outra representação que caminha nessa mesma perspectiva é a freqüente valorização do aprendizado informal “das ruas”, geralmente proferida por ex-jogadores profissionais, como Jairzinho: *“Jogava tanto no asfalto, no paralelepípedo, nas praças, no campo, em terreno baldio como em areia. Todo esse apanhado é que foi me dando a facilidade dos fundamentos”*. Segundo Rivelino: *“A frase que eu mais ouvia na minha infância foi: ‘Sai da rua, menino’. Mas a rua me formou como jogador e como homem”*⁴.

Autores como GUEDES (1982, p. 64) enfatizam que o aprendizado do futebol nas

⁴ CALDEIRA, 2002: 71. Jairzinho e Rivelino jogaram nas décadas de 60 e 70, e faziam parte do time do Brasil que venceu a Copa de 1970.

periferias obedece, sistematicamente, a certas regularidades, pois são pelas brincadeiras infantis com a bola, popularmente conhecidas como “peladas”⁵, que os meninos se socializam no e através do futebol. Informalmente,

“eles aprendem a jogar futebol entre si, ocasionalmente com adultos, e observando os jogos dos mais velhos. À medida que crescem, vão ampliando sua área de circulação pela vizinhança, passando a participar de mais jogos, com um caráter de formalização maior (...) É na interação com os ‘peladeiros’ adultos da vizinhança que o menino tem avaliada sua capacidade para o futebol” (GUEDES, 1982, p. 64).

Entretanto, essa tendência “natural”, amparada por arraigadas representações do jogar, desconsidera importantes nexos causais sobre a realidade social como, por exemplo, aspectos ecológicos, distribuição e especulação urbana em relação aos espaços na cidade, o discurso ampliado da violência reduzindo o entretenimento no domínio da rua, o discurso ufanista de modernidade pedagógica, onde tudo se aprende “em escola”, até dança de rua. Enfim, inúmeros fatores e representações, que, geralmente, são renegados e mereceriam maiores considerações, permitindo um olhar mais detalhado sobre os desdobramentos da prática futebolística no contexto social. Contrariamente a tal tendência, houve, nas últimas décadas,

⁵Este é um tema ainda pouco estudado e que merece análises científicas mais precisas. Daqui por diante, quando usar o termo pelada, estarei indicando o arranjo futebolístico que, em princípio, pode ser visto como um jogo de futebol improvisado, informal, considerado como brincadeira. Segundo documento ‘nativo’, a enciclopédia do futebol brasileiro “Lance” (p.113): “Denominação para jogos sem a menor pretensão profissional. É o futebol de rua, de moleque, para se jogar descalço com bola de meia. A raiz do futebol brasileiro de primeira”. Academicamente, algumas indicações preliminares podem ser tecidas. LEITE LOPES (1994), preocupado com a constituição da imprensa esportiva no Rio de Janeiro sob a égide do jornalista Mario Filho, postula a pelada como tudo aquilo que foge do profissional e tende à fruição, à emoção e ao amadorismo. Ao desnudar a intrincada luta dos times e jogadores advindos das camadas populares para a inserção nos times alicerçados por um caráter profissional no início do século XX, demonstra como a fusão destes contrários foi determinante para a constituição de uma forma particular de jogar (Leônidas, Domingos da Guia, Didi), assistir e comentar o futebol, emancipando-o de sua herança britânica. Na perspectiva de DAMO (2002, p. 6-7), a pelada pode ser pensada como uma configuração futebolística que guarda com o futebol profissional um parentesco longínquo, de tal forma que tem na adaptabilidade seu fundamento primeiro, o seu tempo é entendido como “o do não trabalho” e sua duração dependente da disposição atlética dos praticantes, a divisão social do trabalho é inexistente, e condensa um espaço da construção e reafirmação da identidade social masculina. Por sua vez, VILELLA (1997), que etnografou uma forma particular de realização da pelada no Rio de Janeiro, descreveu as intersecções entre o espaço de realização do jogo, os participantes e suas relações tensamente-jocosas: brincadeiras, hierarquias, prestígios; a fluidez e a adaptabilidade das regras também são destacados, o tempo do jogo e sua forma de se chegar a um vencedor, bem como as intermitências das transformações em curso. Neste último, pontuo apenas certa confusão conceitual entre “pelada” e “várzea”.

uma explosão das chamadas “escolinhas” de futebol nos centros urbanos do país, e que rapidamente estão se estendendo para o interior, relativizando as conformações que essas visões sobre a forma de se aprender a jogar futebol no Brasil podem assumir.

Não há dados precisos a respeito, e pouco se sabe sobre o surgimento deste modelo de “escolinha”. Mas é possível intuir que elas surgiram a partir dos desdobramentos que o futebol engendrou entre as décadas de 60 e 70, ganhando expressividade em meados dos anos 80 do século XX. Podemos adiantar que algumas análises⁶ sobre as “escolinhas” de futebol diagnosticam sua expansão apontando para as complexas transformações da realidade social brasileira

“de cunho *econômico* (o processo de construção dos centros urbanos, impulsionado e refletido pela industrialização), *político* (encaminhamento organizacional ao setor privado de políticas públicas de lazer) e *cultural* (massificação do lazer e do tempo livre por empreendimentos mercadológicos)” (PIMENTA, op.cit, p. 82).

Os resultados de tais transformações têm sido o seu aparelhamento mercadológico, marcado pela “morte” dos campos de várzea nas periferias, onde antes ocorria com mais frequência o recrutamento dos jogadores pelos times profissionais⁷.

⁶ PIMENTA, 2000 e ADAUTO, 1999. É preciso salientar que estes trabalhos apontam para transformações que levam em conta aspectos ecológicos (especulação imobiliária reduzindo os espaços disponíveis), distribuição e especulação urbana em relação aos espaços da cidade com tendência a segregar as camadas populares dos centros, o discurso ampliado da violência reduzindo o entretenimento no domínio da rua, o discurso ufanista de modernidade pedagógica, onde tudo se aprende “em escola”, (até dança de rua); enfim, vários fatores e representações que alicerçam as mudanças em curso e que possibilitaram os arranjos nos quais as “escolinhas” de futebol encontraram um terreno fértil para se concretizar.

⁷ ADAUTO (op. cit.) se contrapõe às concepções que indicam o fim da várzea enquanto *lôcus* das relações sociais masculinas entre as classes populares. O autor afirma que a várzea não morreu, mas apenas se transformou, assim como a própria sociedade brasileira. Jamais iremos encontrar a várzea, hoje, tal qual ela era no início do século XX. Isto porque ela não está apenas nas regiões centrais, nas beiras dos rios e tampouco nos campos de terra batida. A várzea e toda a sociabilidade migrou para os campos dos bairros, os terrenos baldios, as ruas com ou sem asfalto, as praças, as quadras de futebol de salão ou *soçaites*, as praias ou em qualquer lugar, pois a essência da várzea não está condicionada meramente ao espaço geográfico onde acontece o jogo, mas sim nas relações que se tecem neste espaço, na informalidade do jogo, na sociabilidade do cotidiano que produz e reproduz os valores que o grupo compartilha. Assim, se quisermos compreender a importância da várzea para o futebol, é preciso adentrar nas periferias do Brasil, onde ela se encontra latente, dinâmica, viva e reconstruída. Para uma análise sobre o futebol de várzea consultar ainda Silva Santos (2001).

Embora essa visão “de fora e de longe” (MAGNANI, 2002)⁸ revele um panorama geral de parte do processo de modernização que abarcou o futebol profissional, ela acaba encobrindo ou minimizando certos aspectos do caráter socializador que as “escolinhas” podem e estão assumindo, sobretudo entre os jovens das classes pobres brasileiras, criando condições para que a prática do futebol possa também agregar elementos lúdicos e recreativos, se distanciando do que ELLIAS e DUNNING (1992) entendem pelo termo “esporte” e se aproximando do que HUIZINGA (1993) sugere ser o “jogo”⁹. De tal forma que, em alguns contextos, os recursos lúdicos se sobrepõem aos elementos competitivos, tais como a agressividade e a violência, marcas constitutivas dos esportes de alto rendimento¹⁰.

As ponderações do ex-craque Tostão são emblemáticas e indicam os rumos que as transformações no futebol vêm tomando:

⁸ Para uma discussão metodológica entre um recorte e análise “de fora e de longe” contraposta à perspectiva etnográfica “de perto e de dentro” ver Magnani (2002).

⁹ Para diferenciar “jogo” e “esporte”, ELLIAS e DUNNING (1992 e 1995) seguem a concepção do ‘processo civilizatório’, cujo fundamento está numa série de adestramentos morais e corporais voltados às práticas das elites ocidentais, sobretudo no século XIX. Desse modo, os autores definem os “esportes” como a forma institucionalizada de algumas práticas corporais em que a excitação e a experimentação da emoção/tensão são controladas através do processo de oficialização das normas e regras. Tal concepção é sintetizada por GUEDES (2004, p. 153): “(...) esporte é o resultado de uma série de acordos e regulamentações, propostos e sustentados por associações, federações e confederações privadas que formatam e controlam determinadas práticas corporais”. Opostamente, HUIZINGA define o “jogo” como atividade condicionada à fruição, à informalidade, à adaptabilidade das regras que não são rígidas, ou seja, não se encontram inscritas na oficialidade, nas convenções concretas da lei/norma. O “jogo” seria a forma mais espontânea da busca pela emoção, através de atividades recreativas em que o lúdico e o prazer seriam o eixo canalizador das atividades cotidianas não-sérias. Para uma discussão mais apurada ver as considerações de TOLEDO (2001, p. 133-165).

¹⁰ SANTOS NETO (2002) concebe, em uma abordagem histórica, que a introdução do futebol no Brasil deu-se de maneira múltipla. Entretanto, o autor enfatiza o papel dos jesuítas, cuja prática pedagógica aponta o futebol como capaz de reunir virilidade e moral na medida certa, podendo formar jovens ‘saudáveis’ e ‘bons cidadãos’; destacando o bom efeito esportivo e recreativo que sua prática podia trazer: “onde não folga o corpo e não se distrai o espírito, reinam o aborrecimento, o enfado, o desânimo, a preguiça e outras condições favoráveis ao relaxamento e prejudiciais à moralidade; os exercícios corporais de movimento se impõem como condição física e moral, o objetivo é revigorar, virilizar e aguerrir o corpo dos meninos e dos moços”. Não se trata aqui de separar “jogo” e “esporte”, lúdico e competitivo, pois essa discussão não ajudaria a avançar naquilo a que nos propomos. De imediato, basta indicar que lúdico e competitivo, jogo e esporte são partes integrantes do mesmo processo histórico de civilização moldado pelo caráter burguês, que não se antagonizam, mas se complementam numa tendência reguladora da vida social. Quanto à questão da violência nos esportes, a referência configuracionista Elisiana indicada acima segue a mesma perspectiva de parlamentarização da vida pública, cujo fortalecimento das instituições reguladoras nas situações conflitantes fazem-se presentes nos mais diversos setores da sociedade (costumes, política, jogos, entre outros) como mecanismos mediadores e restritivos dos enfrentamentos diretos, disciplinando o nível de violência expresso nas relações das sociedades ocidentais no desenvolvimento histórico a caminho da modernidade. Sobre a temática da violência nos esportes, inúmeros trabalhos podem ser citados, para revisão bibliográfica, ver TOLEDO (2001, op. cit.).

“Um dos principais motivos do sucesso do futebol brasileiro foi que os nossos principais craques sempre jogaram como se estivessem brincando, se divertindo em campo. Nos gramados profissionais, eles repetiam o que faziam nas peladas de infância. Com o tempo, a disciplina, a tática e a preocupação coletiva foram incorporadas naturalmente ao nosso futebol. Nas últimas décadas houve uma supervalorização científica da tática, do preparo físico e do conjunto, com prejuízo da habilidade e do talento individual. Esta foi uma das causas da diminuição dos títulos conquistados pelo Brasil, além da perda da beleza do espetáculo. Estamos novamente em um bom momento, tentando associar as duas coisas. Nos últimos anos, também aconteceu uma proliferação das escolinhas de futebol - particulares e dos clubes amadores e profissionais. Os meninos, precocemente, antes da adolescência, estão aprendendo as regras, a tática, a disciplina e a técnica do futebol. Penso que nesta idade seria o momento de a criança brincar com a bola, se divertir, despertar e desenvolver sua criatividade, para mais tarde, nas categorias de base dos clubes, aprender as técnicas e regras do futebol. Estão invertendo as duas situações (...). Veremos, na próxima geração de jogadores, o quanto desse aprendizado precoce poderá ser ruim para nosso futebol”.¹¹

A despeito das opiniões acima descritas, o Brasil passou por uma dura reconciliação com o processo democrático no início dos anos 80. Para superação da crise econômica que arrasava o país, o discurso mais propício foi tendencioso a modernização, via tecnologia e mercado. No entanto, não queremos fazer uma abordagem da conjuntura político-econômica do país em sua estreita relação com as experiências sócio-culturais advindas da prática futebolística. Há, sim, a tentativa de indicar, talvez de forma pouco mediada, os caminhos e possibilidades que as transformações sociais ocorridas na década de 80 abriram para o direcionamento de algumas gestões administrativas de clubes esportivos profissionais; assim como a injeção direta de grandes volumes de capital por empresas, a intensificação da formação e comercialização de jogadores (nacional e internacionalmente), a reformulação dos centros de treinamentos e departamentos médicos.

O processo histórico de transformação e reestruturação dos sistemas produtivos em nível mundial é marcado, sobretudo, pela implementação de novas tecnologias, cuja racionalização influenciou localmente a organização administrativa de alguns clubes de

¹¹ Folha de São Paulo, 25/04/99. Tostão também jogou nas décadas de 60 e 70 e foi campeão do mundo pelo Brasil em 1970.

futebol profissional, principalmente os mais populares das capitais. O que culminou na apropriação, pelos referidos clubes, deste discurso de “modernização”, apontando, entre outras alternativas, para a necessidade do reordenação dos modelos de formação de jogadores de futebol ¹².

Vale pontuar que o retorno do Brasil à égide civil abriu caminhos para que os eventos esportivos passassem a ser administrados sob uma lógica mais racionalizada, burocratizada, gerencial, e talvez menos paternalista¹³.

A organização esportiva em geral, e a futebolística, em particular, atrelada aos empreendimentos e investimentos industriais e às transformações sócio-político-econômicas do país na década de 80, abriu precedentes para reconfigurar os novos processos advindos do gerenciamento e investimento incorporados à lógica do futebol, dando novos rumos à estrutura do profissionalismo¹⁴. A década de 80 foi crucial para a reformulação dos modelos de organização dos clubes profissionais, visto que houve um crescente esvaziamento dos estádios, fraudes nos resultados dos jogos, entre outros problemas que irradiavam certa “crise” nos rumos que o futebol vinha traçando.

Um exemplo claro desse processo é a reformulação dos Centros de Treinamento (CTs) por alguns clubes, que maximizaram e repuseram os valores da competitividade sob outros paradigmas, tais como revela TOLEDO (2002, p. 125-157). Ao problematizar a descontinuidade entre o momento ritual das partidas oficiais e a cotidianidade dos treinos, expressa na frase do ex-jogador Didi: “treino é treino, jogo é jogo”; o autor procura descortinar como os treinos passaram a ter uma revalorização dentro do futebol profissional a partir dos anos 80. O que, em princípio, objetivava a manutenção dos aspectos mais essenciais

¹² Ver a respeito: PIMENTA op.cit.

¹³ Não quero afirmar ingenuamente que houve o fim do paternalismo no futebol, apenas indico que parece ter havido mudanças significativas nessas relações, com tendências a horizontalização na tensão histórica entre jogadores e (dirigentes) clubes, dificultando as arbitrariedades comumente relatadas. Sobre esta temática ver FLORENZANO, 1998.

¹⁴ Ver sobre a temática da modernização do futebol brasileiro, inúmeros trabalhos, entre eles: SANTOS (2000), CALDEIRA (2002), PIMENTA (2001).

dos atletas (parte física e técnica) e possibilitava encontros entre jogadores, técnicos, jornalistas e torcedores, passou a ser, paulatinamente, segregado a partir da busca por maior competitividade, cuja maximização e quantificação da preparação física, moral e psicológica dos atletas foi sendo racionalizada, tornando os treinos mais disciplinados, disciplinantes e rotineiros. Os ‘CT’s passaram a ser também o espaço social privilegiado quanto ao incremento de novas tecnologias e saberes, por profissionais cada vez mais valorizados no cenário esportivo, como psicólogos, fisiologistas, preparadores físicos e nutricionistas, tornando-se centros de excelência na preparação, formação e negociação de jogadores.

Neste processo que vem sendo conhecido como “modernização” do futebol, os CT’s despontam como requisito básico para qualquer clube de futebol que pressuponha orquestrar uma metodologia de caráter científico, visando à inserção de atletas no cenário internacional.

Enfim,

“o que deve ser ressaltado é que a partir do incremento dos CT’s uma nova ordem na configuração que aloca certas qualidades valorativas a (...) situações socialmente consolidadas (...) impõe-se por significativos deslocamentos simbólicos que, sem dúvida, alteram as percepções de se vivenciar esse futebol. A questão é identificar essas mudanças de sensibilidades nas suas múltiplas determinações, materiais e simbólicas, tecnológicas e culturais, que estão em constante processo de imbricamento” (TOLEDO, op. cit. p. 140).

Dentro dessa nova lógica de um futebol, entendido pelo termo genérico de “moderno”, firmou-se o fenômeno das “escolinhas” de futebol que, como veremos, geralmente são apoiadas pelas estruturas que dirigem o futebol profissional ou, às vezes, reforçadas pelo poder político, através do financiamento de políticas públicas voltadas ao lazer.

Assim, através da comparação entre algumas “escolinhas” de futebol, públicas e privadas da região araraquarense, tomadas como estudo de caso empírico, podemos demonstrar que as “escolinhas”, assim como outras experiências futebolísticas, tais como as peladas e a várzea, podem constituir-se como *lócus* no estabelecimento do processo de

ensino-aprendizagem do futebol, além de revelar importantes nexos como distintas redes de sociabilidade, relações de poder, usos e representações do corpo dentro do universo juvenil.

Neste sentido, a região citada do interior paulista parece ser indicativa do(s) modo(s) como a expansão das “escolinhas” de futebol vem ocorrendo em nosso país, justamente por ser uma cidade de porte médio, distanciando-se dos grandes centros urbanos, mesclando alternadamente “estilos de vida” (BOURDIEU, 1983a) urbano e rural. Dependendo das configurações sócio-históricas que se apreende e analisa, evidencia-se, por um lado, a recorrente disseminação do processo de expansão dos chamados *franchising* dos clubes profissionais de futebol da capital¹⁵, que parece obedecer, indubitavelmente, o sentido capital-interior¹⁶. Por outro lado, há práticas adotadas e difundidas pelas Prefeituras do país, que incentivam políticas públicas de lazer voltadas às crianças e adolescentes, tomando como fio condutor as práticas futebolísticas concretizadas em projetos e programas vinculados às Secretarias Municipais de Esportes e Lazer, tais como ocorre em - mas não somente - Araraquara, através do projeto municipal “Saúde na Bola, Saúde na Escola: escolinhas de esportes”.

Torna-se necessário precisar, embora de forma ainda esquemática, o que venho denominando sob o genérico termo de “escolinhas de futebol”. Podemos afirmar que se trata de possíveis arranjos na diversidade de se vivenciar a experimentação da prática do futebol no Brasil enquanto uma experiência sócio-cultural. Essa experiência ganha novos contornos a partir da década de 80 tomando direções distintas, ora como modalidade de programa educativo e de sociabilidade juvenil urbana, observada, sobretudo, em políticas públicas através de projetos sociais, ora “como ampliação em larga escala na produção de atletas,

¹⁵ A respeito dos *franchising*, ver TOLEDO (2002), sobretudo o capítulo 1.

¹⁶ No ano de 2002, foi inaugurada, com muitas expectativas pelos agentes que lidam com o futebol araraquarense, a escolinha “Chute Inicial” do S. C. Corinthians da capital. Inclusive, a pequena cidade de Américo Brasiliense (30 mil habitantes), vizinha de Araraquara, também possui escolinhas de futebol vinculadas à Prefeitura desde o início da década de 1980, conforme matéria veiculada no Jornal de Araraquara de 28/03/2004: “Américo Brasiliense firma parceria com A. D. São Caetano”. Portanto, parece ficar patente que capital-interior é, de fato, o sentido da expansão das escolinhas-*franchising*.

observada em alguns clubes” (TOLEDO, 2002, p.21) e iniciativas privadas, bem como, em suas parcerias, condensadas esquematicamente na Tabela 1.

Tabela 1 - Modelos de escolinhas de futebol

INSTÂNCIAS	CLUBE	JOGADOR	OUTROS
Privado	Chute Inicial (S.C. Corinthians Paulista), Meninos da Vila (Santos F.C.)	Rivellino Sport Center, Instituto Marcelinho Carioca, Careca Sport Center	ONGs, fundações empresariais, de esportistas, de artistas, igrejas, sindicatos
Público	Órgãos Estatais Federais, Estaduais e Municipais	–	–
Parceria Público-Privado	DETLA/AMODAB/São Caetano	Fundações de Esportistas	ONGs, fundações empresariais, de esportistas, de artistas, igrejas, sindicatos

Desta forma, é possível explicitar que o aprendizado de futebol que pretendemos dar conta neste trabalho está inspirado inicialmente no complexo processo de interiorização (incorporação) de suas regras formais e morais, de suas práticas e técnicas corporais (MAUSS, 1974), enquanto representações simbólicas do corpo. Constituinte, assim, a apreensão paulatina e a decodificação imediata de um integrado sistema simbólico, uma espécie de naturalização de seus códigos: visual, auditivo, gestual, sensitivo, corroborando a noção de “aprendizagem visual e mimética”, tal qual sugerida por Wacquant ao focar o boxe enquanto aprendizado coletivo nos guetos dos Estados Unidos. (WACQUANT, 2002, p. 120 e 138).

No caso brasileiro, a aprendizagem do futebol está diretamente ligada ao modo específico de transmissão de conhecimento prático, derivado de específico processo histórico, organizado e sistematizado pelas classes populares alheias à cultura letrada. O que revela uma prática complexa de ordenamento do corpo, adestramento sensorial e uma série de investimentos que implica em conhecer, reconhecer e interpretar, ao mesmo tempo, uma série de signos morais que balizam as relações sociais em jogo, imputando-os numa interação coletiva própria do futebol enquanto experiência sócio-cultural singular. Assim como nos ensina Guedes, o processo de socialização dos jovens nas “escolinhas” cariocas:

“tornam visíveis (...) uma série de saberes, técnicas corporais, regras de etiqueta e princípios éticos (...). Mas o processo de transmissão que está em jogo é mais amplo e implica na exposição dos socializados a significados naturalizados e objetivados em comportamentos, relações sociais e obras culturais. Inclui, portanto, uma série de atos não planejados e não conscientes, que se transmitem e são internalizados através da interação cotidiana, do estar lá e partilhar o mesmo espaço cultural” (GUEDES, 1998, p. 124).

Além disso, mesmo quando esse processo é racionalizado, o que temos é uma espécie de “racionalização à brasileira”, ou seja, os métodos científicos acabam por serem re-significados a partir do sistema simbólico dos agentes sociais que o concretizam.

Projetos Sociais e Escolinhas de Esportes

A prática do futebol, no Rio de Janeiro, é parte integrante do processo de socialização dos meninos. Esporte amplamente difundido no país retém impressionante capacidade de ser utilizado como veículo para significados os mais diversos. Ademais, é praticado por homens de todas as classes e segmentos sociais, servindo a projetos e cumprindo funções diferentes em cada caso. O lugar que ocupa entre os trabalhadores urbanos é muito significativo, representando, simultaneamente, lazer, exercício corporal, interação entre homens e carreira profissional (GUEDES, 1997, 1982). Mais que isso, é *lócus* de produção e reprodução simbólica, onde colocam em jogo e negociam, em situações sociais diversas, os valores que orientam sua vida. Tal plethora de significados transforma o futebol numa via privilegiada para a compreensão acurada dos modos através dos quais eles são vividos, interpretados, reinterpretados e transmitidos (GUEDES, 1998, p. 119).

As “escolinhas” de futebol, localmente estabelecidas, invariavelmente fazem parte da nova configuração do esporte mais praticado em nosso país. Elas representam um fenômeno marcado por duas facetas constitutivas, isto é, estabelecem formas *sui generis* de uso dos espaços públicos e privados, orientados não raramente por tendências exclusivistas, por práticas meramente econômicas, onde a arte de ensinar o futebol converte-se em meios de apropriação privada de recursos. Assim como a prática cotidiana dos jovens alunos revela redes de sociabilidade específicas e reconhecíveis, possibilitando o cruzamento das relações entre cultura jovem e sociedade urbana¹⁷.

É preciso deixar claro que não se trata de uma observação maniqueísta que toma uma faceta como ‘negativa’ e outra como ‘positiva’. Estamos apenas objetivando uma contribuição para as análises que, até o presente momento, foram tecidas a partir de um pensamento crítico

¹⁷ Sobre o tema cultura jovem e sociedade urbana, ver os trabalhos de ABRAMO, 1994, FRÚGOLI JR, 1995 e TOLEDO, 1996.

unilateral, vislumbrando apenas esse espaço da comercialização do futebol com primazia excessiva. Estamos buscando ampliar a análise instituindo uma visão mais simbólica, contribuindo para a compreensão do advento das “escolinhas”. Entendemos que se trata de um fenômeno muito complexo para operar em uma ‘chave’ analítica tão reducionista. Buscamos superar, assim, as polaridades “positivo” e “negativo”: concepções distintas que pretendem se complementar.

No que tange à cultura jovem na modernidade, podemos afirmar que ela está ligada às formas de relações juvenis imbricadas através do consumo material e simbólico de objetos entendidos como esportivos. Tais objetos são constantemente (re)avaliados por seus pares, criando uma identidade que precisa estar sempre se reafirmando em torno da prática vivenciada no “jogo de bola”. Os signos internalizados apontam para uma dimensão ideológica calcada nas diferentes maneiras de usos e consumos, apropriando e compartilhando seus significados, formando um conjunto de valores, sentimentos, linguagem, comungados por aqueles que habitam o universo do futebol: o *ethos* esportivo.

É importante frisar que o consumo simbólico do futebol não consiste somente em sua apropriação imediata e hedonista enquanto mera mercadoria barata, da qual resulta a fruição e o entretenimento.

“Ao contrário, ele é parte constitutiva na elaboração de um *estilo de vida* próprio (...). Ao assumirem preferências, (...) estes indivíduos referendam condutas específicas diante de outros grupos, na escola, no trabalho, na vida privada, no próprio cotidiano” (TOLEDO, 1996, p. 114).

As diversas “escolinhas” de futebol distribuídas pelo entorno da cidade de Araraquara revelam realidades distintas: apropriações dos espaços marcadas pela lógica das estratificações e o modo como demandas diversas se articulam com o poder público, privado e associações, como veremos na segunda parte.

Apreendendo suas configurações espaciais e sociais, acrescidas de suas representações, compreenderemos melhor este fenômeno urbano, delineado pela prática futebolística, revelando aspectos significativos da dinâmica cultural da região de Araraquara.

Tomaremos como estudo de caso as “escolinhas” da Secretaria Municipal de Esportes e Lazer da Prefeitura Municipal de Araraquara com o *Projeto SAÚDE NA BOLA, SAÚDE NA ESCOLA: Escolinhas de Esportes*, e a “escolinha” de futebol da tríade: Associação Desportiva São Caetano/ Departamento de Esportes, Turismo e Lazer (DETLA da Prefeitura Municipal de Américo Brasiliense) e Associação dos Moradores Desportistas de Américo Brasiliense (AMODAB), auto-denominada *Escolinha DETLA/AMODAB/São Caetano*. Tais “escolinhas” vêm se disseminando rapidamente como instrumento formal de aprendizagem do futebol, cada qual com suas especificidades.

Grosso modo, é possível afirmar que o programa da Secretaria Municipal de Esportes e Lazer de Araraquara, que procura articular escolarização, esporte e cidadania, entende o esporte como recreação dando ênfase ao seu caráter lúdico e prazeroso. O programa da tríade DETLA/AMODAB/SÃO CAETANO aloca no esporte a intenção de veicular oportunidades profissionais às crianças e adolescentes pobres, estando engajado em uma concepção de pedagogia esportiva mais centrada na competitividade e na ascensão social.

Contudo, ambos parecem compactuar com a idéia de que o esporte é parte de uma estratégia pedagógica fundamental e sua instrumentalização é o corolário para os objetivos propostos. Podemos afirmar que a proliferação de programas e projetos em que os esportes ocupam papel central na educação têm sido uma constante na realidade social brasileira, sobretudo nas últimas décadas, e está vinculado à complementaridade das políticas sociais de lazer aliado à educação formal.

A compreensão das formas particulares de concretização de práticas sociais ligadas às “escolinhas”, cujo modelo instrumentaliza o futebol, revelará as diferenças cruciais frente à

associação entre o esporte e toda a pedagogia, revelando os modos que o aprendizado do futebol pode assumir em contextos distintos.

Além de contribuir para revelar configurações sociais específicas e modos de vida urbano, tendo como base o recorte sobre o processo de aprendizado do futebol em nosso país, via fenômeno das “escolinhas”, poderemos, ao mesmo tempo, contribuir no campo recentemente formado em torno da antropologia das práticas esportivas (TOLEDO, 2001, p. 137).

Projeto SAÚDE NA BOLA, SAÚDE NA ESCOLA/Araraquara

A seguir, serão apresentados os modos como a pesquisa foi construída e o conteúdo dos dados obtidos, de forma a deixar claro a natureza de sua obtenção e as dificuldades que lhe são inerentes. Assim, assinalaremos, com precisão, um panorama geral da interação entre os sujeitos, destes com o pesquisador, e a posição peculiar em cada situação específica que possibilitou a apreensão dos dados, bem como algumas considerações analíticas sobre o Programa.

Sinteticamente, podemos afirmar que a pesquisa foi desenvolvida de modo regular e com intermediações entre as entrevistas “informais”, com os responsáveis pelo Projeto na sede da Secretaria de Esportes e Lazer de Araraquara, e as observações participantes, junto aos professores/monitores, alunos e pais das “escolinhas” de futebol, que vêm desenvolvendo o projeto através de seu trabalho cotidiano. Tentando evidenciar os recursos utilizados pelos agentes nas atividades pragmáticas que regem o trabalho de ensino/aprendizagem do futebol nestes espaços, optamos por avaliar os discursos dos agentes sobre si e como percebem suas práticas, entendidas como fundamentais para a compreensão das representações que regem suas construções simbólicas frente às atividades futebolísticas.

As observações e reflexões travadas neste texto resultam do cruzamento dos dados recolhidos através do trabalho etnográfico realizado entre os meses de agosto e dezembro de 2004, procurando considerar as ponderações de ZALUAR:

“O compromisso com a relativização negadora de qualquer absolutismo manteve-se na objetividade de registrar as várias posições dos vários atores e de confrontá-los na sua rede de comunicação, da qual o antropólogo foi parte” (ZALUAR, 1994, p. 25).

A preocupação inicial é fornecer material básico para sustentar as análises sobre as políticas sociais de esportes e lazer que estão sendo pensadas à luz da complementaridade dos

sistemas de educação formal. Essas políticas são voltadas à população pobre e utilizam os esportes, mais especificamente o futebol, como recurso pedagógico e instrumento de socialização privilegiado de crianças e adolescentes, fruto da amplitude que esta prática esportiva adquiriu historicamente em nosso país.

Segundo os dados oficiais¹⁸, fundada em 22 de agosto de 1817, Araraquara é uma cidade de aproximadamente 190.000 habitantes, conhecida como "Morada do Sol" (do tupi "ara", que significa claridade, luz do dia e "quara", toca, buraco, morada), possui um clima "Tropical de Altitude", caracterizado por duas estações bem definidas: um verão com temperaturas altas (média de 31° C) e pluviosidade elevada e um inverno de temperaturas amenas e pluviosidade reduzida. A área total do município é de 1.312 km², com cerca 80 km² ocupados pelo espaço urbano. Está localizada na região central do Estado de São Paulo, possuindo uma renda per capita de 5 mil dólares.

Sua circunscrição geográfica dispõe-na lado a lado de cidades de menor porte como Américo Brasiliense, Ibaté, Boa Esperança do Sul, Bueno de Andrada, entre outras. Os dados mencionados revelam um avizinhamento múltiplice e fazem com que as cidades mantenham entre si uma relação de intensa troca e circulação de pessoas, bens e serviços de toda ordem. Há, desta maneira, uma peculiar profusão de diferenças que rege a dinâmica das cidades.

A Prefeitura de Araraquara tem desenvolvido diversos programas nas áreas de esportes e lazer, dentre os quais, o Projeto SAÚDE NA BOLA, SAÚDE NA ESCOLA: "Escolinhas de Esportes" da Secretaria Municipal de Esportes e Lazer, talvez seja o mais significativo. O projeto atende cerca de 5000 crianças e adolescentes de 07 a 18 anos em 25 bairros diferentes, com 14 modalidades (atletismo, basquetebol, karatê, ciclismo, futebol, futsal, ginástica olímpica, handebol, natação, tênis de campo e de mesa, voleibol, xadrez e

¹⁸ <http://www.araraquara.sp.gov.br/>

damas) e 82 “escolinhas”, utilizando diversos espaços públicos (municipais e estaduais) e privados (empresas e clubes), como ginásios, quadras, campos, piscinas, etc.

Segundo os dados levantados na própria Secretaria Municipal de Esportes e Lazer¹⁹, as “escolinhas” de futebol contavam com atuação direta em 20 bairros diferentes em 2004, atendendo 1710 participantes na modalidade masculina e 52 na feminina, perfazendo um total de 1762 participantes numa faixa etária que vai dos 07 aos 16 anos de idade, chegando aos 17 e algumas vezes aos 18 anos em alguns bairros²⁰.

Sobre a formação inicial do projeto das “escolinhas”, não há documentos oficiais sobre sua história. Entretanto, segundo a oralidade dos representantes da Secretaria de Esportes, as “escolinhas” tiveram seu início em 1992, quando vários ex-atletas da cidade, devido às vicissitudes das carreiras profissionais, foram obrigados a se aposentar muito cedo, por volta dos trinta ou quarenta anos de idade. Assim, reduzidas as possibilidades de realização financeira ou de destaque no cenário esportivo, seja municipal ou nacional, tais atletas foram conduzidos a outras ocupações no ramo esportivo.

¹⁹ A Secretaria Municipal de Esportes e Lazer de Araraquara fica localizada na parte posterior do Ginásio Municipal de Esportes “Castelo Branco”, o “Gigantão”. Este, por sua vez, encontra-se em área privilegiada da região central, no bairro Jardim Primavera, área nobre da cidade, com imponentes casarões, ampla rede de serviços (como churrascarias, galerias, bares, clínicas médicas), próximo ao Teatro Municipal, ao Centro de Convivência do D. A. E. E, ao Centro de Eventos de Araraquara (Pavilhão da FACIRA) e ao Clube da Associação Ferroviária de Esportes (A. F. E.), cujo time profissional de futebol possui reconhecida notoriedade no cenário futebolístico estadual. Perceptivamente, um espaço de intensa circulação, mas pouco utilizado pelas classes populares.

²⁰ Destacamos como “informais” as entrevistas com as pessoas envolvidas no projeto pelo fato de não serem gravadas. Por um lado, o gravador não se mostrou eficiente, uma vez que as entrevistas foram realizadas durante as atividades que orientam a prática dos entrevistados, que, em geral, ocorrem em espaços abertos, dificultando a captação dos sons, tanto pela sua propagação, quanto pelas inúmeras interferências externas que geralmente ocorrem. Isso sem mencionar o constante e dinâmico “jogo de corpos” em movimentos com gritos, apitos, olhares, acenos, gestos, indicações etc. Enfim, um infundável jogo de interações sociais que torna impossível a utilização do recurso da gravação. Por outro lado, devido ao receio do pesquisador em ter as falas dos entrevistados demasiadamente comprometidas, pois se tem percebido de maneira sutil que, embora todos recebam o pesquisador com amabilidade, cortesia e respeito, este não é percebido como um “igual”, o que gera desconfiança e insegurança. Isso fica evidente quando, periodicamente, retorna a pergunta sobre o intuito do trabalho de pesquisa. Dessa forma, tentamos deixar os entrevistados “à vontade”, a fim de “naturalizar” a presença do pesquisador pela cotidianidade das conversas, de modo que a coleta dos dados tem-se mostrado mais eficaz pelas perguntas indiretas, inseridas em outros contextos, sugerindo a apreensão dos dados sob a forma de opiniões, valores, preceitos e idéias expressas. Logo após a partida dos “ambientes nativos”, fazíamos as anotações pertinentes sobre os fatos observados e as impressões a respeito das conversas. Obviamente, há uma seleção de dados e, como não poderia deixar de ser, muitos se perdem no emaranhado de fatos e acontecimentos que regem a frenética dinâmica das interações sociais constitutivas das “escolinhas” de futebol.

Vários desses atletas participaram da campanha de um candidato ao legislativo municipal araraquarense, com o intuito de conseguir dar continuidade às carreiras precocemente findadas e prosseguimento dentro da área esportiva. Após ser eleito, o candidato mencionado, como retribuição, articulou com as lideranças políticas municipais e conseguiu com que muitos destes atletas passassem a atuar como monitores e professores de esportes, sendo contratados como prestadores de serviços para a Fundesport (Fundação de Amparo ao Esporte Amador de Araraquara), cujo objetivo primordial é fomentar o esporte amador e profissional na cidade.

Seguindo os relatos de alguns membros da Secretaria, esses ex-profissionais, agora tornados monitores/professores de esportes, não tinham um projeto a ser desenvolvido e ficavam apenas na prática pela prática; ou seja, em geral, ensinavam as regras dos esportes nos quais eles atuaram, com o intuito de preencher o tempo ocioso da “molecada” e incentivar uma possível carreira esportiva. Desta forma, vários esportes foram difundidos pelos bairros da cidade.

Na gestão seguinte, o executivo municipal encerra as atividades das “escolinhas” vinculadas à Prefeitura, desempregando os ex-profissionais do esporte. Essa atitude gerou mobilizações: pais de alunos levaram suas reivindicações à imprensa²¹. O que gerou pressão sobre o então prefeito eleito que reconsiderou sua decisão, reiniciando o trabalho das “escolinhas”. Todavia, sua falta de interesse foi refletida no pouco investimento, o que culminou com a precariedade do trabalho dos professores/monitores, causando insegurança e descontentamento.

No ano de 2000, o Partido dos Trabalhadores vence as eleições municipais. O Secretário de Esportes e Lazer, interessado especialmente em futebol, percebe que a mudança

²¹ A Rádio Morada do Sol AM/FM de Araraquara apresenta, nas manhãs de segunda à sexta-feira, o programa jornalístico de cunho policial “Jornal da Cidade”, sob a locução singular, entusiasmada e despojada do jornalista Carlos Magdalena. O programa jornalístico destaca-se pelo seu forte impacto cotidiano cristalizado no apelo popular e dramático, constituindo-se em um campo de tensão permanente entre os diversos setores da cidade, gestada pelas inúmeras denúncias, debates e opiniões que expressam.

de governo municipal ocasionou uma instabilidade nos professores/monitores, pelo fato de serem contratados pela Fundesport sem vínculo com a Prefeitura. Assim, o Secretário pontua a necessidade de sistematizar o que vinha sendo realizado pelos ex-profissionais em consonância com os ideais do partido: inclusão social por meio do exercício da cidadania, participação popular, entre outros. Realizou-se, então, Concurso Público para a contratação de monitores de educação física, preparando todos os que já trabalhavam para conseguirem aprovação e continuarem seu trabalho. Daqueles que já trabalhavam no projeto, a maioria foi aprovada pelo concurso. A fim de continuar e ampliar essa iniciativa, contrataram profissionais da área: em geral, educadores físicos. Assim, com a colaboração de um (re)conhecido educador físico da cidade, redigiram o projeto “Escolinhas de Esportes” e passaram a procurar parcerias com a iniciativa privada, fechando acordo a UNIMED, empresa de planos de saúde.

A gestão do projeto Saúde na Bola está entregue a uma equipe de profissionais que goza de certo *status*, cuja tonalidade pode ser verificada a partir de seus espaços de atuação, como clubes de lazer particulares da cidade, Universidades, entre outros.

Seguindo a narrativa dos agentes sociais, o projeto das “escolinhas” é desenvolvido em parceria com a FUNDESPORT (Fundação de Amparo ao Esporte Amador de Araraquara), entidade que fomenta as competições esportivas na cidade, diversas Secretarias Municipais como Saúde, Educação, Cultura, Assistência Social, APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais), formando uma complexa rede de intervenções junto aos alunos das “escolinhas”, desde encaminhamentos para avaliações e tratamentos médicos, odontológicos, concessões de cestas básicas, transportes, entre outras. Além de diversas empresas privadas que financiam a compra de materiais esportivos e os campeonatos intermunicipais/escolares como a UNIMED e Hipermercado Extra (rede de supermercados).

Estes parecem ser os mecanismos entendidos como ‘inclusão social’ pelos agentes municipais, por isso, são constantemente recrutados e articulados pela Secretaria Municipal de Esportes e Lazer, na tentativa de atenuar as precárias condições de vida de algumas famílias cujos filhos fazem parte do Projeto das “escolinhas” de esportes²². Deste modo, há uma tendência de homogeneização a partir de situações específicas de extrema pobreza para todo o conjunto das famílias dos alunos das “escolinhas”, desprezando suas especificidades.

A partir destas ações que podem ser interpretadas como política assistencialista, por ter um caráter baseado em princípios religiosos de ênfase na caridade e em ações solidárias, e por estarem vinculadas aos programas de esportes e lazer, compõe-se um quadro no qual a idéia de homogeneização da extrema pobreza, cuja carência material das crianças e adolescentes, entendida como falta das condições mínimas de sobrevivência, reverte-se em uma espécie de carência, também de ordem moral e afetiva, pressuposto para o surgimento do discurso retórico em que a única saída possível apresentada será a implementação de ações através da criação de programas sociais específicos que acabam legitimando as intervenções governamentais.

Entre os principais objetivos anunciados pelo projeto, podemos destacar:

- Promoção de atividades físicas e de lazer;
- Implementação de novas formas de relacionamento entre pessoas e práticas comunitárias, via atividades físicas/esportivas;
- Desenvolvimento de potencialidades individuais e coletivas;

²² ALMEIDA e D’ANDREA (2004) trazem contribuição importante para avaliarmos esses mecanismos de inclusão social. Ao analisarem uma favela na capital paulista, constataram a existência de um conjunto de vínculos associativos (parentesco, vizinhança, religiosos, entre outros) que formam redes sociais, ou seja, um círculo de benefícios materiais e afetivos que contribuem para a integração socioeconômica do grupo estudado, possibilitando a atenuação de suas condições de vulnerabilidade. Essas redes sociais estão ligadas à noção de ‘estrutura de oportunidades’ (KATZMAN e FILGUEIRA, 1999), que partem do princípio de que há uma forte vinculação entre os canais de acesso aos benefícios sociais de tal forma, que o acesso a esses benefícios abre possibilidades que facilitam o acesso a outras oportunidades. No caso das escolinhas araraquarenses, estar incluído neste programa de esportes e lazer facilita o acesso aos outros parques benefícios sociais existentes na cidade, como saúde, alimentação, transporte, entre outros, cuja oferta indica não dar conta das crescentes demandas da população pobre, exposta, sobretudo, à exclusão do mercado de trabalho formal e que buscam nos serviços públicos uma alternativa de sobrevivência.

- Criação de atividades recreativas e culturais;
- Criação de condições para o combate à exclusão e construção da cidadania através da promoção de atividades de esportes e lazer.

Orientados novamente por GUEDES (2004, p. 162), podemos afirmar que os objetivos propostos pela “escolinha” do Projeto Saúde na Bola expressam uma visão idealizada da sociedade araraquarense. Ou seja, os objetivos do projeto partem do princípio de uma concepção romântica da realidade, na qual a harmonia social seria o corolário de todo o trabalho que se propõe a realizar, evidenciando uma postura redentora, heróica e quase mítica de transformação social associada à conjuntura atual, cuja idéia de ‘caos’ impera e estipula a tônica de toda ordem de ‘perigos’ a que são expostas as crianças e adolescentes, sobretudo, das classes populares. Essa idéia vem consubstanciada à de ‘carência’ (ZALUAR, 1994, p. 101.), não apenas material e de recursos econômicos e/ou quantitativos, mas também por deficiências quanto à educação, à informação, ao plano afetivo, moral, etc. Daí poder dizer que idealizada e romântica não é apenas a visão da sociedade, mas também dos indivíduos que fazem parte dela, cuja essência seria solidária, respeitosa, bondosa, companheira, etc. Talvez por isso os estereótipos de violência, pobreza e drogas são os ‘perigos’ mais recorrentes nas falas dos integrantes da “escolinha”:

Não queremos formar atletas, só tirar das ruas, das drogas, das gangues, e dar uma nova oportunidade na vida desses meninos, esses são os principais objetivos do nosso trabalho. (Representante da Secretaria Municipal de Esportes e Lazer de Araraquara).

Idéia compartilhada também por pais e alunos das “escolinhas”,

Na rua as crianças vão aprender o que não deve, brigas, drogas, essas coisas, por isso, eu falo pra ele (filho) vir na escolinha. Aqui vai aprender coisa boa... respeito, regras e se Deus quiser, pode até dar certo e quem sabe, virar jogador mesmo... (Pai de aluno-atleta da “escolinha” do São Caetano).

Eu gosto de vim aqui(escolinha) jogar bola, a gente aprende um monte de coisas boas e não fica na rua brigando, essas coisas... (Aluno-atleta da “escolinha” do Selmi-Dei).

Contudo, não é apenas tirar da ‘rua’, é também ocupar o tempo livre das crianças e adolescentes com atividades socialmente (moralmente) recomendadas, segundo normas bem definidas de regulação comportamental, sentimentos, posturas, entre outras formas de convivência; ou seja, frente à idéia de ‘caos’, e todos os perigos decorrentes, será necessário acionar todos os mecanismos possíveis de controle social. Nesses termos, as “escolinhas” acabam reconhecidas simbolicamente pela comunidade local como um espaço privilegiado de socialização, podendo ser entendidas à luz da constituição de uma pedagogia, cujo modelo institui uma disciplina (auto) reguladora. A “disciplina”, do ponto de vista moral e corporal, nas diversas concepções que pode assumir, parece ser o fio condutor que dirige todo o processo socializador gerenciado por esta pedagogia esportiva.

Um modelo de educação **pelo** esporte, e não **para** o esporte (como veremos na parte 2, nas “escolinhas” particulares mais voltadas à profissionalização) que faz uso do futebol como meio de transmissão e imposição de valores e condutas voltadas às crianças e adolescentes.

Cabe ainda indicar que, a partir do exposto, a idéia de ‘caos’ sugere alguns princípios que colocam em perspectiva e orientam a tônica dos vários agentes envolvidos, cada qual à sua maneira, nas “escolinhas”, ou seja, revela a existência de distintas formas de apropriação que orientam as buscas dos agentes por essa forma particular de experiência esportiva.

Destacaremos algumas mais evidentes nas “escolinhas” araraquarenses, sem querer esgotá-las, e sim apontar as inúmeras possibilidades de arranjos, de acordo com a perspectiva adotada. Por um lado, como dito acima, as “escolinhas” legitimam o trabalho dos agentes institucionais, representados pela Secretaria Municipal de Esportes e Lazer na comunidade que lhes confere *status*. A partir da vinculação direta entre pobreza, violência, delinquência e drogas, cria-se o discurso necessário e irremediável de intervenção estatal, cujo modelo de cidadania que daí deriva é aquela tutelada pelas instituições governamentais. Por outro lado, conduzem os pais a transferirem, a um terceiro, parte do processo de socialização a que as

crianças e adolescentes invariavelmente são expostos. Isto é, as “escolinhas”, ao se afirmarem enquanto agentes socializadores institucionalizados, apresentam-se aos pais como mediadores na ampliação das experiências sociais dos filhos. Criam, assim, um elo entre o particular e o familiar referendado na ‘casa’, os espaços intermediários de construção social, o “pedaço” (MAGNANI, 1998) e o universal, o impessoal, referendado na ‘rua’ (DAMATTA, 2000), ou ainda contribuem com suas expectativas em relação à inserção dos filhos na intrincada busca pela profissionalização no futebol.

No que se refere às crianças e aos adolescentes, é possível afirmar que sua participação nas “escolinhas” apresenta-se pelo menos em duas faces: a primeira delas tem um caráter mais lúdico, recreativo, como possibilidade de entretenimento, diversão e sociabilidade, ou seja, um lugar tanto para fazer, quanto para encontrar amigos, “jogar bola”, “zoar”. A segunda apresenta um caráter mais utilitário, como possibilidade de

“(…) investimento através do qual buscam construir o seu corpo e apropriar-se de alguns saberes que o aparato técnico-científico que cerca os esportes, na atualidade, tornou importantes para o exercício profissional da atividade” (GUEDES, 2004, p. 174).

Essas diferentes formas de apropriação das “escolinhas” de futebol araraquarense apontam para uma multiplicidade maior quanto àquelas contempladas nos objetivos do projeto e que somente foi possível compreendê-las a partir do trabalho etnográfico e a análise comparativa dos dados.

Prosseguindo nas disparidades entre o “dito e o feito”, ou seja, entre aquilo que os agentes objetivam e afirmam concretizar e aquilo que se constata praticamente, é possível tecer algumas considerações sobre o esporte profissional em Araraquara. A cidade conta, na modalidade do voleibol, com a equipe profissional do “LUPO/NAÚTICO” (patrocinada pela empresa do setor têxtil e pelo clube de lazer, respectivamente) e, na modalidade do

basquetebol, com a equipe do UNIARA/LUPO (patrocinada pela Universidade privada da cidade) que vêm conseguindo alguma projeção nos respectivos campeonatos estaduais e nacionais.

Cabe destacar que o projeto municipal das “escolinhas” de esportes, mesmo não tendo explicitado este objetivo, seleciona e encaminha os jovens que se destacam aos times/equipes oficiais das respectivas modalidades para treinamentos específicos e participação em competições esportivas em níveis mais elevados, próximos da profissionalização, como revelou a pesquisa de campo. Esta constatação, ausente nos objetivos do projeto, de certa forma, indica um diálogo, embora pouco sistematizado do ponto de vista de alguns modelos de agenciamentos de atletas (como as “escolinhas” particulares, por exemplo), dos programas sociais de esportes e lazer para com a dimensão profissional e competitiva dos esportes. Mesmo afirmando não haver intuito de profissionalização no projeto municipal araraquarense, como vimos na fala acima, as “escolinhas” acabam atuando como ‘peneiras’²³ dissimuladas, ou seja, vestem-se de intuítos e valores socialmente aceitos pela comunidade a qual lhe confere simbolicamente uma condição prestigiada de *status* e acabam, de certo modo, operando também como processo de seleção de atletas para abastecer o mercado profissional de ‘pés-de-obra’ (DAMO, 2005) como pode ser observado na matéria veiculada sob o título “Brasil vai detectar talentos no esporte”, referente à participação do Ministro dos Esportes Agnelo Queiroz em um debate em Araraquara, com o simbólico tema “esporte como instrumento de inclusão social”.²⁴

Ainda assim, as atividades realizadas nas “escolinhas” são gratuitas e as inscrições são feitas no próprio local pelos professores/monitores através do preenchimento de uma ficha

²³ Entende-se pelo termo nativo ‘peneira’ o processo de seleção de atletas realizado nos próprios clubes ou também terceirizados através das escolinhas para a manutenção dos times profissionais. Geralmente, essa seleção de atletas consiste em submeter milhares de adolescentes a um treino-teste em que, depois de um ou dois dias de observação, os responsáveis pelos clubes escolhem, em geral, apenas um ou dois garotos para integrar os times de treinamentos das categorias inferiores dos respectivos clubes.

²⁴ Jornal Tribuna Imprensa, 08/08/2004.

médica e de informações gerais, como estado de saúde, uso de medicamentos, escola que estuda, responsáveis, etc. As “escolinhas” do referido Programa também se envolvem em torneios e campeonatos promovidos pela cidade e região como um todo, enfatizando os comentários acima e revelados na fala de um professor da “escolinha” araraquarense:

Sabe, aqui é assim, o menino entra na escolinha e acha que vai aprender a jogar bola de um dia para o outro. Vem, treina um dia ou dois e depois não volta mais. Isso é ruim, fica chato, treinar, treinar e só treinar, por isso, nós sempre nos escrevemos nos campeonatos da cidade, porque eles querem jogar também, eles pedem. Se ficar todo dia treinando e não tiver jogo, eles acabam desistindo...

Essa ‘exigência’, geralmente, não é das crianças que, embora também sonhem com a carreira profissional, ainda vivenciam a prática do futebol de forma mais recreativa, e sim dos jovens alunos das “escolinhas”. Competir revela suas aspirações e coloca em prática os conhecimentos exercitados nos treinamentos em uma situação concreta no futebol. O que acaba tornando possíveis as observações, por vários especialistas, que acompanham essas partidas como ‘olheiros’²⁵, além de servirem também aos interesses do esporte profissional de alto rendimento da cidade. Enfim, esse entrelaçamento entre as concepções pedagógicas do futebol e sua profissionalização revela uma tensão permanente no cotidiano das “escolinhas” como projeto social, cuja credibilidade reside no *status* do trabalho pedagógico como veículo de socialização das crianças e adolescentes das classes populares. Esse caráter redentor é o que o legitima na comunidade, ao mesmo tempo em que o antagoniza com os desejos e anseios em busca do sonho (ou ilusão) da carreira como jogador de futebol profissional, tanto das crianças, dos seus pais e dos clubes profissionais da cidade. Equacionar esses impasses parece ser uma tarefa árdua que o projeto municipal das “escolinhas” de futebol não tem conseguido resolver.

²⁵ Conhecidos também como ‘caça-talentos’, os olheiros “são, em geral, ex-jogadores ou ex-técnicos, ligados a clubes ou empresários, que percorrem incógnitos, diversas áreas da cidade e todo o Brasil, buscando identificar talentos potenciais” (GUEDES, 2004, p. 174).

Novamente, GUEDES encontra problema semelhante no Rio de Janeiro, atestando certa universalidade de alguns princípios norteadores dessas experiências particulares em instrumentalizar o futebol como recurso pedagógico.

“A impressionante homogeneidade dos discursos dos promotores de todos esses projetos destinados a crianças e jovens (...) em que todos expressam sua intenção, única e exclusiva, de educar, no sentido mais amplo, ou seja, socializar, ensinar regras de etiqueta e convivência, ensinar normas morais, obediência a regras, etc, implica muitas vezes, em negar expressamente qualquer preocupação com a possibilidade de utilização do projeto para obter a profissionalização no esporte. De certo modo, é quase como se houvesse uma reserva moral com relação a este objetivo” (GUEDES, 2004, p. 173-174).

Vale lembrar ainda que os professores/monitores e dirigentes do Projeto são, na imensa maioria, ex-atletas profissionais em suas respectivas modalidades, alguns de projeção nacional, outros apenas com pequenas passagens por equipes de renome no cenário esportivo nacional. Embora apenas alguns destes profissionais apresentem formação superior em Educação Física, todos são capacitados pelas equipes da rede de atendimentos do município, sempre no início de cada ano, uma semana antes do início das atividades.

Neste aspecto, reside uma observação interessante do ponto de vista das contradições inerentes ao trabalho desenvolvido nas “escolinhas” e que julgamos ser importante para a sua compreensão. Trata-se da disparidade existente entre os agentes que concretizam os trabalhos, sintetizados na diferenciação entre o que estamos denominando aqui como monitores e professores das “escolinhas”.

Parece haver, por parte da direção do projeto, uma espécie de incentivo à capacitação dos monitores e professores das “escolinhas”, no sentido de buscarem realizar o curso de Educação Física como critério para ascensão econômica no projeto. Assim, os monitores são aqueles que não têm curso superior em Educação Física e chegam a ganhar por volta de 30%

menos que os professores, que além de terem a experiência profissional como os monitores, ainda cursam ou já concluíram o ensino superior.

No tocante à realização do trabalho prático nas “escolinhas”, não há diferenças contrastantes entre aqueles que possuem o curso de Educação Física e aqueles que não possuem. Basicamente, os treinos são muito semelhantes (como veremos adiante), o que gera certa tensão entre monitores e professores. Estes evidenciam sua formação acadêmica como legitimação de um saber letrado, socialmente valorizado, procurando estreitar os laços entre teoria e prática; aqueles desdenham este saber teórico, sobretudo pelo entendimento de que o futebol é uma experiência prática e como tal, o que deve ser valorizado é o “saber fazer” (GUEDES, comunicação pessoal, 2005), inclusive evocando para as semelhanças entre os treinos realizados, como pode ser observado na fala de um monitor.

Eles querem que a gente faça Educação Física, mas pra quê, se todo treino é igual? Você tem ido ver os outros treinos... não é igualzinho? Pois, então? A gente já jogou bola a vida toda, já está cansado de saber como é que é e como se faz. Claro que o curso é bom, amanhã ou depois pode ajudar a gente a ganhar mais, a ter outros empregos... Eu também quero fazer, mas o curso é caro e outra, a gente trabalha todos os dias aqui, sábado, domingo, é muito cansativo...

Podemos afirmar que esta dissociação entre o saber teórico e o saber prático, evidenciado na fala acima, é um dos elos da representação do futebol enquanto experiência. Seguindo esta concepção, sua transmissão, ou seja, seus ensinamentos devem obedecer aos mesmos critérios, como veremos na segunda parte deste trabalho.

As escolinhas dos bairros Selmi-Dei e Yolanda Ópice

Para observação do projeto das “escolinhas” de futebol em Araraquara, foram selecionadas duas “escolinhas” localizadas nas extremidades das zonas norte e sul da cidade, respectivamente, nos bairros do Jardim Roberto Selmi-Dei (Selmi-Dei, daqui por diante) e Núcleo Residencial Yolanda Ópice (Yolanda, daqui por diante), ambos afastados do centro da cidade e compostos essencialmente por trabalhadores. A escolha foi feita a partir da observação das disparidades existentes entre as diversas “escolinhas” distribuídas pelos bairros e que compõem o projeto. Tais disparidades foram constatadas a partir do trabalho de campo, uma vez que não estão indicadas nos documentos oficiais.

Seguimos algumas indicações do gestor de projetos da Secretaria Municipal de Esportes e Lazer que salientou a oposição entre as disposições estruturais de cada uma delas. A “escolinha” de futebol do bairro Selmi-Dei é desenvolvida dentro de um espaço institucional no bairro, a saber, a escola municipal, onde também é desenvolvido um outro projeto de educação complementar pela Secretaria de Educação Municipal, cujas atividades versam, além da educação formal, sobre músicas, artes, danças, jogos, entre outras. Os alunos desta “escolinha”, em sua grande maioria, freqüentam a unidade escolar no período contrário às aulas e em dias intercalados com as atividades esportivas, participam também das atividades educacionais complementares acima aludidas.

Além disso, a “escolinha” em questão conta com uma infra-estrutura invejada pelos outros participantes do Projeto: campo de futebol com dimensões reduzidas para as categorias iniciais, quadra poliesportiva para diversificação das atividades que geralmente é acionada em dias de chuva e materiais esportivos em bom estado de conservação. A articulação com os outros espaços da instituição escolar propicia, assim, uma intensa relação na qual os “melhores materiais” lhes são destinados ora pela Secretaria Municipal de Educação, ora pela Secretaria Municipal de Esportes e Lazer.

Segundo informações dos representantes da Secretaria Municipal de Esportes - o que pude comprovar mais tarde - esta “escolinha” é o “orgulho” do Projeto. Isso se confirma nos comentários entusiasmados “do que tem sido feito”, tanto pelos excelentes resultados alcançados nos campeonatos promovidos pela cidade²⁶, como pelo envolvimento dos pais junto às demandas do Projeto. Eles participam ativamente das decisões contrárias aos interesses dos mesmos, o que é facilitado, sobretudo, pelo local de moradia do Secretário Municipal de Esportes e Lazer, ali nas proximidades. Bem como por sua forte inclinação pelo esporte, sobretudo pelo futebol, além de sua ampla influência na vida política da cidade, reverberando sua candidatura ao legislativo municipal, a qual corroborou com sua eleição para vereador.

Fato contíguo, nas categorias superiores, as atividades desta “escolinha” são realizadas na Área de Lazer “Estádio Olivério Bazani Filho”, em um campo de futebol (com dimensões oficiais, gramado, vestiários em bom estado de conservação e bebedouros) utilizado para competições amadoras oficiais no município. Trata-se de uma área de lazer arborizada, com quadras poliesportivas e pista de skate. Embora estes dados careçam de uma pesquisa mais detalhada, os alunos desta “escolinha”, segundo observação participante, pertencem aos estratos mais privilegiados e menos vulneráveis dentro de uma concepção hierarquizante no interior das classes populares. Ou seja, são filhos de trabalhadores, em sua maioria sem qualificação profissional, mas que apresentam trabalhos e rendas fixas em empresas da cidade, demonstrando uma maior apropriação dos espaços do bairro Selmi Dei, reverberado nos comportamentos, gestos, trejeitos, condutas, olhares, nos reluzentes materiais esportivos utilizados, entre outros. Nas entrevistas informais, torna-se claro essa espécie de estrato privilegiado dentro do espaço social da classe. Não há uma divisão material perceptível entre

²⁶ A “Copa Extra” de futebol escolar, realizada anualmente e colocando em competição quase todas as escolas públicas e privadas da cidade, contou nas últimas quatro finais consecutivas com a presença da equipe da escola municipal do Selmi Dei, conferindo grande prestígio tanto à escola como também à escolinha de futebol do Projeto Saúde na Bola, sediada dentro do espaço institucional.

o que venho tentando indicar sobre o vago termo de “estrato privilegiado”, mas há uma situação que indica certa estabilidade familiar, empregatícia, valores morais socialmente aceitos, etc.



Fig. 1 – Área de lazer da Escolinha Selmi Dei: professor orientando os alunos-atletas. O bairro ao fundo: Igreja Congregação Cristã no Brasil, sorveteria e botequim.

Não se trata de uma escola para a classe média, visto que o bairro é essencialmente composto por famílias de trabalhadores pobres, mas é uma escola que realiza certo tipo de “seleção” social estigmatizadora, na qual os adjetivos socialmente valorizados pelo grupo de moradores acabam por diferenciar alguns, conferindo-lhe certo prestígio social.

Stavenhagen (1979), seguindo os princípios marxistas de entendimento da realidade, diferencia estratificação social de estrutura de classes. Grosso modo, para esse autor, estratificação social são categorias de caráter meramente descritivo da realidade social. Percebidas hierarquicamente a partir de dados políticos (direitos e deveres) e econômicos (as posses: fontes de *status*), partem dos resultados empíricos da diferenciação e tomam-nos como aparência da estrutura social. Esta, em essência, é composta pela estrutura de classes em oposição: ou seja, proprietários dos meios de produção versus proprietários da força de trabalho.

Deste modo, o sistema de estratificação social pertence à superestrutura da sociedade

por operar enquanto ideologia que mascara as contradições sociais e a oposição entre as classes sociais distintas. O indivíduo pode ser percebido como multiestratificado, pertencendo a vários estratos sociais, mas ele somente pode pertencer a uma classe social. Contrariamente, a estrutura de classes somente pode ser entendida a partir do conceito de classe social, entendido como categorias analíticas que são capazes de revelar a dinâmica social e desnudar sua gênese estrutural. Portanto, são históricas, agem na sociedade como forças que fomentam sua transformação, além de serem dicotômicas e opostas, ou seja, se expressam dualmente e são definidas a partir de seus antagonismos e marcadas pela ‘consciência de classe’.

Não pretendemos invalidar as proposições da análise marxista acima. Entretanto, a partir de uma perspectiva simbólica de entendimento da realidade social, queremos aproximar a análise das concepções configuracionistas Elisianas, sobretudo aquelas referendadas nos conceitos de *estabelecidos* e *outsiders* (2000), usadas para definir grupos e indivíduos que gozam de posições distintas de poder e *status*, ainda que pertencentes a uma mesma classe social. Guardadas as devidas proporções, as “escolinhas” de futebol pertencentes ao projeto araraquarense, no que tange aos modelos de relações sociais tecidas naquele espaço, apontam, tal qual o modelo Elisiano, para uma diferenciação estigmatizadora entre as pessoas que a compõem.

É possível vislumbrar que todos se auto-percebem como semelhantes: já que moram no mesmo bairro periférico da cidade de Araraquara, compartilham certos laços de amizade e vizinhança, usufruem dos mesmos equipamentos de lazer e freqüentam as mesmas igrejas do bairro. Enfim, compartilham o mesmo espaço social de realização e, portanto, comungam eles. Entretanto, contrariamente, há uma nítida diferenciação entre os mesmos que não se auto-definem como iguais.



Fig. 2. Professor acompanha os alunos-atletas na cobrança de pênaltis. À direita, grupo de jovens em destaque.

Na “escolinha” do bairro Selmi Dei, foi possível identificar um grupo de adolescentes que se encontrava unido em todos os treinos: chegavam, permaneciam e saíam juntos. Diferenciavam-se dos demais, sobretudo, pelos materiais esportivos (chuteiras, meias, agasalhos, camisetas, calções, luvas, caneleiras, tornoseleiras, bonés, etc), cujas marcas e modelos são os mais valorizados dentro do futebol profissional, como Nike, Adidas, Puma, Reebok, Kappa, Penalty, Umbro, entre outras. Como também por pertencerem às famílias reconhecidas como ‘estruturadas’, ou seja, filhos de ‘boa família’, entendidos como os guardiões das boas maneiras, condutas, hábitos e costumes, pois espelham um modelo de conduta moral para todos os outros. Evidenciavam constantemente essa diferenciação através de vários atributos, por exemplo, sua fala pausada, suave e acentuada, associada ao comportamento extremamente polido e delicado. Além dos cuidados com o corpo, expressos na estética dos cortes de cabelos cuidadosamente aparados, penteados e coloridos, nos aparelhos ortodônticos, nos cuidados com a pele mediante o uso de filtros e protetores solares. Tais características colocavam-nos em constante redimensionamento perante os demais, uma vez que estavam unidos por laços de interdependências e comungavam o mesmo espaço

social: o bairro, a “escolinha” de futebol; de modo que partilhavam certa identidade. O grupo de adolescente gozava de certa superioridade social e moral, expressa numa forma singular de relação de poder: operando um complexo sistema de símbolos e práticas capazes de marginalizar e estigmatizar os demais. Estes passavam a operar sob o signo da homogeneidade, sendo percebidos como os mais vulneráveis ao tráfico, à delinquência, às drogas e à violência, por pertencerem às famílias ‘desestruturadas’, geralmente mantidas somente pelas mães, mais expostas aos trabalhos temporários ou sazonais, bem como ao desemprego, à baixa escolaridade e aos valores morais reprovados pelo grupo.

É interessante observar que essa homogeneização é acionada em momentos específicos nas falas dos agentes da Secretaria Municipal: ora justificando a importância do trabalho realizado, cuja instrumentalização dos esportes reveste-se do caráter redentor da sociedade caótica, ora como possibilidade de ascensão social pelo viés da profissionalização no futebol.

Contudo, embora não disponha ainda de dados concretos para confirmar esta percepção, fica a impressão de que, em geral, aqueles que se lançam com mais frequência e assiduidade, persistindo por mais tempo na busca pelo sonho da profissionalização, são os adolescentes que pertencem ao primeiro grupo que denominei aqui de ‘estrato privilegiado’ de classe. Isto se justifica por todo um sistema de símbolos e práticas favoráveis para dinamizar e explorar seu potencial esportivo, e assim poder superar as barreiras sociais impostas no intrincado processo de profissionalização, fruto de uma sociedade extremamente desigual e hierarquizada como a nossa.

Ao segundo grupo, resta a desilusão de ver o sonho, paulatinamente, transformado em vontade, operando próximo ao que WACQUANT encontra nos guetos norte-americanos quando analisa o boxe, mas que pode também mediar nossa reflexão sobre os acontecimentos na prática do futebol no Brasil, diz o autor:

“sabe-se que a maioria dos boxistas vem dos meios populares e, sobretudo, das frações recentes da classe operária (...) É preciso, no entanto, sublinhar que, contrariamente a uma imagem bastante difundida (...) os boxeadores não são geralmente recrutados entre as frações mais deserdadas do subproletariado do gueto, mas sim no interior das franjas da classe operária local, nas bordas da integração socioeconômica estável (WACQUANT, 2002, p. 60-63).

O autor vai mais além, quando afirma

“Essa (auto)seleção, que tende de fato a excluir os mais excluídos, não se opera sob o efeito de uma penúria de recursos monetários, mas pela *mediação das disposições morais e corporais* acessíveis a essas duas frações da população” (WACQUANT, 2002, p. 60-63).

Assim,

“É pelo viés das inclinações e dos hábitos exigidos pela prática pugilista que os jovens saídos de famílias mais despossuídas são eliminados: tornar-se pugilista exige, de fato, uma regularidade de vida, um sentido de disciplina, um asceticismo físico e mental que não pode se desenvolver em condições sociais e econômicas marcadas pela instabilidade crônica e pela desorganização temporal. Abaixo de um determinado limiar de estabilidade pessoal e familiar objetiva, torna-se altamente improvável adquirir os meios corporais e morais indispensáveis para amadurecer com sucesso no aprendizado desse esporte” (WACQUANT, 2002, p. 60-63).

GUEDES (1982) segue essa linha analítica quando descreve as ‘trajetórias possíveis’ de um grupo de trabalhadores cariocas que parte de suas decisões pessoais e resvala em um conjunto amplo de variáveis, fruto das posições específicas de inserção numa determinada estrutura sócio-econômica que pode limitar ou ampliar suas possibilidades de êxito no caminho da profissionalização no futebol, articulando, paralelamente, condicionantes sócio-culturais e escolhas pessoais, ligando “a possibilidade difusa de mobilidade social e as condições materiais de existência que a restringem”.

A “escolinha” de futebol do bairro conhecido como Yolanda parece ser oposta a do bairro Selmi-Dei, pois é realizada em um imenso terreno baldio particular, cedido,

temporariamente, para esta finalidade. No entanto, uma área de lazer vem sendo construída próximo ao local e será utilizada pela “escolinha” ao término das obras que parecem estar em ritmo reduzido. O campo é de terra batida e de grande dimensão, o que dificulta as atividades com as categorias inferiores, compostas pelas crianças com menor idade. Além disso, não há vestuários ou quaisquer outros equipamentos, excetuando uma torneira, poucas bolas em péssimo estado de conservação e coletes para distinguir as equipes de treinamentos.

Sua localização é estratégica: ao lado da escola estadual, da creche e a poucos metros do pronto socorro municipal. Caso algum aluno se machuque, há possibilidade de socorro imediato.



Fig. 3 - Escolinha do Yolanda. Professor orienta alunos-atletas durante os treinos. O bairro ao fundo: torre de transmissão de energia, sinalizando a expansão da área urbana. À esquerda: escola, creche e pronto-socorro.

As famílias dos alunos estão mais expostas e vulneráveis aos condicionantes sociais: os baixos salários, a instabilidade da renda e do trabalho e a precariedade das condições de trabalho e moradia; talvez mais próximos à categoria “dos miseráveis”. De acordo com a nossa exposição acima, podemos afirmar que, diferente da “escolinha” do Selmi Dei, dificilmente os alunos do Yolanda dispõem das condições favoráveis para desenvolver o processo de aprendizagem deste modelo de futebol; visto que o futebol aprendido

informalmente, no qual a várzea e a pelada figuram como exemplos imprescindíveis, está em suas condições 'ideais' de realização.

Talvez por isso, essa “escolinha” é, sob a ótica da Secretaria de Esportes e Lazer, a “vergonha” do Projeto. Além da precariedade dos equipamentos, são construídas certas estigmatizações sobre ela, evidenciando todo um preconceito de classe que a coloca nessa condição, em que os comentários são quase sempre tímidos e comedidos, acentuando muito mais o que “deve ou ainda precisa ser feito”.

Vale salientar ainda que foi possível comprovar, através da pesquisa de campo, que tanto a “escolinha” do bairro Selmi-Dei, como a do bairro Yolanda Ópice, possuem alguns adolescentes portadores de necessidades especiais que freqüentam também a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE). As opiniões de um representante da Secretaria Municipal de Esportes e Lazer de Araraquara expressam uma tendência à diminuição das diferenças, princípio da desigualdade:

Quando nos objetivos do projeto das escolinhas a gente diz 'exercício da cidadania' é isso, entendeu? É ensinar os meninos a conviver com os diferentes, com a diferença, jogando com os meninos da APAE, eles vão aprender a respeitar os limites do companheiro, vão aprender a ajudar um ao outro. (...) Os meninos da APAE? Nossa! A professora de lá me ligou e falou que o futebol está sendo ótimo pra eles, que eles estão se desenvolvendo mais, ficando mais vivo, sabe, mais esperto... cidadania é isso!

Somos, então, levados às reflexões de ZALUAR (1994) referentes aos conflitos internos em uma comunidade de trabalhadores carioca, nas quais as diferenças fizeram surgir imagens conflitantes e preconceitos sobre os mais pobres. No caso araraquarense, embora a opinião acima expresse um processo de socialização bem sucedido entre as crianças que freqüentavam a APAE e os demais alunos das “escolinhas”, o que a pesquisa demonstrou é que, na prática, esses alunos são bem menos exigidos pelos professores. Durante as partidas, participam muito pouco das atividades, não jogam efetivamente em nenhum

momento, somente ficam andando em campo, olhando a bola, correndo de um lado para o outro. Além disso, não foi possível percebê-los como ‘iguais’: os excepcionais eram excluídos das brincadeiras jocosas pelas quais os meninos constantemente interagem, externando que as diferenças entre eles não estavam dissolvidas inteiramente, mas, ao contrário, haviam se constituído em novas formas de relações, nas quais não houve desvinculação entre os estigmas que a eles eram imputados. Desse modo, frente à condição de igualdade expressa na fala do agente da Secretaria Municipal, e mesmo considerando os avanços conseguidos com as crianças excepcionais, pode-se afirmar que eles ainda não são percebidos como iguais ou como semelhantes pelos demais alunos das “escolinhas”, revelando uma concepção diferencial que se manifesta de várias maneiras (GUEDES, 2004, p. 175).

Portanto, ficam claros os antagonismos entre as duas “escolinhas” de futebol dos bairros do Selmi-Dei e do Yolanda Ópice, o que determinou suas escolhas para observação neste trabalho. Não obstante, independente da localização, geralmente, são as crianças e os adolescentes de baixa renda, filhos de trabalhadores pobres e pertencentes às classes populares, que buscam as “escolinhas” de futebol.



Fig. 4 – Treino da “escolinha” do Yolanda. Precariedade que pode ser interpretada como pressuposto para o aprendizado da técnica.

Os treinos

Os treinos duram duas horas, duas vezes por semana. Os jogadores são divididos em categorias correspondentes às suas faixas etárias, a saber: nível 0: 06 e 07 anos; nível 01: 08 e 09 anos; nível 02: 10 e 11 anos; nível 03: 12 e 13 anos; nível 04: 14 e 15 anos e nível 05: 16 e 17 anos, também conhecidas jocosa e respectivamente, como chupetinha, fraldinha, dente de leite, pré-mirim, mirim e infantil.

Essas divisões apontam para algumas formas de entendimento da prática esportiva, ou seja, pressupõem a igualdade formal de condições, neste caso das proporções físicas dos praticantes e/ou do seu estágio de desenvolvimento físico, psicológico e social. Quando o professor nota que um praticante está dentro da faixa etária, mas não corresponde ao condizente com o nível médio esperado pela sua categoria, ele pode ser interpelado para fazer parte de outra categoria mais condizente. Caso seja maior fisicamente, ou melhor tecnicamente que os de sua categoria, o praticante é alocado em uma categoria superior ou vice-versa. No caso do praticante ser portador de alguma necessidade especial, a regra é a mesma.

A inscrição no Projeto é realizada através do preenchimento de um formulário informativo sobre os responsáveis, saúde e escolaridade. A matrícula e o rendimento escolar são apontados como requisitos para a participação nas “escolinhas”. Segundo relatos, os professores/monitores das “escolinhas” de futebol são constantemente recrutados pelos professores/diretores da rede pública de ensino para “aconselhar” algum aluno que não esteja freqüentando as aulas ou esteja se comportando de modo reprovável.

De qualquer modo, não foi constatada, durante a realização da pesquisa, qualquer intervenção por parte dos professores das “escolinhas” do Selmi Dei e do Yolanda junto à rede pública de ensino, revelando, talvez, uma falta de prioridade quanto à educação formal dos jovens alunos. Essa falta de prioridade quanto à educação formal está ligada, sobretudo, à

idéia de extrema pobreza material, moral e afetiva que implica mais imediatamente na resolução dos problemas ligados à subsistência, colocando a educação formal em segunda ordem, dentro das prioridades emergenciais das famílias.

Assim, tanto na escolinha do Selmi-Dei, quanto na do Yolanda, embora haja ênfase nas falas dos agentes da Secretaria de Esportes e Lazer sobre a importância da formação escolar para a ‘melhoria de vida’ dos alunos, não há vínculos muito próximos entre o trabalho dos professores das “escolinhas” de futebol e das escolas de ensino fundamental ou médio dos bairros. Isso, talvez, seja resultado das representações sociais dos agentes municipais traduzidas na oposição entre saber teórico e prático, ligando a escola e a educação formal ao saber essencialmente teórico e o rivalizando com o saber prático, mais valorizado no universo dos trabalhadores.

Quanto aos treinos, rotineiramente, iniciam-se com conversas muito descontraídas sobre variadas temáticas que podem ser identificadas como “juvenis”: esportes, namoros, drogas, brigas, escola, empregos. Conversam sobre tudo, comentam, de forma entusiasmada, as ‘análises’ dos especialistas da crônica esportiva, as rodadas dos campeonatos profissionais, as jogadas, os gols, e todas as incursões que daí derivam.

Essa interação antes do treino abre a possibilidade de intensificar as relações pessoais entre os alunos e destes com o professor, visto que é por meio desses ‘bate-papos’ que se tem acesso aos modos pelos quais os alunos estão ampliando suas experiências sociais. Através deles, sabe-se, por exemplo, quem está namorando. O que possibilita ao professor intervir, de forma bastante descontraída, tanto nas experiências sexuais dos alunos, como nas brigas e desavenças juvenis, nas ‘bebedeiras’ dos finais de semana e até nas (raras) possibilidades de empregos para os jovens alunos. Isso causa a impressão de que as “escolinhas” tendem a construir, no espaço social juvenil da periferia araraquarense, um sentimento de isolamento das ruas. Mesmo sendo um espaço ‘fora de casa’, as “escolinhas” apontam para uma proteção

simbólica quanto às vicissitudes do dia-a-dia, cujo espaço-tempo passa a ser valorizado, criando um lugar privilegiado na constituição de um modelo de transmissão de valores éticos e morais socialmente valorizados pelos trabalhadores.

Na esteira de GUEDES (2004), podemos afirmar que essas conversas revestem-se de forte caráter moral, sempre sublinhado pela autoridade do professor/monitor que indica as vicissitudes da vida e as melhores formas de ficar longe de “problemas” de maneira alegre e descontraída. Neste caso, o professor assume uma posição que poderia ser definida como “a voz da experiência”, pois sua assertiva aponta para uma série de “perigos” que a vida social pode lhes trazer, e suas recomendações estão sempre associadas, seja qual for o assunto, aos aspectos negativos das ocorrências cotidianas.

Portanto, estão em consonância as intermitências da fala do professor com os objetivos do Projeto descrito acima, ou seja, a concepção enraizada que WACQUANT (1996), GUEDES (2004) e ZALUAR (1994) chamam a atenção para os nexos nos quais enxergam os pobres (negros) como moralmente deficientes ou destituídos de valores; e o espaço urbano, neste caso a cidade como também as ruas, como um espaço nefasto, desintegrador e corruptor da vida social, expondo os jovens aos vícios de uma socialização desagregadora e desmoralizadora, deixando-os sujeitos aos objetivos do crime organizado no agenciamento das crianças ou quaisquer outras formas de expropriação, exploração ou abuso.

Reside aqui o entendimento, por parte dos agentes sociais da Secretaria Municipal de Esportes, do papel redentor do trabalho realizado, vislumbrando no esporte um instrumento capaz de servir de escolha às crianças e adolescentes. Portanto, é mais que “tirar das ruas”, é controlar socialmente o tempo livre; é acionar os mecanismos de socialização que lhes estão à disposição: oportunizar profissionalização, conduzir ética e moralmente suas trajetórias pessoais.

Voltando à dinâmica do treino, após as conversas, inicia-se o denominado “aquecimento físico”, que geralmente são corridas em ritmo compassado e cadenciado em volta do campo de jogo, seguido por exercícios de alongamentos. O professor exige silêncio, seriedade e concentração nas atividades, gerando certa sisudez nos semblantes dos alunos. Este parece ser o momento menos atrativo para os praticantes, por isso, talvez o mais aludido, em se tratando de afirmação da autoridade do professor/monitor. Neste momento, surge o que podemos chamar de reafirmação de valores, pois, através da fala do ‘experiente’, daquele que conhece a vida, cria-se um distanciamento e um respeito entre professor e alunos, princípios básicos para o acionamento das formas de inculcação e transmissão de valores que aparecem nos treinos. Quando o professor entende alguma falta do(s) praticante(s), recorre arbitrariamente aos exercícios físicos de alta intensidade, daí porque geralmente é entendido como “castigo” (GUEDES, 2004, p. 169).

Logo após, seguem-se os treinamentos com a bola, condicionados aos fundamentos básicos das simulações ocorridas durante as partidas. São situações recriadas que colocam os praticantes em atividades, cujo objetivo nada mais é do que a rotinização das situações de jogo à exaustão. A finalidade é familiarizar os praticantes com as jogadas e condicioná-los a realizarem o feito com extrema facilidade. Os treinamentos simulados com a bola são de uma variedade infinita, podendo ser geral (o grupo todo), ou específico (para as imperfeições específicas de cada jogador). Cada série (como são conhecidas as etapas dos fundamentos) ocorre rapidamente, em cerca de dois ou três minutos, tendo o ritmo marcado pelo o sinal do apito e pela intensidade das palmas do professor.

Somente então, dividem-se as equipes, segundo o critério da preservação da igualdade formal de condições, alocando, alternadamente, em cada time, os jogadores mais viris e os mais técnicos, em suas respectivas posições no campo; e inicia-se o jogo propriamente dito, conhecido também como “coletivo”.

Nesse momento o professor assume outra função dentro do espaço social da escolinha: agora, passa a arbitrar o “coletivo”, em alta voz, corrigindo os erros, apontando as melhores alternativas para vencer o adversário, exigindo empenho ou moderação nas disposições corporais, sempre seguido do sinal sonoro do apito. Aqui cabe destacar o papel fundamental da experiência do professor na condição de corretor dos erros.

Ao apontar certos caminhos em detrimento de outros, referendar certas jogadas ou condutas, os professores indicam preferências nas formas e modelos de entendimento da prática esportiva. Quando o professor exige vitalidade e virilidade nas jogadas, externa as representações do jogo competitivo de ênfase na agilidade e vigor corporal. Por sua vez, quando exige suavidade, destreza, fluidez, indica as condições mais espontâneas da prática do jogo, necessárias para se desvencilhar das estratégias antecipadamente construídas enquanto um modelo mecânico capaz de ser superado pelo balançar dos corpos em interação. A alternativa de usar uma ou outra depende da relação que o praticante tem com os condicionantes do jogo e podem ser acionadas simultânea ou isoladamente, sempre aos dissabores das orientações técnicas do professor.

No final do treinamento, o clima de descontração é retomado: as brincadeiras novamente são convidadas a ocupar o papel central nas relações sociais tecidas neste tempo-espaço, condicionado pela prática do futebol.

Este universo social, do qual as “escolinhas” de futebol fazem parte, constitui fonte mal conhecida e amplamente divulgada, o que acaba por cristalizar representações sociais adjacentes à homogeneização das práticas específicas realizadas nos treinos. O que acaba por obscurecer a compreensão das “escolinhas” de modo mais detalhado, além de dificultar o entendimento dos princípios que estruturam a complexidade das ações e realizações que são construídas nesses centros de práticas corporais e esportivas, assim como demonstramos no caso do projeto social araraquarense. Guardadas as suas particularidades, esse projeto

encontra ainda ressonância em outros modelos de experiências relativas ao futebol no Brasil, e que precisam também ser explorados.

*P*arte II

DETLA/AMODAB/SÃO CAETANO: o poder público, a sociedade civil e a iniciativa privada

Neste capítulo, será apresentada outra possibilidade de arranjo institucional dentro do modelo das “escolinhas” de futebol referendado no cenário futebolístico atual: a Associação Desportiva São Caetano, de caráter privado, pertencente à empresa Winner’s Company, entidade que atua prestando consultoria, assessoria, administração e planejamento em esportes, ou seja, uma empresa que agencia e gerencia jogadores, através de contratos profissionais com clubes de futebol nacionais e internacionais²⁷. A “escolinha” de futebol da A. D. São Caetano foi escolhida por sua ampla repercussão no cenário futebolístico de Araraquara, gozando de certo *status*. Além disso, firma parceria com o poder público da pequena cidade de Américo Brasiliense²⁸, através do Departamento de Turismo e Lazer (DETLA), bem como com a Associação de Moradores Desportistas de Américo Brasiliense (AMODAB), entidade sem fins lucrativos que organiza eventos e competições esportivas de caráter amador; formando a tríade DETLA/AMODAB/São Caetano²⁹.

A empresa Winner’s Company mantém parceria com o clube de futebol São Caetano, pertencente à cidade de São Caetano do Sul na região metropolitana de São Paulo, do qual conseguiu concessão para uso de sua imagem oficial, aumentando o imbricamento entre as esferas e revelando uma complexa rede de ordenamentos institucionais que orienta as ações dessa nova forma de se vivenciar e reproduzir a experiência sócio-cultural do futebol.

²⁷ Cf. Brunoro, J. C. & Afif, A. *Futebol 100% profissional*. São Paulo, ed. Gente, 1997 e ASSIS, C. D., *A Verdadeira dor de atleta: o esporte a serviço do poder econômico*. São Paulo, ed. Pulsar, 1997.

²⁸ O Município de Américo Brasiliense possui área territorial de 123,429 km², localiza-se na região central do Estado de São Paulo, tendo como cidades limítrofes, Araraquara, São Carlos e Santa Lúcia. Pessoas residentes em 2001: 29213. www.americobrasiliense.sp.gov.com.br – 04/10/2004.

²⁹ Na verdade o que procuro é “(...) alcançar o conjunto de pontos de vistas (e de posições sociais) que formam uma configuração social, e compreender a natureza dos laços de interdependência que unem, separam e hierarquizam indivíduos e grupos sociais.” (NEIBURG, *in*. ELLIAS, 2000, p. 9).

Pretendo discutir as implicações dessas parcerias (certamente, sem esgotá-las), a partir das entrevistas e do trabalho de campo realizado; ambos servirão de suporte para as análises comparativas com o modelo apresentado na Parte I desta dissertação.

É possível adiantar, a título de esclarecimentos iniciais, que o escritório da empresa Winner's Company está situado na cidade de Araraquara e sua propriedade é de três³⁰ sócio-empresários. Um deles é ex-atleta profissional de futebol, atuou em vários clubes, inclusive no próprio São Caetano, segundo depoimento do próprio empresário; o que foi imprescindível para a concessão do uso da marca em sua “escolinha”. Os outros dois sócios, ainda em atividades no futebol, congregam passagens por clubes de maior expressão; um deles recorda a passagem pelo Santos Futebol Clube como o auge da sua carreira, embora ambos atuem, hoje, em clubes de menor expressão no cenário esportivo nacional, no interior do país.

O grande foco da empresa é o agenciamento e gerenciamento de jogadores de futebol, e seu interesse na “escolinha” da A. D. São Caetano aponta para a possibilidade de descobrir, preparar e inserir novos jogadores em clubes profissionais, firmando contratos e recebendo uma parcela dos benefícios auferidos.

Essa possibilidade integra-se às expectativas de boa parte dos alunos-jogadores e também dos seus pais, que buscam ascensão social familiar através dos filhos, constituindo variadas formas e alternativas de interferir no processo de formação de novos jogadores através do trabalho realizado pela AMODAB junto à referida “escolinha”.

A associação é uma das responsáveis pela arrecadação de recursos financeiros que viabiliza as disputas de campeonatos de futebol, imprescindíveis para a formação dos jogadores, além de interferir nos assuntos das políticas públicas municipais junto às autoridades locais.

³⁰ Há ainda a participação, menos intensa, de dois (ex)jogadores: ora apresentados como parceiros, ora como proprietários. Percebe-se aí uma tentativa de reconversão através da sua inclusão no circuito de relacionamentos, já que suas carreiras estão chegando ao fim, pois quando estão desempregados, auxiliam no trabalho da “escolinha”; quando firmam contrato com algum clube de futebol profissional, deixam suas funções.

Por outro lado, as “escolinhas” de futebol apontam para um cruzamento de significações. Se do ponto de vista dos proprietários, dos professores, de alguns pais e alunos, esse espaço se constitui num centro de excelência para a obtenção das qualidades necessárias para o desenvolvimento da prática futebolística em busca da profissionalização; há também um grupo significativo de jovens alunos que não buscam nas “escolinhas” uma relação tão instrumental, mas guardam com ela nexos que transcendem essa instrumentalidade. Ou seja, na ótica de um número considerável de alunos-atletas, as “escolinhas” de futebol constituem-se num espaço de lazer, comunicação, descontração, que se traduz na busca de relações com o outro, na criação de laços superficiais ou duradouros, como fazer e encontrar amigos ou simplesmente cuidar do corpo, emagrecer e manter-se em atividade. Enfim, as “escolinhas” apontam outras possibilidades de interação social a partir da multiplicidade dos atores que a compõem, e tem na sociabilidade esportiva seu fundamento primeiro.

Pode-se admitir que, a partir desta sociabilidade tecida no espaço das “escolinhas” (tendo o futebol como pano de fundo), alguns jovens trocam significados e ampliam seu universo social, elaborando, de forma singular, sua inserção na sociedade. Na verdade, jogar bola está no domínio da sociabilidade mais imediata desses garotos: em casa, na vizinhança e na escola; o que a “escolinha” faz é promover o futebol à instituição, trazendo precocemente alguns valores para dentro do domínio lúdico infantil, tais como os valores do trabalho e todo o corolário que isso representa.

Descortinar essa intrincada e complexa rede de relações sociais tecidas no cotidiano, tendo o futebol como eixo ordenador e aglutinador de interesses ora comuns, ora conflitantes, será de grande valia para o entendimento das regularidades desse fenômeno esportivo moderno, bem como dos reordenamentos futuros que ainda possam assumir.



Fig. 5 – Treino da “escolinha” do São Caetano no Estádio Municipal Joaquim Justo – Américo Brasiliense – SP.

A Tríade

A Escola de Futebol DETLA/AMODAB/São Caetano (“escolinha” São Caetano, daqui por diante) surgiu da iniciativa dos seus proprietários e do então secretário municipal de esportes da cidade de Américo Brasiliense:

A escolinha surgiu porque já era um sonho antigo, desde que iniciei meu trabalho aqui na cidade há mais de vinte anos. Você sabe que venho desenvolvendo as escolinhas de futebol da Prefeitura desde 1984, hoje com mais de 1.500 alunos-atletas, mas o trabalho aqui é social, lazer e recreação. Até desenvolvemos alguns trabalhos na parte técnica, mas é muito pouco. Queremos mesmo é desenvolver a modalidade, ensinar as regras, valores, incentivar a estudar, sem dar muita importância para a formação de jogadores, competição, essas coisas. Mas eu queria também ir além, queria formar uma equipe profissional aqui na cidade, disputar campeonatos da 3ª divisão e por aí. Mas a Prefeitura nunca apoiou muito, sabe, eu entendo... é caro manter um time profissional. Então, conheci o F. e ele estava aí com essa idéia de montar uma escolinha para formar jogadores e tudo mais, então percebi que era a chance certa. Conversamos, acertamos e aí está.
(Secretário do DETLA).

É possível perceber, pela fala do secretário do DETLA, que já havia condições básicas necessárias para o surgimento da parceria, pois a Prefeitura vinha desenvolvendo as “escolinhas” de esporte há mais de vinte anos, e certamente já dispunha de estrutura física e pessoal para o desenvolvimento da parceria.

Ressalto ainda que, ao perguntar a um professor que trabalha tanto nas “escolinhas” do DETLA-Prefeitura, como na “escolinha” do São Caetano (como é conhecida), acerca do funcionamento da parceria, as percepções se confirmam.

Funciona assim, a Prefeitura fornece os campos de futebol, o estádio municipal e também os campos dos bairros. Fornece também parte do material esportivo, como bolas, cones, cordas, redes, computadores, papel, transporte, essas coisas. E os caras lá da Winner's, ajudam também com os materiais que faltam, pagam os professores, uniformes... e também tem a associação que paga o combustível quando vamos viajar para competir, paga horas-extras para o motorista que é da Prefeitura, como a Prefeitura não pode pagar, porque é lei, sei lá, então a associação paga. Paga também o lanche, alguns materiais de primeiros socorros, caso alguém se machuque no jogo.
(Professor das “escolinhas” DETLA e São Caetano).

As conexões desta complexa rede de relacionamentos, chamada de ‘parceria’, evidenciam como a escolinha pode ser percebida por diferentes agentes sociais, passíveis de múltiplas significações. Creio que ficará mais claro com uma passagem extraída do meu diário de campo:

Na data de 08/10/2005, acompanhei a escolinha do São Caetano em uma viagem à cidade de Ribeirão Preto, para dois jogos válidos pelo campeonato regional amador (categorias nascidos até 1991 e até 1993) contra as equipes das categorias de base dos clubes de futebol do Comercial e também do Botafogo, ambas da cidade local, na qual protagonizam um dos principais ‘dérbis’ do interior paulista. Duas equipes tidas como muito fortes por suas performances e por representarem as futuras gerações dos seus clubes.

No ônibus, além dos jogadores, dos professores e dos proprietários, havia também alguns pais de alunos-atletas (integrantes da AMODAB). O jogo representava um momento importante para todos, porque era simbólico jogar contra as principais equipes da competição.

Em conversa com o pai de um dos alunos-atletas, soube de sua insatisfação com relação ao que vinha ocorrendo com o seu filho, pois além de pagar a escolinha e, como membro da AMODAB, trabalhar nas freqüentes campanhas destinadas à arrecadação de recursos para financiar as competições, seu filho não havia jogado partida alguma. Ao protestar com os professores, foi esclarecido sobre o fato de seu filho ter baixa estatura para a posição em que atuava (goleiro), além de não apresentar adequada motivação durante os treinos, nos quais, por vezes, faltava. Todavia, o pai associado não se conteve e insinuou reclamar com a associação, com o executivo municipal, e tirar o filho da escolinha se a situação continuasse. Ele estava acompanhando a viagem para assegurar que seu filho atuaria nesse jogo tão importante para todos.

Conversei também com um dos professores sobre o potencial dos jovens, e ele foi enfático que todos no grupo tinham potencial para se tornarem jogadores profissionais: precisariam melhorar algumas imperfeições, mas todos poderiam alcançar o profissionalismo.

Quando questionado sobre a presença dos pais, o professor, um tanto quanto constrangido, apressou-se em justificar que não há como todos jogarem, pois “temos que escolher onze jogadores e temos mais de cinquenta em cada equipe, é difícil, mas os pais acham que porque pagam o seu filho tem que jogar e não é bem assim. Hoje, por exemplo, é um jogo decisivo: se perdermos, estamos eliminados da competição, e se ganharmos, vamos para as quartas de finais. Só vai jogar quem estiver bem, tranquilo, não tiver com medo.

Não sou eu quem ‘escalo’ o time, a palavra final é do professor (...) (este é o professor mais experiente do time e responsável pela escalação dos jogadores), mas ajudo e ‘pego no pé’ dele. Digo: Vai jogar quem estiver melhor!”(professor auxiliar da escolinha do São Caetano).

Conversei com o professor principal sobre o impasse.

“Pois é. É muito difícil... o menino não vai agüentar. O jogo de hoje é muito difícil, eu já coloquei em outros jogos contra times mais fracos e ele não foi bem. Ele é rápido, mas muito baixo para a idade, naquele campo oficial, ele vai sumir dentro do gol, vai ser engolido. Mas é complicado, se ele não jogar, o pai vai reclamar com vereador, ele é da associação, vai dar problema.” (professor principal da escolinha do São Caetano).

Na hora da escolha do time, conhecida como a ‘entrega das camisas’, o jovem pivô do impasse recebeu, do professor principal, o uniforme de goleiro, mediante clara insatisfação e reprovação do professor auxiliar (franzia a testa, olhava para baixo balançando a cabeça, sorria com tom irônico, andava de um lado para outro).

Percebi sua estratégia, quando o principal jogador do time, um jovem esguio e sorridente, constrangeu-se em não receber a camiseta de número 10. Parecia ter como certa sua escalação, por julgar-se um dos melhores do time, e naquele jogo tão importante não imaginou ficar no banco de suplentes. Em seu lugar, o professor principal escalou um jovem tido como dedicado na marcação, ‘guerreiro’, como se diz na linguagem dos boleiros.

A estratégia, confirmada depois do jogo pelo próprio professor, seria: “Pensei em surpreender o time deles (adversário). No primeiro tempo, colocar um time mais de marcação, deixar o jogo corrido, brigado, correr muito e cansar bastante. Com o sol muito forte e um time mais defensivo, coloco o goleiro que o pai insiste em ver jogar. Na segunda etapa, vamos com força total. Troco o goleiro, tiro um zagueiro e coloco o nosso camisa 10.

“Então era para ser assim, no primeiro tempo: defesa, e no segundo: ataque.” (professor principal da escolinha do São Caetano).



Fig. 6 – Ansiedade dos jovens alunos-atletas observando o jogo dos seus adversários antes do início da partida São Caetano x Botafogo (Ribeirão Preto – SP).

Antes do início da partida, por volta das 13 horas, o professor auxiliar fez a preleção (espécie de palestra, dotada de oralidade entusiasmada, na qual se explicitam as estratégias do jogo e expõem-se as funções de cada jogador), exigindo garra, devoção à camisa do São Caetano, empenho, força; enfim, fala caracterizada pela tentativa de contagiar os jovens jogadores.

O jogo realizou-se em um clube na cidade de Ribeirão Preto (SP), sede da Associação Desportiva da Polícia Militar do Estado de São Paulo. Um campo com terreno muito irregular, a grama muito rala, cheio de espaços sem ou com pouca grama, dificultando o trato com a bola. A técnica ficava em segundo plano, sobressaindo uma modalidade de jogo mais viril, com uma intensidade maior de contatos corporais.

Logo, parte da estratégia se confirmara, pois com o seu jogador mais técnico entre os suplentes, o professor principal protegia seu pupilo até os ânimos se acalmarem um pouco, fruto do cansaço físico que em breve abateria os jovens jogadores devido ao sol muito forte.

O jogo inicia muito dinâmico, com muitas faltas, trombadas e chutes não só na bola.

Mas a equipe adversária percebe a superioridade física e técnica dos seus jogadores e, sob as ordens do técnico, aproveita para alçar insistentemente a bola na área da equipe do São Caetano e não demora muito para um jogador desviá-la, fazendo-a passar sobre as mãos do pequeno goleiro. Era o primeiro tento da equipe do Botafogo F.C.

Após o reinício da partida, nada muda e podemos resumir, a termo, a primeira etapa: a equipe do São Caetano marcando muito forte e fazendo muitas faltas, a do Botafogo, por sua vez, continuava alçando bolas na área adversária.

Já no final da primeira etapa, a equipe do Botafogo recebe uma falta próxima à área de meta adversária e, na cobrança, a bola novamente passa sobre as mão do pequeno goleiro que não consegue alcançá-la. Era o segundo gol da equipe local.

No intervalo, o técnico auxiliar comenta as falhas, as estratégias e diz que agora tudo será diferente. No início da segunda etapa, a equipe do São Caetano troca seu goleiro e entra o meia-atacante que tinha a missão de comandar a virada do jogo.

A segunda etapa pode ser resumida como um jogo bem mais cadenciado em comparação à primeira, mas mesmo assim continuou bastante intensa a movimentação, sobretudo pela participação dos pais nas arquibancadas que faziam muito estardalhaço e exigiam mais e mais dedicação dos jovens atletas, interferindo, de algum modo, em suas performances.

A equipe do São Caetano conseguiu equilibrar e dominar a partida com muitas jogadas próximas da meta da equipe do Botafogo, sobretudo com as jogadas do meia-atacante que entrara há pouco, mas não conseguiram marcar nenhum gol. Finalizando a partida com a vitória da equipe local pelo placar de 2x0.

Na preleção final, feita pelo professor principal, ele se culpa pela derrota, alegando que optou em colocar, na primeira etapa, jogadores tecnicamente inferiores, não conseguindo reverter o placar adverso. Elogiou alguns garotos, afirmou que outros deveriam melhorar e se dedicarem mais aos treinamentos, e finalizou com orações.

Antes da nova partida, agora entre São Caetano e Comercial (categoria até 1993), conversei com um dos proprietários da escolinha do São Caetano que acompanhara o jogo. Ele afirmou que já sabia da estratégia do professor principal e concordava com ela, pois era preciso ceder em alguns pontos.

O meia-atacante, em quem todos depositaram suas esperanças de reverter o placar adverso, não correspondeu às expectativas, mas teve sua atuação minimizada, pois segundo o proprietário da escolinha: “O garoto jogou bem. Sabe o que é que foi? O cara entrou e o jogo já estava 2X0 e ele já entrou desanimado, até que tentou, mas quando viu que o time era muito forte e não seria fácil empatar a partida, ele foi desanimando. O sol também está muito forte ele cansou...”.

Concluiu que não dava para ganhar sempre, que era difícil administrar as expectativas dos pais, dos atletas que queriam jogar, e a experiência do professor principal ajudava na conciliação que necessitava o grupo.



Fig. 7 – Professor passa instruções para jogadores do São Caetano durante a partida.

A passagem acima indica, no que tange à parceria que estamos discutindo, no domínio do gerenciamento e da razão prática que orienta esse tipo de empreendimento, que alguns elementos imponderáveis acabam sendo deixados de lado. A etnografia procurou resgatar esses pequenos, mas significativos, dramas na carreira desses garotos: a presença ostensiva dos pais, a luta entre o professor e o pai por uma certa hegemonia do saber futebolístico, a idéia de que também se trata de um trabalho social, que não coaduna com o espírito competitivo que orienta escolher os melhores (o que coloca sempre em suspeita a parceria entre poder público e privado); ou ainda a questão do pai que resvala na política, uma vez que parece ter certa relação com o vereador, capaz de constranger e tencionar as relações em jogo.

Buscamos, então, simbolizar a dinâmica que está para além do jogo propriamente dito, ou seja, as relações tecidas, mediante o termo da ‘parceria’, combinam uma série de variáveis que lança mão dos diversos significados e dos interesses que se fazem na trama do cotidiano.

A tríade DETLA/AMODAB/São Caetano congrega esses elementos. Em um primeiro momento, a associação de moradores parece contribuir na viabilização das competições, promovendo auxílios de várias ordens a uma instituição privada e, por isso, apontar, sob um

olhar apressado, para uma espécie de uso maniqueísta, por parte dos proprietários da “escolinha” do São Caetano e do poder público, de sua estrutura. Posteriormente, foi possível presenciar a própria associação galgando o seu espaço de intervenção dentro da estrutura da “escolinha”, exigindo, mediante constrangimentos, que alguns de seus interesses também façam parte dos processos e das tomadas de decisões.

Essa é uma disputa em que os resultados não estão dados e dependem das variações das circunstâncias nas quais são concretizadas. Não quero afirmar, ingenuamente, que todos os interesses são contemplados, mas é possível afirmar que esse campo revela-se fértil, do ponto de vista analítico, para vislumbrarmos as possibilidades de rearranjos, nas quais a tríade se constrói.

Por outro lado, o DETLA, representado pelo poder público, articula e disponibiliza os bens públicos para a “escolinha” do São Caetano. Ao mesmo tempo, busca legitimidade através da oferta de políticas públicas de esporte e lazer voltadas para as populações pobres, sintetizadas nos termos ‘tirar as crianças das ruas’, ‘exercer a cidadania’ ou ‘formar o cidadão’. Além de operar conjuntamente, tal qual visto na primeira parte, para a sua ‘segunda natureza’: a possibilidade da profissionalização da atividade esportiva como meio de ascensão social das classes populares (uma coisa sempre ingênua, diga-se de passagem, com ou sem “escolinha”).

O poder público, atualmente, vem sofrendo constrangimentos de toda ordem no que tange à oferta de políticas sociais que visam atender às demandas da sociedade. Especificamente nas políticas de esportes e lazer, o poder público busca parcerias com diversos organismos, especialmente com ONGs, associações e empresas privadas. Esse modelo ficou conhecido pelo termo de ‘colaboração’ entre a sociedade civil e o Estado (MELO, 2005).

No senso comum, essa nova modalidade de relação ficou conhecida como ‘projetos sociais’, e está freqüentemente ligada a artistas, empresários, atletas e personalidades que procuram implementar, nas áreas mais pobres dos centros urbanos, esse modelo de organização social que assimila e dissimula os seus interesses privados. Evidentemente, são esses mesmos que, geralmente, recorrem ao poder público solicitando financiamentos para o desenvolvimento das políticas públicas de esporte e lazer. O termo ‘responsabilidade social’ ilustra a busca das organizações privadas no controle, gestão e desenvolvimento das ações voltadas para as populações de baixa renda, tendo nas práticas esportivas o elemento propulsor desse mecanismo de intervenção voltado às crianças e adolescentes.

Dentre os muitos exemplos, podemos citar a ‘Fundação Gol de Letra’, dos ex-jogadores Raí e Leonardo. Em uma rápida passagem pelo site da Fundação, é possível vislumbrar esses mecanismos:

Em dezembro de 1998, Raí e Leonardo deram o pontapé inicial para a realização de um sonho que nasceu da força da amizade. Enquanto jogavam no mesmo time e dividiam as conquistas, ambos vislumbravam a possibilidade de oferecer oportunidades de acesso à educação e à cultura para crianças de baixa renda.

O contato com esportistas que não tiveram essa chance, e passaram por diversas dificuldades para conquistarem o sucesso, reforçou a idéia de investir na formação ampla e usar o esporte como uma das linguagens, inserida no contexto metodológico para o crescimento individual e coletivo.

Colocar esses ideais em prática, porém, exigiu muito mais do que a vontade de apoiar a transformação social. A Fundação procurou pessoas e grupos como o Instituto Ayrton Senna, o Cenpec, a Casa do Teatro, a Fundação Abrinq para absorver novos conhecimentos e criar a metodologia e a linha pedagógica da instituição (...). O apoio financeiro do BNDES e da Fundação Kellogs alavancaram a reforma e a preparação da infra-estrutura local, um prédio cedido pelo Governo do Estado de São Paulo.

Em agosto de 1999, a Fundação Gol de Letra abriu suas portas com o início do projeto Virando o Jogo. Desde então, crianças com idade entre 7 e 14 anos, integrantes do projeto freqüentam atividades de complementação escolar. Artes plásticas, dança, teatro, leitura e escrita, informática e esportes são as linguagens utilizadas para despertar um novo olhar para o mundo, estimulando o prazer de aprender e de transformar a realidade.

Mas as crianças não são o único foco de atuação da Fundação Gol de Letra. Os adolescentes também são personagens da nossa história. O projeto Cara da Vila foi o trabalho pioneiro com jovens. Reunidos em oficinas de vídeo, hip hop, teatro e fotografia,

*eles pesquisaram a história do bairro e transformaram as novas descobertas em expressões artísticas de cada linguagem (...)*³¹.

No discurso corrente das lideranças políticas, essas parcerias revelam a importância dos projetos sociais como ampliação do acesso das camadas sociais excluídas às atividades educativas pautadas nos ditames esportivos vislumbrados como mais benéficos e eficazes.

Por sua vez, o poder público pode ou não executar os projetos sociais. Quando não, esforça-se em criar condições, financiar, incentivar e pouco interferir no desenvolvimento desses projetos, deixando um terreno fértil para a cristalização de interesses particulares nos caminhos que serão trilhados, tal qual o caso da “escolinha” do São Caetano. Os interesses dos agentes sociais envolvidos na concretização dos projetos ganham contornos de sucesso esportivo através da profissionalização, superação da pobreza e ascensão social.

Esse é o quadro apresentado pelo objeto estudado nesta dissertação. Em geral, quando o poder público se encarrega do desenvolvimento dos projetos sociais, acaba por fazê-lo de modo a convergir o esporte em instrumento pedagógico, em recreação, em educação esportiva/física, em ocupação do tempo livre e em elemento de educação corporal. Não conheci, até o momento, um projeto social que buscasse a formação de atletas. Na verdade, ocorre aí uma reserva moral que impede tal feito, aparecendo apenas como segunda possibilidade, ‘caso algum menino se destaque’; ou seja, acenar com a possibilidade de profissionalização consiste num chamariz para o projeto de “escolinhas”, uma propaganda implícita, mas que os agentes sociais sabem que é um engodo e que o acesso ao futebol profissional depende também de outros fatores.

Evidentemente, esse esboço é apenas uma tentativa de explicitar as duas ênfases, visto que, nos projetos estudados, essas concepções não estão dissociadas, sendo acionadas alternada ou conjuntamente, dependendo do momento e das condições para sua realização.

³¹ <http://www.goldeletra.org.br/historico.php>. Acesso em 21/03/2007.

A “escolinha” do São Caetano recebe um montante significativo de crianças e adolescentes que se entregam de ‘corpo e alma’ (WACQUANT, 2002) na busca pela profissionalização. Esse montante é viabilizado pelos inúmeros contatos que mantém com outros agentes, pelos 1.500 alunos das “escolinhas” do projeto desenvolvido pela Prefeitura, somados ao número total de seus próprios alunos, cerca de 200 (esses pagam taxas que variam entre R\$ 12,00, para alunos da “escolinha” da Prefeitura que se matriculam na “escolinha” do São Caetano, e R\$ 35,00 para todos os outros)³². Além disso, usufrui (e se isenta dos investimentos necessários) da estrutura pública constituída desde 1984, como foi salientado nas falas do professor e do secretário do DETLA.

O que permite o agenciamento - e os benefícios financeiros que daí demandam - é a disponibilidade dos meninos. Por isso ela é constantemente reconstruída a partir da possibilidade de profissionalização que é colocada de maneira bastante peculiar, como se estivesse ao alcance de quase todos os meninos. As estratégias são variadas, mas pude presenciar algumas. Uma delas consiste em treinar com atletas que já estão inseridos em categorias de base de clubes profissionais, considerados como próximos da profissionalização.

Quando os proprietários da “escolinha”, que também são agentes-empresários de jogadores profissionais, possuem relação contratual com algum menino em fase de profissionalização (que já participa de treinamentos, jogos e competições por equipes profissionais de destaque no cenário futebolístico), esse menino é, por vezes, colocado para treinar com os outros alunos da “escolinha”, no intuito de alimentar-lhes a ambição do ‘eu também posso’. Frequentemente, diz-se que o atleta está esperando alguma competição

³² Segundo informações de um dos proprietários, a “escolinha” não é lucrativa, pois a maior parte dos alunos tem descontos na mensalidade, por motivos variados: uns porque não podem pagar, outros por terem indicações de terceiros; enfim, uma variedade de justificativas. “A escolinha não dá prejuízo, mas também não dá lucro. Ela vive no limite. As pessoas que estão de fora acham que isso aqui é uma mina de ouro, mas não é. Tudo o que entra de recurso vai para pagar os salários dos professores e comprar material esportivo”. (entrevista com proprietário da “escolinha” São Caetano em 25/04/2005).

importante e irá viajar em breve, por isso veio passar alguns dias na casa de pais ou parentes na cidade ou região, e participa das atividades da “escolinha” para não ficar sem treinar.

Essa estratégia é contagiante, pois os professores enfatizam a possibilidade de todos a partir de frases articuladas, como: “Olhem só! O fulano treinava aqui com a gente, como vocês, e agora está no time tal”. Esse mecanismo é capaz de gerar um sentimento de pertencimento e estimular a identificação, reafirmando a possibilidade de alcançar o tão desejado e sonhado acesso ao profissionalismo.

Esse discurso do “eu posso” coaduna com a ética da auto-ajuda, disseminada em vários domínios: do proselitismo de algumas denominações religiosas às palestras de sucesso empresarial, do discurso de técnicos de futebol à popularização de certas áreas do saber, tais como certo ramo da psicologia esportiva.

Talvez por isso, não raras as vezes, vemos aparecer na mídia a crescente procura por ex-atletas profissionais para realização de atividades para além dos ditames esportivos (como palestras empresarias), na qual a ênfase acaba centrada na busca de uma origem social comum, respaldada por uma ética do trabalho, do esforço e da superação, corroborada com o prestígio e o sucesso. Deve ficar claro que esse discurso é capaz de operar também na perspectiva da individualização do êxito, negando qualquer possibilidade de restrição das estruturas sociais nas trajetórias dos indivíduos.

Outra estratégia interessante e bastante eficaz é realizar jogos com as categorias de base dos times profissionais e convidar ‘olheiros’ de clubes reconhecidos no cenário futebolístico para assistir e avaliar os seus meninos que, eventualmente, possam ser convidados a fazer testes nos respectivos clubes.

Pude presenciar um desses jogos, no qual um dos proprietários da “escolinha” do São Caetano convidou um ‘olheiro’ do Clube Atlético Paranaense (PR), visando à possibilidade de interesse em algum menino.

Eu já tinha contatos com ele (olheiro). E numa conversa nossa ele me falou que no Atlético (PR) estavam precisando de goleiros, pois aqueles meninos que vinham jogando não estavam muito bem. Então eu ofereci uma oportunidade para ele ver nossos meninos. Ele aceitou e então, acertamos tudo. Fiquei responsável por todas as despesas dele.

Ele veio, assistiu aos jogos e veja só que coisa. O nosso melhor goleiro estava com a mão machucada e não vinha jogando, estava na reserva. O outro menino que vinha jogando estava muito bem, fazendo boas defesas e ajudando o time.

Veja só! Quando acabou o jogo e eu perguntei o que ele tinha achado dos meninos. Ele respondeu que eram bons, e perguntou sobre aquele que estava na reserva. O menino nem tinha jogado, ele não viu o menino jogar e disse que gostaria de levá-lo ao Paraná para alguns testes.

Eu falei que o menino era muito bom, jovem, apenas quatorze anos, tinha altura de mais de um metro e noventa centímetros, rápido, negro e bastante forte. Não vinha jogando porque havia machucado a mão num jogo.

Acertamos tudo. Levei o menino até o Paraná e agora ele está passando por vários testes. Se o clube gostar, vamos levar os pais e assinar um contrato. (Proprietário da “escolinha” do São Caetano).

É preciso tornar claro que não se trata de evidenciar ‘vítimas’ e ‘exploradores’ dentro desse processo. O que estamos mostrando é que se trata de um jogo complexo, no qual os resultados não são dados anteriormente, mas são negociados a partir dos interesses que se sobrepõem, de acordo com as situações concretas e a partir do lugar social que ocupam. A partir do exposto, podemos universalizar essas análises, mas elas também devem desdobrar-se e ganhar suas particularidades, dependendo dos contextos em que são realizadas.

Os que não buscam profissionalização...

As experiências que tem no futebol seu elemento primeiro podem apresentar múltiplas significações. Diante disso, seria interessante apontar para outro ponto de vista, geralmente deixado de lado nas análises de processos sociais, priorizando a visão daqueles que detêm o controle institucional em detrimento daqueles que apenas usufruem. Neste caso, procuramos entender a visão dos alunos-atletas, para percebermos se suas expectativas eram as mesmas dos professores, dos proprietários e dos pais. Ou seja, se suas buscas pela participação nas “escolinhas” estavam ligadas diretamente à profissionalização.

Como dito anteriormente, para os proprietários, professores, pais e também para maior parte dos alunos, a “escolinha” do São Caetano aparece como um espaço imprescindível para o aprimoramento das técnicas corporais que, associado a outros fatores como Q.I.³³ e sorte, pode ser decisivo no caminho que leva ao profissionalismo.

Conforme afirmação feita anteriormente pelo professor da “escolinha” do São Caetano, todos os alunos-atletas possuem potencial para se tornarem jogadores profissionais, embora precisem melhorar algumas imperfeições (o que enfatiza e alimenta a importância do seu próprio trabalho como instrutor). Isso nos leva a crer que todos os alunos da “escolinha” estão buscando (ou ‘sonhando’, como dizem) a profissionalização. O trabalho de campo, porém, mostrou outras possibilidades.

Assistindo aos treinamentos da “escolinha” do São Caetano, pude observar que havia, entre os alunos-atletas, meninos que não dispunham dos mesmos capitais corporais que outros no trato com a bola, ou seja, havia diferenças gritantes entre as incorporações das técnicas e os saberes transmitidos.

³³ Denominação nativa e jocosa de Quem Indica: termo que se refere aos contatos feitos por pessoas com *status* no universo do futebol, que podem assegurar a inclusão dos alunos-atletas em clubes de futebol profissional.

Aproveitei uma oportunidade para conversar com o pai de dois meninos que assistia aos treinos, e ele foi enfático ao contradizer a observação do professor, indicando que nem todos os meninos da “escolinha” almejam o profissionalismo (embora, também ainda não tivessem desistido do sonho).

Na perspectiva desse pai, os dois filhos treinavam, mas apenas um deles alimentava o objetivo de profissionalizar-se, investindo muito, movido a partir das expectativas de seus círculos de amizades que as reforçavam. Já o outro filho, estava na “escolinha” para se divertir, passar o tempo, fazer amigos, não engordar.

Ele estava meio gordinho, então, o médico mandou fazer exercícios. Aí eu resolvi trazê-los para cá, o mais velho porque quer ser jogador, já o mais novo é só para correr um pouquinho, brincar...

Procurei então conversar com os dois meninos para confirmar as ponderações do pai.

Eu quero ser jogador de futebol, é meu sonho, por isso estou aqui. Eu poderia jogar em outro lugar, no clube. Mas venho aqui porque acho que tenho mais chances.
(Aluno da “escolinha” do São Caetano)

Já o outro menino pensava diferente:

Ah, eu venho aqui (na escolinha) porque é legal. Eu adoro jogar futebol. Não gosto de ficar em casa, prefiro vir aqui. Depois da escola, venho para cá. Tenho alguns amigos aqui, é muito gostoso.
(Aluno da “escolinha” do São Caetano).

Aqui, a “escolinha” do São Caetano aparece de modo diverso daquele apregoado pelos seus responsáveis. Para esse menino, e certamente também para outros, a “escolinha” está mais próxima da idéia de um espaço de lazer, de ‘zoar’, de fazer e encontrar amigos, ou simplesmente de cuidar do corpo, emagrecer, manter-se em atividade. Seria uma espécie de ‘institucionalização’ da sociabilidade juvenil no contexto urbano, que parte da re-significação

da rua como mecanismo operatório valorativo do futebol (cuja centralidade está dada pela congregação de alguns princípios de certa concepção estilística do aprendizado da técnica: a informalidade e a espontaneidade do futebol de rua ou de várzea), e o coloca em sentido inverso: a rua tende a cristalizar o espaço da impessoalidade. Além disso, essa ‘institucionalização’ amplia o discurso da violência, reduzindo o entretenimento no domínio da rua e dos espaços público de modo geral. Conduzindo, dessa forma, ao discurso ufanista da modernidade pedagógica, cuja concepção de socialização das crianças e adolescentes deve passar pelos espaços agora tidos como legítimos: entidades, fundações, ONGs, clubes, escolas, sindicatos, igrejas; enfim, os espaços ‘institucionalizados’ em que a sociabilidade fica colocada em outros termos.

A partir da visão do irmão (mais velho), o menino procura, na “escolinha” do São Caetano, um espaço de ampliação de seu universo social, ou ainda um lugar ‘para tirar onda’; ou seja, sua relação com a escolinha é mais fluida e menos extenuante e instrumental.

Ele não leva a sério, usa o uniforme até para ir à escola. É para ‘tirar’ uma de jogador, impressionar as menininhas...

Levar a sério e dedicar-se à execução dos treinamentos parece não ser a tônica de todos os meninos da “escolinha”. Para alguns, a “escolinha” se traduz em objetivos distantes e, por vezes, contraditórios daquelas que buscam a profissionalização.

Outra passagem ajuda a ilustrar os argumentos, pois, a partir da observação dos treinos, pude perceber que havia três meninos com deficiência auditiva, sendo dois irmãos (gêmeos) e que, visivelmente, não dispunham das técnicas corporais no nível da maioria dos outros alunos. Procurei interrogar os professores a este respeito.

Esses três meninos fazem parte do lado social que desenvolvemos aqui. Às vezes as pessoas pensam que aqui é só para ganhar dinheiro, formar jogador. Não, também fazemos esse

trabalho social, igual ao das escolinhas da Prefeitura. Damos oportunidades para meninos como esses que foram indicados pela APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) e, devido a sua idade, não podem mais participar das escolinhas da Prefeitura. O que íamos fazer? Deixá-los na rua? Não, é claro que não. Os professores da APAE nos disseram que seria importante para o desenvolvimento deles, conviver com outros meninos da mesma idade, jogar futebol, que é a coisa que eles mais gostam. Um deles nem paga a mensalidade e a AMODAB ainda comprou o uniforme.

(Professor da “escolinha” do São Caetano).

É possível, ainda, vislumbrar nitidamente essa tensa divisão entre “social” e “profissional”, presente na fala anterior. Pelas colocações, é perceptível que os requisitos à prática do profissionalismo são entendidos, pelos agentes sociais, como atributos da individualidade dos garotos, que somente progridem porque possuem as qualidades corporais e morais. É como se já estivessem nascidos prontos, bastando apenas lapidá-los. Outros estão ali para compartilhar suas deficiências corporais (gordo, baixo etc) e morais (o garoto pode até ser ‘bom de bola’, mas é preguiçoso, não treina como se deve, não se cuida, não tem vontade). Essa é uma idealização do atleta profissional e de como deve ser trabalhado. Conseqüentemente, reservam, aos garotos que não preenchem esses requisitos, ‘o trabalho social’, ou seja, a prática esportiva bricolada e institucionalizada.

Parece ainda que, para boa parte dos alunos-atletas, as “escolinhas” não se resumem a um espaço destinado à obtenção das disposições necessárias a essa modalidade esportiva, transcendendo assim, o seu uso meramente instrumental. E é justamente a partir desse consumo simbólico, permeado por uma espécie de ‘sociabilidade protegida’ (c.f. WACQUANT, 2002), tecida no seu espaço, que as “escolinhas” de futebol acabam se constituindo em lugares de trocas e vivências, atendendo a demandas específicas que possibilitam aos jovens trocarem significados e ampliarem seu universo, elaborando, de forma singular, sua inserção na sociedade (cf. FRUGOLI JR., 1992).

Os significados do ensinar/aprender a jogar futebol

Muito freqüentemente, surge uma questão que instiga as representações sobre o aprendizado do futebol, ligada à maneira como ele é vivido no Brasil. As “escolinhas” realmente ensinam a jogar futebol, ou se trata apenas de uma apropriação de recursos econômicos que ‘instrumentaliza’ essa singular experiência sócio-cultural?

A resposta não é unívoca, nem tampouco simples. Para tentar respondê-la, é preciso tomar partido na tensa relação que se estabeleceu entre os diferentes métodos de aprendizagem, ou seja, os modelos mais espontâneos, cristalizados nas ruas e nas peladas, e os modelos mais formalizados, cristalizados nas “escolinhas” e nas categorias de base dos clubes profissionais. Creio que seria melhor tentarmos, antes, identificar os significados desse ‘ensinar/aprender’ a jogar futebol. Pois somente através desse complexo sistema de práticas incorporadas é que será possível tecermos algumas considerações.

Neste capítulo, procuraremos enfatizar os atributos mais valorizados dentro das concepções de se jogar futebol. Buscaremos analisar, a partir do sistema simbólico dos agentes sociais, os meandros que distinguem um “bom” jogador de um jogador “perna de pau” (jogador de baixa qualidade técnica), e todos os conflitos que daí emanam.

Serão avaliadas e problematizadas as qualidades apontadas pelos técnicos para que um determinado jogador possa ocupar uma posição específica dentro do campo de jogo, bem como as dificuldades a serem superadas por aqueles que não possuem tais atributos.

Recairemos num impasse de ordem bastante especulativa e intrigante no universo do futebol: o pé esquerdo. Discutiremos o rendimento simbólico que envolve os canhotos, as posições que ocupam e as que não devem (podem) ocupar dentro do cenário futebolístico, além das dimensões ligadas ao bem e ao mal, ao sagrado e ao profano, ao bendito e ao maldito; enfim, parte da cosmologia e do universo simbólico dos agentes sociais, fruto da

representação social que alude ao sistema de signos que permeia, especificamente, à prática futebolística.

Ao procurar entender como funciona o sistema de ensino-aprendizagem do futebol no Brasil, tomando como objeto as “escolinhas” de futebol do entorno araraquarense, recaímos em categorias nativas que serviram de base para a compreensão desse intrincado e complexo sistema de transmissão e incorporação das técnicas corporais.

Estou me referindo ao sistema simbólico que orienta e intermedeia as ações práticas dos agentes sociais no seu cotidiano. Qual seria, então, esse sistema de signos que baliza as ações práticas dos boleiros?

Apesar de ser um sistema complexo e em constante re-elaboração, procurei destacar algumas categorias (a saber: trabalho, família, religiosidade e masculinidade) que podem ajudar, ilustrar e compreender as ações que orientam o que venho chamando de *lógica da prática* (BOURDIEU, 2005). As análises que se seguem foram tecidas a partir de uma distinção bastante clara entre os agentes sociais, mas também bastante problemática e divergente quanto às definições conceituais: O que diferencia um ‘bom’ de um ‘mau’ jogador de futebol? Ou na linguagem nativa: O que diferencia um moleque ‘bom de bola’ de um ‘perna de pau’?

Em suma, neste capítulo, daremos ênfase à ordenação simbólica dos agentes que vivenciam o futebol, fato muito importante para entendermos o amplo e intenso processo de racionalização das práticas corpóreas em tensa relação com os seus aspectos mais espontâneos.

O sistema simbólico dos boleiros: família/trabalho, religiosidade-dom e masculinidade

Família/trabalho

Os agentes sociais, produtos e produtores do universo do futebol, tal qual pude acompanhar em trabalho de campo por mais de um ano, tomam-no como medida de ordenação de suas experiências. O universo do futebol é o eixo basilar na mediação para a constituição de sua visão de mundo; é nele e a partir dele que investigamos os meandros que norteiam o sistema simbólico de parte das classes populares.

Seguindo as análises sobre a moral dos pobres (SARTI, 1996), é a partir da família, do trabalho, da religiosidade³⁴ e da masculinidade (GUEDES, 1998) que poderemos melhor compreender as ações que orientam a vida dos agentes sociais, geralmente oriundos das frações das classes populares, pressuposto para interpretação de suas experiências.

A família parece ser um dos focos centrais das ações dos boleiros. Em inúmeros momentos, por mais variados que sejam os assuntos, a família é tema recorrente. Ela é a motivação que encoraja e ampara os jovens a seguir ou não nas incertas empreitadas rumo à profissionalização. É a família que legitima a busca incessante, traduzida nos termos ‘ajudar’ a família a ‘melhorar’ de vida. É também a ela que se recorre quando algo não vai bem. Em suma, é por isso que afirmam que a família é ‘sagrada’:

Por que quero ser jogador de futebol? Porque quero ganhar dinheiro, mudar de vida, ser alguém, poder ajudar a minha família (...). Uma vez falei para minha mãe, um dia vou te dar uma casa...

(Aluno da “escolinha” do São Caetano).

³⁴ A autora trabalha também com a variável ‘vizinhança’ que aqui foi excluída pelo recorte analítico escolhido. É preciso deixar claro que não pretendemos realizar uma revisão pormenorizada das categorias analíticas propostas pela autora, e sim retomá-las, imprescindivelmente, à medida que auxiliem na compreensão do que estamos tentando demonstrar.

Essas afirmações encontram ressonância em alguns programas esportivos televisivos, em geral, e nas ‘mesas redondas’, em particular. Sugiro uma observação mais atenta ao programa ‘Terceiro Tempo’, apresentado pelo jornalista Milton Neves, exibido pela Rede Record de Televisão, aos domingos à noite. No programa, são recorrentes as matérias que procuram resgatar as trajetórias dos jogadores de futebol, valendo-se de depoimentos que seguem uma narrativa com intenso apelo dramático, de familiares e amigos.

Essas matérias jornalísticas provocam, nos agentes, um sentimento de identificação, visto que não foram raras as vezes que ouvimos, em seus comentários, alusões, com forte teor emocional, a essas matérias.

Talvez por isso sejamos levados a admitir que a

“família não é apenas o elo mais forte dos pobres, o núcleo da sua sobrevivência material e espiritual, o instrumento através do qual viabilizam o seu modo de vida, mas é o próprio substrato de sua identidade social. Em poucas palavras, a família é uma questão ontológica para os pobres. Sua importância não é funcional, seu valor não é meramente instrumental, mas se refere a sua identidade de ser social e constitui o parâmetro simbólico que estrutura sua explicação do mundo” (SARTI, op. cit. P. 33).

No caso das “escolinhas” de futebol que se encontram atreladas ao processo de formação de atletas, é preciso mediar as colocações da autora, pois a família muitas vezes condensa uma instância ambígua na medida em que se apresenta como esteio moral, mas também como presença ostensiva que gera uma série de obrigações aos alunos-atletas. Não raras as vezes, pude presenciar, tanto nos treinos como nos jogos, a exacerbação dos pais, próximos ao campo em que seus filhos estavam jogando, enunciando uma série de incentivos e reprovações no que tange à participação dos mesmos.

Fica patente que a família, ao mesmo tempo em que subsidia as necessidades materiais (roupas, materiais esportivos, alimentação) e morais (incentivo, reprovações, acalento), também constrange, exige, cobra, sobrepujando o processo de formação na medida em que

excede, de maneira arbitrária, as expectativas geradas em torno da busca pela profissionalização dos filhos.

Entretanto, tendo a família como forte elemento valorativo, pois é a partir dela que se constitui a mediação entre indivíduo e sociedade, fica fácil entendermos a importância que a categoria ‘trabalho’ assume nas classes populares. O trabalho surge como o elemento central da constituição de uma certa masculinidade hegemônica (porque alude à identidade valorativa do homem-trabalhador, operando conjuntamente com outras categorias explicativas como honra, coragem, virilidade, sacrifício). Além de ser mediador da autoridade na rede familiar, pois é por intermédio dele que o homem busca a afirmação do papel de provedor da família. Não apenas de garantir a sobrevivência material, mas, sobretudo, a força simbólica que o coloca como mediador com o mundo externo, ou seja, prover, invariavelmente, proteção e respeito.

Religiosidade-dom

Esses valores morais que balizam o sistema simbólico dos grupos populares são corroborados pela religiosidade que cerceia as experiências cotidianas, fazendo surgir uma ‘ordem sobrenatural’, um ‘outro mundo’, no qual ‘Deus’ (e toda a cosmologia que emula) “seja parte constituinte de sua ordenação do mundo” (SARTI, op. cit. p. 83).

É assim que surgem as explicações sobre os imponderáveis que integram o mundo social, em que Deus aparece como entidade cosmológica-explicativa e como elo central entre as vicissitudes que permeiam as estruturas sociais e não encontram ressonâncias nos modelos explicativos que operam na compreensão da realidade em que vivem. Portanto, a religiosidade é a chave operatória dos ajustes necessários para mediar as explicações do mundo concreto.

A ‘ordem sobrenatural’, por exemplo, é o elemento mais acionado pelos agentes sociais quando interrogados sobre os mecanismos de operação que incidem nas transmissões

dos saberes práticos pela via da incorporação das técnicas necessárias às performances do futebol.

A transmissão é mediada através da categoria do ‘dom’. Uma singularidade que é entendida como dádiva divina; um presente de Deus: “O menino é craque, ele tem o dom”, “eu era abençoado, tinha o dom”.

O dom aparece como qualidade presenteada, aleatoriamente, por entidades cosmológicas, cuja propriedade diferencia e aparta os homens. Nascer com um “dom” é ser portador de uma qualidade (e não dádiva) específica que explica e justifica os grandes feitos da humanidade. No caso do futebol brasileiro, geralmente, é a linha divisória e impiedosa que separa os jogadores comuns dos ídolos, ou melhor, separa os ‘pernas-de-pau’ dos ‘craques’.

No Brasil, o “dom” representa, em certa medida, a explicação ou inclinação para o sucesso; todavia, ele é quase sempre seguido por concepções fluidas que cerceiam seu significado, podendo assumir variadas correlações, entre elas: dom-habilidade, dom-qualidade, dom-talento, dom-capacidade, dom-mérito.

Em matéria veiculada pelo programa Fantástico, exibido pela Rede Globo de Televisão, na data de 29/01/2006, sobre a comemoração dos 40 anos do jogador Romário, transmitiu-se uma frase em que o jogador enfatizava sua trajetória no futebol: “Quando eu nasci, papai do céu falou: esse é o cara!”

A frase do jogador Romário enfatiza os princípios do dom, esse presente divino que circunscreve na trajetória do jogador uma qualidade essencial que o diferencia dos demais jogadores de futebol, elevando-o à categoria de ‘craque’: aquele que decide o jogo, que faz a diferença e alcança feitos que poucos jogadores, na história do futebol, conseguiram realizar. Na assertiva do jogador Romário, ele seria um predestinado ao sucesso, ou seja, seu destino foi traçado por forças divinas que, em momentos decisivos, fazem-se imperar através de seu futebol.

Essa dimensão cosmológica da prática do futebol é colocada à tona para explicar as façanhas realizadas por poucos jogadores, como no caso de Romário. Ou seja, um jogador cuja trajetória é marcada por feitos importantes no universo futebolístico, em momentos decisivos para alcançar a vitória em uma partida. A problemática ganha força quando, em casos como o do jogador Romário, há resistência em se adaptar aos intensos treinamentos para melhorar seu desempenho, recaindo na afirmação de que um jogador predestinado pode dispensar ou minimizar os treinamentos.

Essa visão, embora seja corroborada por inúmeros agentes sociais que se dedicam à prática futebolística, é também midiaticizada quando colocada frente ao modelo de racionalização de treinamento moderno, cujo eixo está centrado na rotinização exaustiva dos treinamentos. A frase proferida por um professor da “escolinha” do São Caetano: “Só o treinamento leva à perfeição”, revela o impasse em questão, ou seja, o sucesso que engendra o alcance de resultados dentro da dinâmica do futebol está relacionado, por um lado, aos excessivos métodos de treinamento e, por outro, às forças divinas que imperam sobre os destinos dos jogadores mediante os aspectos do dom.

No entanto, é preciso diferenciar o uso sócio-antropológico do ‘dom’ ligado à troca do uso do ‘dom’ enquanto categoria nativa, no qual está mais ligado às disposições necessárias à prática do futebol. Esta ressalva é importante para não tomarmos um pelo outro, confundindo as duas noções, embora elas estejam interligadas.

No senso comum, o ‘dom’ aparece como qualidade corporal que pode ser estendida, ou não, como qualidade moral: é o caso dos jogadores que jogam muito bem, mas não se cuidam na medida em que o esporte exige, ou seja, ingerem bebidas alcoólicas, não comem adequadamente ou usam drogas. Esse comportamento é entendido como limite para sua progressão na aprendizagem. Além disso, essa concepção de ‘dom’ está vinculada à esfera do sagrado, porque contém algo de incomensurável, intangível do ponto de vista de sua

socialização. Assim, não se transmite nem se troca; ele é quase inato, intransferível e individual, de outra ordem.

Portanto, não são raras as vezes em que ex-jogadores demonstram seu interesse em perpetuar o ‘dom’ que possuíam quando jogavam, acenando para a possibilidade de sua transmissão³⁵. Nesse sentido, o ‘dom’ alcançaria a noção de troca, mas, ainda assim, haveria algo de intransferível, pois um resíduo permaneceria na pessoa que tem o ‘dom’, e que não pode passar.

De qualquer forma, a idéia do ‘dom’ que vem de Deus e que tem que ser passado adiante, remete-nos às suas qualidades intrínsecas como forma de troca. Trata-se, no entanto, de uma troca intangível (não são mercadorias que se trocam em condições equivalentes), posto que o aluno nunca será igual ao professor, mas se for, é porque tem mais ‘dom’ que o professor.

Por sua vez, na noção do ‘dom’ enquanto troca, estabelece-se sempre uma relação hierárquica, pois sempre há alguma desigualdade. No nível futebolístico, essa desigualdade revela quem tem, em maiores proporções, as habilidades que chancelam os outros a atribuírem o ‘dom’ para alguém; já que, na raiz, o ‘dom’ vem de Deus: um ser supremo que é melhor do que aquele que recebeu o ‘dom’. Então, não basta achar que se tem ‘dom’, é preciso ser legitimado pelos outros, por isso é uma qualidade individual, mas na medida em que é legitimado socialmente. De qualquer forma, essa noção do ‘dom’ enquanto categoria

³⁵ Nas “escolinhas” da Prefeitura de Araraquara, são muitos os ex-jogadores profissionais que objetivam transmitir, agora como professores, seus ‘dons’ e suas experiências acumuladas no futebol. Podemos citar: Mauro Pastor, Dama, Miltoninho e Rosa. Na “escolinha” do São Caetano, além dos proprietários, é possível citar o nome de Wilson Carrasco, que trabalhou na “escolinha” até o ano de 2005, como bem mostra a matéria “Carrasco uma carreira gloriosa” do Boletim Informativo do DETLA/AMODAB/São Caetano, de maio de 2005, p. 4: “Dedicação, perseverança e confiabilidade foram determinantes para que esse grande jogador, nascido na fazenda Santa Maria, em Rincão, e adotando Américo Brasiliense como sua terra natal, passasse por algumas das principais equipes do futebol brasileiro. (...) Entre elas Ferroviária, Santa Cruz, Portuguesa de Desportos, Sport de Recife, Cruzeiro, Botafogo (...), Londrina, (...). Hoje técnico e passando sua experiência para todos os alunos da Escola de Futebol DETLA/AMODAB/São Caetano, da cidade de Américo Brasiliense, onde realiza um grande trabalho”. Para mais detalhes, conferir Apêndices.

sócio-antropológica procura transcender a mera qualidade individual (biológica, inata) que está na raiz da explicação nativa a respeito do ‘dom’.

Masculinidade

Na tentativa de delinear os princípios que norteiam esse complexo sistema simbólico, é lícito apontar para a questão da construção do ser masculino, não apenas como forma de ordenar, mas também de se inserir no mundo.

A constituição da masculinidade como sistema operatório condensa a capacidade de demarcar fronteiras simbólicas (oposição complementar - casal - ao feminino) e permite cristalizar certas práticas sociais. É a partir disso que podemos vislumbrar o processo contínuo de construção do/no corpo no qual se aprende “a ser homem”.

É possível assegurar que, embora se tratando de realidades tão diversas como a sociedade Cabila e a nossa,

“o mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes. Esse programa social de percepção incorporada aplica-se a todas as coisas do mundo e, antes de tudo, ao próprio corpo, em sua realidade biológica: é ele que constrói a diferença entre os sexos biológicos, conformando-os aos princípios de uma visão mítica do mundo, enraizada na relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres, ela mesma inscrita, com a divisão do trabalho, na realidade da ordem social. A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros” (BOURDIEU, 1999, p. 18-20).

Coelho (2006), seguindo o mesmo autor, ao reportar-se mais especificamente à questão de gênero nas atividades esportivas, vai além.

“Para ele, a sociedade está organizada segundo o princípio androcêntrico, o qual pressupõe e prescreve a dominação do princípio masculino (ativo, penetrante) sobre o princípio feminino (passivo, penetrado) e implica no tabu da feminilização, isto é, a maior ansiedade com relação à homossexualidade,

para os homens, está na identificação com o feminino. Assim, a pior humilhação para um homem consiste em ser transformado em mulher, estando inclusos aqui os deboches a respeito de sua virilidade, bem como as acusações de homossexualidade. Segundo ele, a virilidade é uma noção relacional, construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino” (COELHO, 2006, p. 7-8).

Corroborando ainda,

“Segundo Moore (2000), os discursos sobre sexualidade e gênero freqüentemente constroem mulheres e homens como tipos diferentes de indivíduos ou pessoas; por exemplo, indivíduos do gênero masculino são retratados como ativos, agressivos, impositivos e poderosos, enquanto que indivíduos de gênero feminino são vistos como essencialmente passivos, fracos, submissos e receptivos. Geralmente polarizadas por um olhar dicotômico, masculinidade e feminilidade, além de opostas, são vistas como divergentes, pois para cada lado dessa construção são conferidos atributos e qualidades que exprimem mais diferenças do que similitudes e complementaridades.

No entanto, se gênero é, fundamentalmente, uma construção social e, portanto, histórica, teríamos de supor que esse conceito é plural, ou seja, haveria conceitos de feminino e de masculino, social e historicamente diversos. Assim, para além da binaridade dos conceitos, uma vertente da antropologia – a pós - estruturalista – identifica uma pluralidade de concepções de homem e mulher no interior de uma sociedade, bem como a diversificação dessas concepções conforme a classe, a religião, a raça, a idade. Além disso, admite que os conceitos de masculino e feminino se transformam ao longo do tempo, e que os mesmos podem se interpenetrar, configurando diferentes composições (Louro, 1996:10 apud Altmann, 1998; Moore, 2000).

Masculinidade e feminilidade não são gêneros sociais que são produzidos simplesmente por homens e mulheres, com cada um executando seus gêneros sociais apropriados: homens executando a masculinidade e mulheres executando a feminilidade. Há sempre cruzamentos, há sempre mulheres que executam a masculinidade e homens que executam a feminilidade. Assim sendo, o “gênero masculino” tem sido produzido tanto por homens quanto por mulheres e vice-versa. Uma questão importante é a de quais seriam as diferenças entre a masculinidade masculina e a masculinidade feminina. Sabe-se que a masculinidade feminina é um tipo de gênero periférico, um gênero de minoria e que não tem o peso do poder político e do poder social atrás dele. Assim, a masculinidade masculina é o que chamamos de gênero dominante, enquanto a masculinidade feminina é um gênero minoritário (Halberstam, 1996).

Para Moore, a existência de múltiplos discursos de gênero dentro de um mesmo contexto social significa que um discurso que enfatiza a natureza oposicional e mutuamente exclusiva das categorias de gênero (homem X mulher, masculino X feminino) pode existir ao lado de outros discursos que enfatizam a natureza processual, mutável e temporária da atribuição de gênero. A coexistência de múltiplos discursos, contudo, produz uma situação em que os diferentes discursos de gênero são hierarquicamente ordenados, na qual modelos de masculinidade e de feminilidade hegemônicos sobredeterminam masculinidades e feminilidades alternativas. O futebol, por exemplo, deve ser entendido como um ritual coletivo onde se opera o culto de um determinado tipo de masculinidade hegemônica” (Helal, 1997).

Esse modelo de ordenação do mundo apóia-se, sobretudo, na observação direta das diferenças entre os sexos, acentuando-as e deixando em segundo plano as semelhanças (GUEDES, op. cit. p. 118). Portanto, os grupos populares estudados fundam no corpo um dado modelo de operador simbólico que permite construir-se enquanto pessoa (masculino e feminino).

Consequentemente, como descrito acima, não nascemos homens (ou mulheres), mas aprendemos a sê-lo através do processo de socialização, no qual se enfatiza a construção social dos corpos e têm-se como eixo os mecanismos de auto-identificação. Tal processo é centrado na oposição/negação da idealização do que é entendido como o ser feminino, o que recai na valorização de algumas categorias explicativas entendidas como pertencentes à esfera da masculinidade, como valentia, virilidade, força física, velocidade, coragem, habilidade e sacrifício.

As análises de Toledo (2004) sobre os mil corpos do rei Pelé contribuem com um fragmento do texto de Décio de Almeida Prado, para elucidar o que venho tentando demonstrar:

“Há jogadores de inteligência e jogadores de físico, jogadores cerebrais e jogadores musculares. Jogadores elegantes e jogadores efectivos. Jogadores clássicos e jogadores de improvisação. Jogadores que preparam e jogadores que concluem. Pelé é a síntese improvável de todas essas qualidades contrárias. É perfeito em tudo: velocidade; força; coordenação de movimentos; cálculo do tempo e do espaço; visão global do campo; antecipação da jogada adversária; combatividade; inteligência, coragem” (Almeida Prado *apud* Toledo, 2004:154).

O futebol aparece como *lócus* dessa trama, dado pela interação coletiva dos corpos masculinos num intrincado sistema simbólico que conjuga as categorias explicativas, as quais são geridas pelos próprios agentes que as congregam, aprendendo e exercitando a masculinidade, mutuamente.

Creio que podemos voltar agora à questão da diferenciação entre o jogador ‘bom’ e o ‘perna de pau’³⁶.

Diante do exposto, espero ter deixado claro que algumas categorias como família, trabalho, religiosidade e masculinidade perfazem o sistema simbólico de parte das camadas populares, pois julgamos ser de extrema importância o seu entendimento para a compreensão das ações concretas dos agentes sociais.

Observando os treinos e conversando com os agentes sociais (empresários, professores, diretores, alunos e pais), podemos destacar algumas argumentações que auxiliam no entendimento da diferenciação entre o ‘bom de bola’ e o ‘perna de pau’:

Diferenciar um menino ‘bom’ de bola dos outros é fácil, pois desde muito cedo o garoto já se destaca no meio dos outros de sua idade. Ele já tem o jeito de jogador desde pequeno. Você olha e sabe só pelo jeito que ele bate na bola, então você fala: esse vai ser jogador! Você olha e percebe algumas qualidades como chutar com os dois pés. A maioria tem dificuldades em usar as duas pernas. Tem garoto que ‘mata’³⁷ a bola direitinho.

O meu filho, por exemplo, ele tem sete anos. Você joga a bola e ele chuta como um jogador, com o lado do pé e não de ‘bico’. Então, toda a família já fala: esse vai dar jogador! Toda a minha família joga futebol. Meu pai e meu irmão jogaram muito tempo, não como profissionais. Eu cheguei ao profissional, mas parei cedo por causa de uma contusão grave no joelho. Mas eu não sei explicar bem, a gente que vive no meio do futebol, tem vivência, quando vê um moleque ‘bom’ já fala: esse vai!

Tem moleque que já é malandro desde pequeno, sabe empurrar, puxar, meter a mão na cara do adversário – para proteger a bola-, sabe ‘cavar’ (sinônimos: simular, enganar, representar, teatralizar) faltas (...) esses dias eu estava apitando um jogo em um clube aqui da cidade e tinha um garoto que fazia tudo isso que eu estou te falando. Então, eu cheguei para ele e falei: Não adianta você ficar se jogando. Você é esperto, mas eu sou mais que você e não vou marcar essas faltas. Aí ele falou: Tudo bem, professor. Valeu!

Quer dizer, se é um juiz que nunca jogou futebol não iria perceber...
(Coordenador técnico nas “escolinhas” de Araraquara).

O professor da “escolinha” do Selmi-Dei foi mais enfático:

³⁶ O jogador que não possui as qualidades técnicas valorizadas nas performances do futebol: aquele que tem deficiência nos fundamentos básicos, como o passe, o chute, o drible. Sinônimos: pernetta, grosso, cabeça de bagre.

³⁷ Na linguagem nativa, ‘matar’ a bola significa dominá-la, acolhe-la e não deixá-la escapar ao seu controle quando receber um passe. Essa técnica de controle da bola exige bastante destreza do jogador, por isso é muito valorizada entre os boleiros.

A gente bate o olho e já sabe. O garoto já tem jeito. Bate na bola assim (movimentos com os pés, simulando um passe com a parte interna no pé).

Olha aquele garoto. É o M. Ele está aqui (na escolinha) há um tempão e não aprende um fundamento. Ele chuta a bola ‘de bico’³⁸. Eu já mostrei a ele, falei para virar o pé na hora do chute, do passe. Mas ele não consegue, ele vira todo o corpo, não consegue virar só o pé. Eu tenho meninos que já estão aqui comigo há quatro anos e não aprendem...

Alguns trechos merecem destaque, visto a amplitude simbólica que evidenciam.

Inicialmente, a facilidade em afirmar as qualidades técnicas de uma criança, levando em conta sua precocidade ao demonstrar semelhança com as proezas realizadas por jogadores mais avançados na aprendizagem, expressos nos termos ‘jeito de jogador’.

Então, jogar futebol é corresponder a certas expectativas, como o ‘jeito’ de bater na bola. Que ‘jeito’ será esse? Evidentemente, não será o chute ‘de bico’, e sim aquele representado pela flexão da perna, direcionando o pé no momento da execução do movimento. Essa ação é elementar para aqueles que estão nos estratos superiores da hierarquia das técnicas corporais futebolísticas, mas demanda um complexo ordenamento do corpo para sua realização. É preciso flexionar os joelhos³⁹, equilibrar-se sob uma perna e liberar a outra para lançar a bola, enquadrar o corpo, precisar a força, movimentar o pé e manter o dorso na mesma posição, afastar e impulsionar os braços no exato momento.

A facilidade na percepção do ‘bom de bola’ credita-se à experiência prática e é atribuída à fluidez na realização de movimentos complexos a partir de tenra idade, o que enseja uma disposição necessária à instrumentalização do corpo para pô-lo a serviço do futebol. Na perspectiva contrária, temos, conforme o depoimento do professor das “escolinhas” de Araraquara, o garoto que

está aqui (na ‘escolinha’) há um tempão e não aprende um fundamento. Ele chuta a bola ‘de bico’. Eu já mostrei a ele, falei para virar o pé na hora do chute, do passe. Mas ele não consegue, ele vira todo o corpo, não consegue virar só o pé.

³⁸ Chutar de ‘bico’ expressa lançar a bola com a parte frontal do pé, o que incorre em uma reprovação das qualidades técnicas dos jogadores, independente do êxito da ação.

³⁹ Cf. DAMO, 2005, p. 162.

Ou seja, aquele para quem a aprendizagem demanda outras temporalidades, métodos e limitações singularizadas, resultando na descrença, na culpabilidade da inoperância corpórea, da inabilidade esportiva, em suma, “esse não leva jeito”.

Destaque também para o papel da família, que se apresenta como foco central na socialização esportiva, emitindo juízos, apreciando, corrigindo ou reprovando todas as ações e condutas. Geralmente, a família de ex-boleiros participa continuamente para a afirmação das qualidades essenciais.

A malandragem aparece como categoria valorativa, na qual o uso do corpo é indício da identificação com o modelo tipo-ideal do ‘bom de bola’. A malandragem é, também, corroborada pelo exercício do sacrifício e da virilidade. Atitudes como empurrar, puxar, ‘meter’ a mão na cara do adversário e saber ‘cavar’ faltas ostentam mais virilidade que outros usos do corpo: esquiva, leveza, bailado, ginga, esperteza. Além disso, o ‘ser’ malandro desde pequeno condensa a idéia de naturalização das práticas socialmente construídas, enfatizando os aspectos biológicos na constituição da infância como um processo.

É possível perceber, pelas falas acima, alguns aspectos que a categoria ‘malandragem’ engendra: ela pode, ou não, ser valorizada pela família, que a legitima como um indício de que o garoto ‘pode dar certo’ no futebol. A categoria está ligada, também, à dimensão da masculinidade, visto que evidencia a preponderância de certos aspectos (sacrifício, vitalidade, virilidade) na disposição do corpo durante as disputas futebolísticas. Daí a percepção de que quando um jogador, por melhor que seja, é menos afeito às explicitações da masculinidade, recai sobre ele, ou sobre o time, os pejorativos referentes à homossexualidade (por exemplo: ‘bicha’, time de ‘frescos’ etc.). E, finalmente, a malandragem aparece na noção do ‘dom’, enquanto categoria presentada por Deus, constituída como atributo da individualidade.

Enfim, o ‘bom de bola’, aquele que ‘tem jeito’, opera as técnicas corporais específicas que são valorizadas no universo do futebol, e está em campo diametralmente oposto ao ‘perna

de pau'. Ambos fazem parte do modelo tipo-ideal cristalizado no sistema simbólico dos grupos populares, que vivenciam a prática do futebol como um referencial para se pensar e ordenar o mundo. Trata-se de um sistema classificatório que alude a campos em disputas simbólicas: o primeiro (estabelecidos) representa a síntese e a antítese das qualidades valorizadas no universo do futebol, o segundo (*outsiders*) implica em uma série de desqualificações pautada em oposição ao primeiro, encontrando no outro o reconhecimento como referencial contrastivo. Essa disparidade evidencia, “sobretudo, as relações de poder e de *status* e as tensões que lhes estão associadas” (ELLIAS, op. cit, p. 16). Enquanto categorias sociais, representam, por um lado, as ações humanas altamente valorizadas; e por outro, a significação de um grupo de condição inferior, de pouco valor para o universo do futebol.

O futebol atual, no domínio do campo profissional, exige, cada vez mais, especializações no que tange às posições desempenhadas pelos jogadores dentro de uma equipe, podendo relativizar as noções do que vem a ser um jogador ‘bom de bola’. Essas especializações estão sendo pensadas à luz das novas metodologias ‘científicas’ aplicadas ao esporte de alto rendimento. Avaliando-as num plano mais geral, poderemos entender como o sistema simbólico dos agentes sociais está sendo consubstanciado por essas definições ‘cientificistas’, traduzidas no termo ‘ciências do esporte’ (fisiologia, nutrição, psicologia, fisioterapia), que dialogam com uma espécie de ‘senso-comum intelectualizado’, ou melhor, ‘cientificizado’.

Registrei, no meu diário de campo, inúmeras definições sobre os atributos específicos mais valorizados pelos agentes sociais das “escolinhas” quando do aprimoramento das técnicas corporais e dos posicionamentos exigidos pelos jogadores em campo. Porém, encontrei-as melhor condensadas nas análises de DAMO (Carraveta, 2001, p. 77-8 *apud* DAMO, 2005, p. 132), sobre as características específicas dos futebolistas, assim descrita:

Tabela 2 - Características específicas prioritárias dos futebolistas

ESPECIALIDADE	CARACTERÍSTICAS PRIORITÁRIAS
Goleiros	Altura, envergadura, dimensão da palma da mão e atitude
Zagueiros	Estatura, imposição funcional, desarme, capacidade de recuperação e antecipação
Laterais	Velocidade, desarme, saída com a bola e capacidade cognitiva
Volantes	Força, desarme, habilidade, capacidade de lançamento e de marcação
Meias	Criatividade, habilidade, domínio técnico, drible e finalização
Atacantes	Habilidade, velocidade, drible e finalização
Atacantes de área	Estatura, imposição funcional e finalização

A partir do quadro, ficam patentes as qualidades essenciais exigidas pelos agentes sociais dos jogadores para fazerem parte de um clube profissional. Essas definições, em parte, confirmam as variáveis mencionadas anteriormente, como força física, virilidade, velocidade e habilidade, evidenciando a maneira pela qual o sistema simbólico é reordenado a partir da ‘cientificização’ das práticas corporais, vistas anteriormente (e em parte ainda o são) como espontâneas.

As incessantes tentativas de afastamento dos modelos espontâneos de formação buscam uma objetivação das práticas sociais que têm na racionalização dos métodos e técnicas o seu fundamento primeiro; é necessário, entretanto, um olhar mais detido sobre sua aplicabilidade.

Diante do exposto, é possível afirmar que o referencial simbólico dos agentes sociais dialoga (ou mesmo determina) com a cientificidade das ‘ciências do esporte’ implementadas no universo do futebol, visto que a fluidez de suas concepções é colocada em perspectivas culturais diversificadas, sendo postas em dúvida, negadas e, certamente, re-significadas.



Fig.8 – “Escolinha” do São Caetano: treinador de goleiros observa a *performance* dos alunos-atletas.

A Preeminência do Pé Direito

Para concluirmos as considerações acerca do sistema simbólico dos boleiros, convém seguirmos as concepções de Hertz (1980) sobre a polaridade entre a mão direita e a mão esquerda, o que aqui ficou esboçado como a polaridade entre o pé direito e pé esquerdo. O texto oferece suporte ao que venho tentando demonstrar, justamente por ater-se ao corpo como *locus* das representações simbólicas, nas quais a religiosidade aparece como princípio ordenador do mundo concreto, mediada pela polaridade entre sagrado e profano.

Estas considerações partiram dos dados recolhidos pelo trabalho etnográfico em que os agentes sociais demonstraram que a oposição entre destros e canhotos está muito além das determinações naturais, perpassando pelos símbolos, interpretações e representações das ações sociais.

Para fazer jus ao que venho afirmando, lanço mão, mais uma vez, de uma passagem do meu diário de campo, quando da observação de um treino na “escolinha” do Selmi Dei, em que pude acompanhar a conversa do professor com um garoto que estava sendo indicado para realizar testes nas categorias de base do único clube de futebol profissional da cidade de Araraquara, a Associação Ferroviária de Esportes (AFE). Iniciei meus questionamentos logo após as recomendações do professor:

Oh, você vai chegar lá (AFE) e vai procurar o P. Não vai falar com ninguém mais. Chega lá e diz: quero falar com o P! Quando ele chegar você diz: eu sou o garoto que o professor (...) te falou. Então ele já vai saber, porque eu já falei com ele.
(Professor ⁴⁰da “escolinha” do Selmi-Dei).

⁴⁰ Talvez seja importante frisar que o professor jogava na posição de atacante, é negro, franzino, baixo (mais ou menos 1,70 cm), rápido com as palavras, terminou o ensino médio, e, segundo suas afirmações, ‘gosta de dizer o que pensa, doa a quem doer’, ‘não gosta de coisa errada e é muito briguento’. Julgo ser importante esse modelo de auto-definição para situar de que posição social suas interpretações são acionadas.

Quando questionado sobre quais os critérios que usou para indicar o garoto para as categorias de base da AFE, o professor alegou muitas das categorias já mencionadas anteriormente como habilidade, drible, técnica e esforço. Além de ser canhoto.

Fiquei curioso com a afirmação e investi: Ser canhoto conta?

Nas palavras do professor: “Claro que conta e conta muito. Canhoto é diferente, é mais técnico, dribla melhor, tem mais habilidade, malandragem”. Perguntei, ainda intrigado, em qual posição o garoto jogava. Ele foi enfático: “Meia-atacante, é claro! Joga pelo lado esquerdo e dá muito trabalho, faz um carnaval!”

A partir daí, iniciou-se as elucubrações sobre as diferenças entre o destro e o canhoto:

O canhoto é bem mais difícil de marcar, porque ele dribla ao contrário. Gira sempre para o lado que o marcador não espera. Quando ele dribla para dentro, sua perna forte vai em direção à perna fraca do marcador, por isso ele sempre leva vantagem. (...) Sei lá, é diferente ver um canhoto driblar(...). Lembra do Rivelino, os dribles que ele dava. E tinha também o Canhoteiro que jogou no São Paulo, era demais. Hoje tem vários: Rivaldo, Denílson, Alex, todos craques. O Pelé era destro, mas chutava também com a (perna) esquerda. O ideal é o jogador chutar com as duas pernas, mas é difícil quem consegue, exige muito treino.

Resolvi levar adiante as considerações sobre a polaridade do uso do corpo no futebol, especificamente das pernas, para testar os caminhos possíveis. Conversei com o professor⁴¹ da “escolinha” do Yolanda e ele esforçou-se para expor suas interpretações⁴².

Sabe, os ‘caras’ vêem um canhoto jogar e já acham que o moleque é bom. Tem muita mística nisso aí. Não é porque é canhoto que é bom de bola, tem um monte de canhoto que é perna-de-pau. Ele é só diferente, não é melhor e nem pior (...). Não me lembro de ter visto um goleiro canhoto, acho que o Veloso do Palmeiras era canhoto (...). Agora, eu já vi muito lateral que era destro jogar do lado esquerdo (do campo), mas nunca vi um canhoto jogar na lateral direita, é esquisito (...) Não, também nunca vi e nem ouvi falar em uma zaga composta somente por jogadores canhotos, mas já vi e já joguei com uma zaga completa formada somente por destros (...) Isso é coisa dos técnicos, é besteira! Acham que porque é canhoto

⁴¹ Já o professor da escolinha do Yolanda jogava na posição de zagueiro, também é negro, mas tem um porte físico apolíneo, mede por volta de 1,90 cm, cursa educação física em uma universidade particular. Fala pouco e comedido.

⁴² Conversei com mais três professores na escolinha do São Caetano e as falas foram tecidas nos mesmos termos destes que transcrevo.

tem que jogar na frente, não serve para jogar na defesa. Aham que dá azar, (...) que o cara vai chutar para o lado errado(...), essas coisas.

Já o professor da “escolinha” do São Caetano afirmava:

É genético. Não tem muita explicação. Uns, a maioria, já nasce com essa predisposição genética e desenvolve mais o lado direito, enquanto outros, mais o lado esquerdo. Você sabia que é ao contrário? Quem é destro é porque tem o lado esquerdo do cérebro mais desenvolvido e quem é canhoto tem o lado direito do cérebro mais desenvolvido.

A partir das falas dos agentes sociais, não seria demasiado lembrar as afirmações de Hertz (*ibdem*, p. 100) sobre as semelhanças entre os pés direito e esquerdo. E, no entanto, quanta desigualdade! Para o primeiro vão às honras, os elogios, o certo, a normalidade, a naturalidade: ele “age, ordena, toma”. Ao contrário, o pé esquerdo, geralmente, está relegado a apenas um auxiliar: o pé de apoio.

Iniciaremos pelo fim, ou seja, pela fala do professor da “escolinha” do São Caetano, que afirma não haver explicação convincente para a oposição, há apenas uma predisposição genética nos indivíduos. Reside aqui um dos mais importantes componentes ordenadores da realidade: a natureza.

É a partir da representação da natureza que o mundo toma forma e, principalmente, sentido. A natureza é entendida como harmônica, embora seja também entendida como destruidora: ela é cíclica, ou seja, destrói, mas reconstrói e ordena a vida. Por isso, ela pode ser tomada como mediadora da vontade de Deus, ou a própria expressão da sua obra.

A idéia da harmonia cíclica da natureza está assentada na construção idealizada da permanência e da mudança, isto é, a mudança é parte integrante da permanência: mesmo com mudanças, algumas coisas permanecem iguais, imutáveis.

Assim, por exemplo, podemos pensar o ciclo da chuva, muito representativo em parte da cultura popular, na qual a água modifica sua forma – líquida, sólida e gasosa – mas sua essência permanece a mesma, eterna.

Essa consubstanciação de um elemento concreto em mítico está expressa também nos modelos de se pensar a organização social humana. A diferença manifesta-se, não no elemento concreto, mas na sua representação, e é acionada como mecanismo classificatório e de identificação, engendrando todo o sistema de hierarquização das estruturas sociais. “Toda hierarquia social afirma estar baseada na natureza das coisas, atribuindo-se assim eternidade e evitando mudanças e ataques de inovadores” (HERTZ, *ibidem*, p. 100).

É por essa lógica que buscamos entender a diferenciação construída pelos agentes sociais entre o pé direito e esquerdo, na qual a preeminência de um deles está ligada aos determinismos do organismo biológico (a predisposição genética), não devendo nada às representações humanas.

Não pretendemos retomar aqui as discussões pormenorizadas de Hertz sobre este tema. No entanto, buscaremos acioná-las à medida que julgarmos necessário para evidenciar nossas afirmações.

Se tomarmos como medida as afirmações do professor da “escolinha” do Selmi-Dei, poderemos facilmente compreender que, embora o pé esquerdo esteja diretamente ligado ao pólo negativo, profano e impuro, cristalizado a partir da construção da ambivalência com o mundo espiritual, ele assume uma conotação valorativa, mesmo não ocupando o terreno do sagrado.

Poderíamos afirmar que o canhoto, dentro do universo do futebol, é valorizado se colocado no ataque do time, talvez por condensar no próprio corpo a personificação das forças do mal. Isso se tomarmos o jogo como uma espécie de luta simbólica entre o bem e o mal, no qual a defesa seria a encarnação da pureza do sagrado, e no campo oposto, o ataque simbolizaria os artificios maléficos do profano (dá muito trabalho, faz um carnaval⁴³).

⁴³ Cf. DAMATTA, 1979.

Essas afirmações encontram ampla margem de manobra no terreno das representações sociais, visto que o canhoto inverte a ordem social, pois ele ‘dribla para o lado contrário’, confundindo a ordenação corrente e correta; leva vantagem por impor uma ação corporal que sobrepõe sua força física ao pólo desguarnecido do adversário (Quando ele dribla para dentro, sua perna forte vai em direção à perna fraca do marcador).

“Os poderes sobrenaturais não são todos da mesma ordem: alguns trabalham em harmonia com a natureza das coisas e inspiram veneração e confiança pela sua regularidade e majestade; outros, ao contrário, violam e perturbam a ordem do universo, e o respeito que impõem está baseado principalmente em aversão e medo” (HERTZ, *ibidem*. p. 107 - 117).

Talvez, por isso, seja entendido como normal se um jogador destro atuar no lado oposto à sua posição dentro do campo, mas seria ‘esquisito’ ver um lateral canhoto fazendo o mesmo, pois, ‘a crença numa profunda disparidade entre as duas mãos (pés, grifos meus), às vezes, chega até a produzir uma assimetria física visível’. Compor a defesa do time com todos os jogadores canhotos, então, seria improvável, pois inverteriam a ordem das coisas de tal modo que poderiam jogar contra o próprio time, ‘chutando para o lado errado’, expressão da aversão e da inquietação causada pelos canhotos no universo do futebol. Portanto, ‘já nos deparamos com esta noção: para a direita é a idéia do poder sagrado, regular e benéfico, o princípio de toda atividade afetiva, a fonte de tudo que é bom, favorável e legítimo; para a esquerda, esta concepção ambígua do profano e do impuro, o fraco e incapaz que é também maléfico e temido.’

Conforme Hertz, apenas o lado direito, por ser parte da natureza das coisas, que está apto à comunicação com os poderes sagrados e, por isso, um espaço sagrado deve ser tocado primeiramente com a parte nobre, pura, sagrada; desse modo, o momento ritual da entrada dos jogadores de futebol em campo, saltando com o pé direito, seria exemplar para corroborar as assertivas acima enunciadas.

Se tomarmos o jogo de futebol como uma disputa simbólica, contrariamente ao homem primitivo, no universo do futebol, o pé esquerdo não está fadado ao âmbito da defesa, ou seja, aquele que ‘segura o escudo’. Reside aqui uma inversão⁴⁴, na qual a defesa é obra do sagrado, portanto, do destro; ao canhoto, reserva-se a dimensão do ataque, da invasão do espaço inimigo, para poder tocá-lo com o mal que inspira. Pois o poder do lado esquerdo “é sempre algo oculto e ilegítimo; inspira terror e repulsa. Seus movimentos são suspeitos,” (*ibdem*, p. 117) e algo tão improvável não pode ser ocupado com a tarefa da proteção da meta, pois o pé esquerdo muito treinado e ágil “é sinal de uma natureza contrária à ordem corrente, de uma posição perversa e diabólica: toda pessoa canhota é um possível feiticeiro, do qual se deve desconfiar justamente” (*ibdem*).

Pompeu, ao reconstruir a trajetória do jogador Canhoteiro, vai ao encontro dessa assertiva quando relata:

“embora o termo ‘canhoteiro’, como regionalismo brasileiro, nordestino, esteja registrado nos dicionários desde o começo do século XX, como sinônimo de ‘canhoto’. (...) Seu apelido é uma derivação de uma derivação. O termo original, vindo do grego, é ‘canho’, e significava coxo, desajeitado, a mesma palavra que deu “acanhado” ou ‘canhestro’. (...) Com o tempo, já indicando o não-destro, recebeu a sílaba adicional para se tornar ‘canhoto’. (...) Afinal, foi o futebol que deu novas funções aos canhotos – desde eras imemoriais considerados seres anômalos -, especialmente nas posições do lado esquerdo do campo. ‘Canhoto’ também é o nome dado ao Diabo. (...) Já disse que o futebol é a salvação dos feios, mas ele, ao lado do tênis e da música instrumental, é também a consagração dos canhotos. Entre os canhotos famosos, ou tidos por canhotos: Paul McCartney, Diego Maradona, Charles Chaplin, Jimi Hendrix, Kurt Cobain, Paganini, Rivelino, Gerson, John McEnroe, Martina Navratilova, Machado de Assis, Picasso, Einstein... Ser canhoto do pé é duas vezes mais comum do que ser canhoto da mão (...). Daí um dos fatores da vantagem que os pontas canhotos, em princípio, gozam sobre os marcadores destros”.

Enfim, é todo esse imaginário do futebol “moleque” brasileiro que reforça e dá vida a polaridade estrutural aludida por Hertz. E se ela é colocada na ordem de uma universalidade, que se quer emprestar à polaridade, ela ganha em densidade histórica no Brasil, em virtude

⁴⁴ Talvez seja essa a situação excepcional a que HERTZ (p. 121) se referia, sobre a preponderância do lado ruim.

das vitórias que conquistamos e todo o *status* que daí emana. Não podemos nos esquecer, ainda, da polaridade futebol ‘arte’ e ‘força’: um mais afeito ao profissionalismo, o outro entre a macumba, a ginga, tudo que pode ser reprovado em termos esportivos, sobretudo pela nova visão que se quer hegemonizar e que estamos discutindo ao longo desta dissertação.

Lógica da prática: a transmissão do conhecimento e a incorporação das técnicas

Neste capítulo, serão discutidos os modelos de aprendizagem do futebol. Isto é, partindo do expressivo sucesso que os jogadores de futebol brasileiros gozam, reconhecendo-se como os ‘melhores’ do mundo, analisaremos o complexo processo de aprendizagem do futebol no Brasil através dos modelos das “escolinhas”, estabilizados nas formas de transmissão do conhecimento prático e incorporação das técnicas assimiladas.

Teceremos alguns nexos apreendidos no trabalho de campo que buscam revelar como as técnicas corporais são fixadas a partir da naturalização das práticas socialmente construídas, o que venho denominando como “lógica da prática”. Buscaremos demonstrar que um sentido como a visão, embora percebido como fenômeno biológico incomensurável, revela-se ligado às práticas instauradas pelos treinamentos específicos, não sendo possível determinar qual sua causa e efeito. Ou seja, as funções biológicas, pelas quais os seres vivos percebem o mundo, estão intimamente ligadas aos modos específicos de percepção da realidade, e são condicionantes e condicionados pela cultura e pela sociedade. Saber ver, ouvir, experimentar e fazer são etapas do aprendizado prático que se entrecruzam com o modelo formalizado de aprendizagem, centrado no saber teórico.

Não se trata, portanto, de uma tentativa de reinventar a roda, mas sim de objetivar a ‘naturalização’ da ação social. Por isso, as técnicas corporais serão avaliadas por seus condicionantes sociais, respaldadas na dinâmica dos treinamentos cotidianos das “escolinhas” de futebol, por meio do processo de ensinar/aprender e praticar, ou seja, transmitir e fixar os ensinamentos socialmente adquiridos. Essa análise poderá ser ampliada para outras formas de transmissão de conhecimentos práticos como danças, lutas, cerimônias religiosas ou ações cotidianas como sentar, deitar e comer, que serão de grande valia para o entendimento da nossa organização social.

Neste sentido, as “escolinhas” de futebol situam-se no limite entre a reafirmação das técnicas de transmissão de conhecimento prático e a aprendizagem teórica (o que parece incabível aos agentes sociais). Ao mesmo tempo em que também rivalizam com as técnicas mais espontâneas de aprendizagem, como a várzea e a pelada (categorias que definem o futebol amador no sudeste), pelo viés da racionalização de seus métodos, em consonância com os aspectos das transformações que a organização administrativa do futebol profissional vem passando a partir dos anos 80 e 90 do século XX.

Opostos e complementares: os dois lados da mesma moeda

O Brasil, entendido como país do futebol, goza de prestígio mundial quanto às qualidades técnicas de seus jogadores. Essa idéia recobre boa parte do senso comum e também encontra ressonância em parte considerável de cientistas do esporte que creditam essa afirmação a uma inclinação ‘natural’ no trato com a bola, como já dito na primeira parte deste trabalho.

Nessa assertiva, teríamos uma fábrica de talentos a disponibilizar os melhores jogadores de futebol à apreciação (e consumo) de um público exigente que lhes recompensa economicamente. Mais do que isso, no Brasil, acreditamos ser os melhores por desenvolvermos uma maneira específica de jogar, conhecida no léxico nativo como estilo ‘à brasileira’ ou ‘futebol-arte’. Estilo permeado pela singularidade de se dispor para a realização do jogo, ou seja, o uso de uma técnica que advém da própria instrumentalização do corpo, que congrega certos princípios: improviso, criatividade, habilidade, ginga, malandragem, capoeiragem, esperteza. Aqui reside a afirmação do uso social do corpo, uma espécie de interface do futebol associado a certas práticas sociais, (GUEDES, 2000, p.130) no qual se destaca valorativamente, durante uma partida, o balançar, o requebrar, o bailar corporal para vencer o adversário, evitando o confronto direto: o drible. Essa auto-percepção também deu conta de afirmar os lugares propícios em que essa construção se dá: a rua. É no espaço da rua que esse estilo seria construído, primeiramente, como despojada brincadeira, conhecida como pelada. Construção que nada teria de planejada, portanto, espontânea, resultado da interação prática entre iguais no processo de socialização infanto-juvenil, fruto da nossa inclinação ‘natural’ com a bola, ou ainda, dádiva presenteada sob o espectro do ‘dom’.

A partir dos anos 60, essa visão começa a ser influenciada por um processo conhecido como ‘modernização’ do futebol, no qual outros elementos entram em cena, colocando essas representações em outros moldes. A participação de outros agentes sociais na organização dos

times (conhecidos como comissão técnica, principalmente especialistas da área da saúde, como médicos, fisiologistas, preparadores físicos, nutricionistas e psicólogos) colocou em cheque as idéias acima expostas, redimensionando a formação e agenciamento dos atletas; como afirmado anteriormente.

Paulatinamente, a ênfase deixou de ser cristalizada na espontaneidade das práticas e passou a priorizar os treinamentos rotineiros e exaustivos. A rua, embora ainda seja valorizada como espaço de aquisição de uma modalidade de técnica corporal, foi também re-significada como lugar ‘perigoso’ e impróprio para a prática do futebol (entendida agora como preparação para o futebol), passando a ocupar uma posição de degradada e degradante: afirmação do caos, da violência, das drogas, do tráfico, corroborando com a degeneração moral das crianças e adolescentes.

São nesses termos que se forma o cenário para o surgimento de novas modalidades de sociabilidade juvenil canalizadas para a prática de esportes. Constituíram-se espaços regidos pela lógica da ‘institucionalização’ da brincadeira, da preparação técnica, física, moral e da hierarquização do conhecimento, não raras vezes, enredado por um caráter teórico-científico, conhecido mediante o termo ‘futebol-competitivo’ ou ‘futebol-força’. Além disso, esses espaços apontam para possibilidade de ascensão social através da seleção voltada à profissionalização esportiva.

O surgimento das “escolinhas” de futebol e seus modelos de formação de atletas estiveram ligados às transformações da sociedade brasileira e também as do futebol em particular, o que resultou num complexo processo que não representou uma passagem teleológica, mecanicamente orquestrada de um modelo de formação espontâneo para outro racional e técnico. Não se trata da superação de uma concepção romântica e idealizada por outra cartesiana, racional, burocrática, técnica e científica. Essas dimensões coexistem em constante tensão, elucidando o imbricamento das ordens existentes; ou, dito de outro modo,

essas duas concepções encontram-se presentes nas “escolinhas” estudadas, constituindo as duas faces de uma mesma moeda: operando alternadamente entre uma e outra, ou, ainda, as duas ao mesmo tempo; o que evidencia não uma sobreposição, mas uma negociação intensa e inacabada.

Não estou querendo negar que há, invariavelmente, uma reconversão das técnicas corporais voltadas aos modelos de futebol mais espontâneos, como as peladas e a várzea, para as mais voltadas ao futebol profissionalizado de alto rendimento. Nem que os modelos de formação de jogadores se inserem nesses espaços com importância considerável, justamente por investir na introjeção de novos agentes sociais orientados por um saber teórico, que passam a questionar (e negar) o modelo de formação espontâneo de ênfase no saber prático acumulado, apontando, para sua superação, uma perspectiva que enseja o uso extenso de tecnologias, planejamentos, disciplinarização, regulação e sistematização do treinamento racionalizado e gerenciado por (ditos) métodos científicos na busca pela otimização do processo de ensino-aprendizagem.

Estou pontuando que, não raras as vezes, os princípios científicos que regulam os modelos de formação voltados ao alto rendimento, estão, quase sempre, ligados às questões biológicas, que acabam por justificar as representações sociais acerca das performances dos jogadores de futebol.

Em um trabalho realizado junto a uma instituição que oferece atividades de esportes e lazer para crianças das classes populares em uma cidade do entorno araraquarense, estivemos envolvidos num impasse que pode ajudar a esclarecer o anteposto. A direção da instituição havia disponibilizado recursos para compra de materiais para a prática do tênis de mesa. Como a professora de educação física estava impossibilitada, naquele momento, de fazer a compra, pedi a minha ajuda, o que prontamente atendi.

Quando retornei com o material, instalou-se um impasse: eu havia comprado, segundo sua opinião, materiais de ‘primeira linha’; ou seja, a rede, as raquetes e as bolinhas eram de boa qualidade. Para minha surpresa, o tom de sua fala representava uma reprovação à minha compra. Resolvi elucidar os motivos e logo os descobri.

A professora de educação física não aprovava a compra porque aqueles materiais não deveriam ser usados para a prática cotidiana, sob o risco de tolher as habilidades dos praticantes. Segundo sua concepção, as crianças eram habituadas a jogar com materiais de péssima qualidade, e daí vinha sua capacidade de criação, sua inventividade. “Porque a necessidade é a mãe da criatividade”, repetia constantemente. Se eles tivessem acesso a materiais de boa qualidade, no lugar de exercitarem a sua criatividade, estariam sujeitos ao conformismo e a inadaptabilidade.

Para justificar suas idéias, evocava diversas concepções científicas, tais como: maior desenvoltura física das crianças pobres do que ricas; maior coordenação motora, resultado das trajetórias de vida ‘mais livres’, vivendo em espaços maiores de circulação e exercitando a flexibilidade do corpo através de subidas em árvores; senso de atenção mais desenvolvido, resultado da adaptação sensorial que a vida exige em situações de conflitos, sobretudo, nos bairros periféricos, susceptíveis à violência física. Esses, dentre outros princípios, partem de uma realidade idealizada, intermediada por conceitos científicos que justapõem lógicas opostas na tentativa de congregá-las.

Essa concepção encontra ressonância também no universo do futebol, como na fala do jogador Rivelino, tal como visto na primeira parte desta dissertação.

Portanto, se o aprendizado das técnicas corporais voltadas à prática do futebol está em sintonia com o universo simbólico dos agentes sociais que o produzem e reproduzem nas atividades cotidianas dos treinos, podemos concluir que não se aprende qualquer técnica, mas sim àquelas valorizadas no meio futebolístico, congregando, se possível, concepções de

lógicas distintas. As técnicas corporais mais valorizadas pela lógica dos profissionais são aquelas que produzem resultados efetivos do ponto de vista do alto rendimento: vencer o adversário, possibilitando maiores chances de marcar, ou evitar que sejam marcados os tentos, sendo imprescindível o resultado final das partidas (TOLEDO, 2002). Por outro lado, há também aquelas que dialogam com a lógica dos torcedores e especialistas, na qual a plasticidade-estética das técnicas corporais, no emprego de enganar o adversário, resulta na exacerbação da emoção, exercendo forte fascínio.

A formação do corpo e a incorporação da técnica

Marcel Mauss (1974), ao fazer a teoria das técnicas do corpo, abriu caminhos para entendermos as formas como os homens se servem de seus corpos a partir de suas culturas e das relações que constroem com o mundo. Possuidor de uma visão sensível e atenta, o autor percebeu as diferentes maneiras de usar o corpo em uma atividade, por exemplo, nas distintas formas e técnicas de nadar, mergulhar, respirar, marchar, cavar, correr, dançar, repousar e dormir.

Mauss nos mostra, ainda, que, para toda técnica corporal, existe um ensino e uma aprendizagem que são transmitidos pela tradição e pela educação de maneira lenta e gradual. E que não são produtos de mecanismos puramente individuais, mas obras coletivas que toda a sociedade constrange, dispõe e impõe aos indivíduos, conforme o lugar social que eles ocupam. Mostra-nos, também, que as técnicas ligam-se, muito facilmente, aos sistemas simbólicos de cada cultura, podendo ser interpretadas de modos diversos. Procuraremos retomar, mais pontualmente, cada tema quando julgarmos necessário.

Ao eleger os treinos das “escolinhas” de futebol como ajustamento prático das técnicas corporais, essas noções guiaram-me, incessantemente, na tentativa de compreender as formas como as técnicas são inscritas nos corpos. Pude perceber, nos treinos, que o corpo é tornado como instrumento a partir da introdução de uma série de mecanismos que disponibiliza aos alunos-atletas das “escolinhas” um capital corporal imprescindível para disponibilizá-lo nos momentos das disputas.

Aqueles que possuem, parcialmente, tais atributos, não estão imediatamente colocados em segundo plano, como poderia se pensar em uma análise apressada. Ocorre que outros caminhos são buscados, tanto para aquisição das técnicas mais valorizadas, quanto para as possibilidades de participação nas partidas. O caso, citado anteriormente, do aluno-atleta que

possui baixa estatura para a posição em que atua (goleiro), e a participação (in)direta do pai na persuasão dos treinadores, é um exemplo a ser levado em consideração.

De qualquer modo, o corpo, ao se instrumentalizar, é também formatado ao longo de todo o processo. De tal maneira que as disposições corpóreas, no início da aprendizagem, aparecem como atos planejados, descoordenados (e por que não dizer, mecânicos?). Com a subsequência das etapas de aprendizagem, as disposições corpóreas vão, paulatinamente, se tornando complexas, o corpo assume uma postura de maleabilidade e poderá ser formatado mediante as escolhas das técnicas que lhe serão dispostas.

A formatação do corpo como instrumento para inculcação das técnicas é evidenciada também em outra passagem singular do meu diário de campo. Lembrando a passagem citada logo acima, do garoto que estava sendo indicado pelo professor da “escolinha” do Selmi Dei para fazer testes nas categorias de base da AFE, o professor lembrava, gabando-se, saudosamente:

E pensar que ele chegou aqui sem saber nada. Nem jogar calçado ele sabia. Jogava na rua, descalço. Quando chegou aqui e colocou pela primeira vez uma chuteira, andava todo torto, parecia que estava de salto alto... (risos).

É importante notar, na fala do professor, que o jovem já havia adquirido nos jogos informais da/na rua algumas técnicas corporais. No entanto, há uma negação do aprendizado dessas técnicas iniciais; além do mais, a jocosidade do comentário (de ênfase na masculinidade hegemônica) consiste em salientar a consubstanciação de uma brincadeira para um treinamento que demanda, entre outras coisas, a formatação do próprio corpo: jogar descalço implica em brincar, e não em “levar a sério” o futebol. Contudo, a partir do momento em que o garoto opta (não livre de constrangimentos) por treinar, ele passa, inerentemente, a moldar o próprio pé, o movimento de andar e, conseqüentemente, sua própria sensibilidade que certamente ficaria colocada em outros moldes.

Essa formatação do corpo a partir da inscrição de novas técnicas corporais assume, em alguns alunos, tamanho grau de complexidade que as ações tornam-se visivelmente fluidas, cadenciadas, polidas, espontâneas e instantâneas, dando a impressão de ser algo ‘natural’, pois são acionadas e concluídas em frações de segundos, operando inconscientemente, com coordenada leveza que surpreende.

Todo esse trabalho de transmissão e incorporação das técnicas, cuja operacionalização é evidenciada na formatação dos corpos, além de ser lento, gradual e extremamente doloroso, é essencialmente prático. Ou seja, é realizado no exato momento da ação, participando efetivamente, e sem preocupação com o planejamento metódico e sistematizado. Por isso, fazer e refazer constante, incessante, obstinada e obcecadamente é um dos princípios mais exigidos nos treinos.

“Somente o treinamento leva a perfeição”, afirmava, correntemente, um professor da “escolinha” do São Caetano.

Esse treinamento exacerbado opera em uma injunção no corpo que recai invariavelmente em uma educação dos sentidos, redefinidos a partir das exigências para a prática futebolística. Recorro especificamente ao sentido da visão a título de exemplificação.

Embora o ato de ver seja um sentido entendido pelos agentes sociais como algo essencialmente biológico, ou seja, um atributo inerente ao corpo humano em sua especificidade física; a visão é também re-significada como um ato socialmente construído a partir do treinamento que impingimos ao olho. Dificilmente enxergamos algo para além daquilo que nossa visão está treinada a perceber.

Nos treinamentos práticos das “escolinhas”, há exigências constantes para atingir esse objetivo. Recorro novamente a um trecho do meu diário de campo. Durante a disputa de um jogo-treino da “escolinha” do Selmi Dei, o professor interrompe várias vezes a performance dos jogadores depois de lances cujo desfecho ele não aprova.

(som do apito) *Pára, pára! Olhem aqui, prestem atenção. O C. estava com a bola, tem o P. e o M. do lado dele. Olhem a marcação. Tá todo mundo aí desse lado, marcado. O que você faz? Ergue a cabeça, olha do outro lado (gestos indicativos com as mãos). Vocês jogam olhando para baixo, não prestam atenção no jogo. Olhem para todos os lados do campo, vejam quem está mais livre de marcação, então passa a bola.*

O coordenador das “escolinhas” de Araraquara, ao se referir às qualidades do filho, sugere:

O meu menino, por exemplo, ele é pequeno, mas já tem tempo de bola. Você joga uma bola para uma criança. Ela vai chutar e... erra! A bola passa (gestos). O meu filho, não. Você joga, ele olha e no momento certo, pá! Acerta. Isso é o que? Tempo de bola, ninguém ensinou.

‘Olhar o jogo’, ‘prestar atenção’, ‘ter tempo de bola’, são categorias nativas que valorizam as técnicas incorporadas a partir do treinamento social do ato de ver. ‘Ver’, atributo da visão, será reconvertido em ‘olhar’, disposição incorporada a partir de treinamentos específicos, que têm sua aquisição nas técnicas, social e culturalmente, construídas. Embora nasçamos com a capacidade de ver, não vemos indiscriminadamente, mas somente aquilo que somos treinados pelo exercício prático. Quando o professor parava as jogadas exigindo ‘atenção’, ‘olhar’ isso ou aquilo, ele apontava o que deveria ser visto, indicando as escolhas possíveis valorativamente no âmbito do futebol.

Um dos treinamentos mais realizados nas “escolinhas” do São Caetano era o controle de bola: correr com ela atada aos pés, em variadas direções, passando por obstáculos, evitando olhá-la. Exercício complexo que buscava livrar o olhar da bola, deixando-o disponível para outras percepções dentro da dinâmica dos jogos, geralmente, a busca de um companheiro livre de marcação por um adversário.

Mesmo sem se dar conta do que realizava na prática, o treinamento do olhar era uma das exigências mais profícuas dos treinos nas “escolinhas” de futebol, no intuito de acelerar o processo de percepção dos jovens alunos no que tange ao aumento do campo visual.

Wacquant, ao enfatizar o *sparring* no boxe americano, elucida a formatação do próprio olhar da seguinte maneira:

“Durante todas as primeiras sessões, minha visão ficou parcialmente obstruída por minhas próprias luvas, saturada pelos sinais que afluíam de todas as partes, sem ordem nem significação. (...) Experimentei, então, a maior dificuldade para fixar meu olhar sobre o meu adversário e para ver seus punhos vindo em minha direção, assim como ignorava os indícios que supostamente poderiam me ajudar a antecipar os seus golpes. Ao longo das sessões, meu campo visual clareou, ampliou-se e reorganizou-se: consegui bloquear as solicitações externas e discernir melhor as evoluções de quem estava diante de mim, como se minhas faculdades visuais aumentassem à proporção que meu corpo se moldava no *sparring*. E, sobretudo, adquiri pouco a pouco o “golpe de vista” específico que me permite adivinhar os ataques de meu adversário, lendo os primeiros sinais em seus olhos, na direção de seus ombros ou nos movimentos de suas mãos e de seus cotovelos” WACQUANT (op. cit, p. 107-8).

O “golpe de vista” específico que permite antecipar as ações do adversário por meio da percepção dos mínimos movimentos, ‘sinais em seus olhos’, ‘direção dos ombros’, movimento das mãos e cotovelos’, advém do treinamento do olhar, a fim de decifrar uma série de códigos intrínsecos ao jogo, internalizados a partir da experiência prática.

Podemos afirmar, então, que, no caso do futebol, saber jogar implica em saber aprender, e, conseqüentemente, em saber ver o jogo; na linguagem nativa: ‘ler’ o jogo. Isso se aprende mediante a capacidade de decifrar os códigos de comunicação implícitos à modalidade, permitindo ampla margem de manobra, que possibilita antecipar os acontecimentos subseqüentes permitindo ao jogador prevenir-se das eventualidades, ou seja, colocar em prática uma reflexividade permanente

“que se torna indispensável, em condições de urgência e risco extremos, para interpretar e ajuizar instantaneamente a situação e mobilizar, de modo mais ou menos consciente, os saberes e o saber fazer adquiridos na experiência social (...)” (BOURDIEU, 2005, p. 80).

Bem como em disponibilizar o corpo como instrumento, colocando-o em ação a partir da sua própria formatação, de modo a ajustá-lo, incessantemente, em um processo longo e gradual que rotiniza o treinamento, levando-o à repetição exaustiva dos gestos, mas capaz de facilitar e reforçar o efeito próprio de manipulação do corpo (WACQUANT, ibdem, p. 125).

O ajustamento do corpo é um processo complexo, extremamente lento, demandando uma temporalidade específica de dedicação, que se estende para fora dos treinos nas “escolinhas”, fazendo-as apenas uma dessas temporalidades dedicadas à moldagem do corpo.

Conversando com um adolescente da “escolinha” do Selmi-Dei sobre sua dedicação monástica aos treinos e seu objetivo de se tornar um jogador profissional, evidencia-se a extensão da duração temporal dos investimentos no corpo.

Eu treino aqui (na escolinha do Selmi-Dei) de segunda, quarta e sexta-feira, sempre no período da tarde, porque eu estudo de manhã. (...) Na escola eu também jogo futebol nas aulas de educação física. De terça, quinta e sábado eu treino lá na escolinha do São Caetano.(...) No domingo é dia de jogo, quando o time do São Caetano não está disputando nenhum campeonato eu vou jogar no time do bairro que tem sempre jogo marcado contra os times das fazendas ou mesmo aqui da cidade. Eu conheço o dono do time e ele gosta de mim, então sempre me chama para jogar, quando dá eu vou porque não posso ficar parado, né. (Adolescente aluno das “escolinhas” do Selmi-Dei e São Caetano).

Somado a essa rotina diária, há ainda outras formas de moldagem menos explícitas, como explica o pai de um aluno da “escolinha” do São Caetano:

A vida dele é futebol! Em dia de jogo ele nem dorme à noite, fica ansioso; vai no banheiro a noite toda, levanta para beber água umas dez vezes (risos) (...) Ele também joga na escola (...) estava jogando futebol de salão em um clube de Araraquara, mas parou. (...) Quando ele está em casa sem fazer nada, descansando ele gosta de ficar assistindo televisão, acompanha todas as rodadas do campeonato brasileiro e do europeu também. Ele gosta de ficar se imaginado na Europa; ele fala: um dia vou jogar na Europa.

Pude acompanhar, antes dos treinos, as acaloradas discussões sobre os acontecimentos das últimas rodadas dos campeonatos, confirmando as afirmações acima, nas quais os

adolescentes acompanham a programação esportiva diária das emissoras de TV. Além disso, boa parte dos jovens alunos afirma ler, quando têm acesso, os jornais especializados, como o 'Lance', além de revistas, em menor número, como 'Placar'. Alguns adolescentes declaram gostar de jogos eletrônicos, como vídeo-game, no qual os jogos relacionados a esportes e, especificamente, ao futebol, encontram ampla preferência. Aqueles que não dispõem de tais modalidades de diversão (PlayStation, era o modelo mais desejado), recorrem às casas de jogos eletrônicos como 'Ciber Café' e 'Lan House'.

Fica evidente a quantidade de tempo investido, explícita e implicitamente, na aquisição das técnicas corporais, colocando a categoria do 'dom' em outros moldes. Evidentemente, a quantidade de horas não está relacionada diretamente ao nível de incorporação das técnicas, visto a diversidade e complexidade do processo, mas sua extensão ocupa um papel importante nesse processo.

Guedes (2000b) reflete sobre os trabalhadores urbanos cariocas e suas formas de transmissão de conhecimento prático centradas em quatro etapas: o saber *ver*, *mexer*, *entender* e o *fazer*. Com isso, também nos auxilia a pensar, sobre os mesmos moldes, no processo de ensino-aprendizagem do futebol, visto que aqui também a ênfase encontra-se na atuação prática, respaldada por uma oposição ao saber teórico que tende a orientar as formas de transmissão de saberes, nas quais circulam valores, idéias, habilidades, éticas, etiquetas, baseadas no 'fazer' e na experiência'. Essas formas de transmissão têm como eixo a valorização de um saber que se constituiu na e para as ações concretas, objetivando positivamente sua forma de apropriação do mundo pelo vivido, pela experiência direta e pela intervenção ativa.

Ainda na esteira da autora, é possível vislumbrar que, desse modo, há irremediavelmente uma construção simbólica e de identidade oposta, no sentido de desvalorizar, ou até mesmo de negar o conhecimento teórico, obtido pela aquisição de um

diploma, desdobrando-se numa assertiva de recusa das atividades escolares que, via de regra, acaba por conduzir a uma subtração da cultura letrada. Esse processo, por outro lado, caminha na tentativa de inverter os valores dominantes (nos quais há uma valorização do estudo por estar ligado a dimensão da imposição do poder), operando numa outra chave analítica que redimensiona a condição de trabalhador: “de objeto desse poder, em sujeitos de um outro poder, o de fazer” (GUEDES, op. cit. p. 8).

Nas “escolinhas” de futebol, essas considerações encontram ressonância na relação que se estabelece entre os agentes sociais sem curso superior e os acadêmicos do curso de Educação Física que não passaram pela experiência de um dia terem sido jogadores profissionais. Os agentes sociais sem curso superior, em geral, foram jogadores profissionais e, como tal, são legitimados pelo ‘saber fazer’ (o conhecimento prático do futebol). Apenas estes possuem credibilidade para exercer a função de transmissor desse saber como professores de esportes ou das “escolinhas” de futebol. Restando aos que cursam a faculdade de Educação Física a possibilidade de tornarem-se auxiliares nos treinamentos e galgarem reconhecimento, à medida que ampliam suas experiências por estarem aprendendo com um ‘ex-profissional’, transformando e hierarquizando o conhecimento teórico em conhecimento prático.

Novamente, somos levados a retomar a questão do ‘dom’, enquanto mecanismo operatório que singulariza, aparta e hierarquiza os homens. Pois a credibilidade do portador do ‘dom’, entre seus pares, é legitimada pelo outro. E a “escolinha” aparece como opcional, na medida em que se escolhe cursá-la. O ‘dom’ é de outra ordem: o indivíduo o possui (ou não), de modo que não se aprende, mas é possível disponibilizá-lo no mercado das trocas simbólicas.

Desse modo, é compreensível a desvalorização dos jovens auxiliares pelos professores mais experientes, por entenderem que possuem apenas a teoria, o que possibilita a introdução

do saber, mas não os capacita propriamente para a transmissão do conhecimento que valorizam⁴⁵.

Por seu turno, as “escolinhas” de futebol acabam sendo concebidas como espaços que possibilitam a introdução do ‘fazer’, colocando o saber teórico em uma escala inicial de aquisição de ‘experiência’: “único modo de obter a ‘prática’ e ter acesso ao ‘saber prático’ que os caracteriza como homens e como trabalhadores” (GUEDES, ibdem, p. 8). Mais que isso, as “escolinhas” também aparecem como espaços imprescindíveis para apreensão da aquisição de um modelo de técnica corporal, ou melhor, da transmissão do conhecimento prático inscrito nos corpos.



Fig. 9 – Garoto prepara um drible em seu adversário mediante o olhar atento de todos.

Retomando algumas discussões anteriores sobre o ‘olhar’ e, ainda seguindo as análises de Guedes sobre os trabalhadores cariocas, é possível entrever que o primeiro passo na escala da aprendizagem prática das técnicas corporais é o que a autora chama de ‘aprender vendo’ ou, como tenho insistido, ‘aprender olhando’:

⁴⁵ Talvez isso ajude a complementar as explicações de WACQUANT (ibdem, p. 121-2) sobre a virulência das explicações de seu professor de boxe, negando qualquer possibilidade de aprendizagem a partir de um manual.

“um procedimento muito complexo, que requer disposições previamente cultivadas, como a ‘curiosidade’ e a ‘vontade’, bem como uma inteligência específica, termo que designa um conjunto de capacidades que possibilitam o entendimento e a atuação. (...) Ver, portanto, não é de modo algum uma atitude passiva. Observar o que os outros significativos fazem e ser capaz de reproduzir a seqüência de seus atos é, por certo, a primeira regra para aprender este modo de estar no mundo” (GUEDES, *ibidem*. p. 11).

Nas “escolinhas” de futebol, os professores que carregam em seus corpos a experiência constituída em técnica, impõem rotineiramente o exercício sistemático do ‘aprender olhando’, no intuito de capacitar os jovens a reproduzir, de maneira instantânea, os meandros daqueles que ‘sabem fazer’. Olhar os que fazem é pressuposto para a decodificação dos princípios intrínsecos, implícitos e explícitos, ao jogo e, como tal, imprescindíveis para a aquisição das técnicas.

Podemos ainda lançar mão das análises de Toledo sobre as diferentes formas de apreensão do jogo de futebol, especificamente, entre os torcedores, os especialistas e os profissionais, para denotar a importância do processo de construção do olhar. No capítulo intitulado ‘de olho no lance’, o autor sintetiza a educação do sentido da visão e sua transformação em olhar da seguinte maneira:

“Enxergar exige certo adestramento, uma afinação com a prática do futebol cuja sensibilidade muitas vezes foi treinada no contexto da sociabilidade, na vivência como “boleiro” nos times de várzea, no acompanhamento dos campeonatos amadores ou profissionais, no espaço da vizinhança, nos jogos escolares, no consumo do saber imposto pelos especialistas a partir dos vários meios de comunicação disponíveis, enfim, faculdade que envolve todo um aprendizado contínuo inscrito na biografia de milhões de indivíduos que experimentam o futebol de variadas maneiras” (TOLEDO, *op. cit.*, p. 274).

E arremata:

“As vivências (...) apontam para um adestramento e um olhar mais treinado, algo extremamente comum de se observar (...)” (TOLEDO, *op. cit.*, p. 274).

Concomitante ao processo de ‘aprender olhando’, encontra-se uma outra sistematização de ações que intermedeiam o aprendizado prático. O que Guedes classifica como ‘aprender mexendo’ para o caso dos trabalhadores, entendemos como ‘aprender treinando’ ou ‘exercitando’ para o caso dos jogadores: é o momento do ‘tentar’ fazer.

A seqüência dos movimentos corporais necessárias a prática do futebol incorre, nas primeiras tentativas, em uma imprecisão no momento do encadeamento das ações. No léxico nativo, essas ações são entendidas como descoordenadas, fruto da imperícia e da inexperiência, colocando o iniciando na condição de aspirante da aprendizagem, e impondo-o, até a exaustão, a repetição como princípio ordenador. Por isso, as “escolinhas” constituem-se em espaços destinados ao ‘treinar’, enfatizando o seu caráter de ‘exercitar’ os fundamentos da técnica, possibilitando a experimentação prática aos jovens alunos mediante o acompanhamento meticoloso do(s) professor(es) e de todos os assistentes. Em alguns casos, como na “escolinha” do São Caetano, esses jovens contam com treinamentos específicos para cada conjunto de técnicas, como goleiros, defensores e atacantes.

Finalmente, a última etapa do processo de aquisição do saber prático, antes do ‘saber fazer’, é o ‘entender’ dado, sobretudo, pelo acúmulo de experiências ao longo da aquisição desta forma de conhecimento. O ‘entender’ seria, então,

“a prática permanente e continuada, transferível da aprendizagem de uma técnica para outra (...), simultaneamente resultado e pré-requisito do fazer, propriamente dito. (...) ‘Entender’ a ponto de ser capaz de ‘fazer’ representa ter acumulado técnicas e qualidades específicas através da experiência prática” (GUEDES, ibidem, p. 13).

No caso específico do aprendizado do futebol, não basta apenas exercitar as técnicas simulando-as fora de seu contexto em um treino, é preciso testá-la em sua dinâmica própria, ou seja, no jogo. DAMO (2005), ao analisar os modelos de formação de atletas a que chama

endógenos, exógenos e híbridos, auxilia-nos no entendimento desta questão. O modelo exógeno salienta que

“Em primeiro lugar, é consenso no meio futebolístico que só os jogos competitivos testam os futuros profissionais. Suportar a pressão pelos resultados, manter o controle das emoções, resistir à dor, demonstrar obstinação e disciplina, entre outras exigências próprias ao ‘métier’, são apreendidas a partir da experiência concreta (...) Quaisquer que sejam as tecnologias usadas na formação dos boleiros, é preciso que os meninos joguem e não apenas treinem; que joguem para valer, em competições e não em amistosos; e sejam submetidos, ao longo da profissionalização, a amplas e variadas adversidades” (DAMO, 2005, p.5).

Retomando as análises de Guedes, explicita-se que a capacidade plena de fazer e realizar é acionada a partir das capacidades de colocar em ação todo esse conjunto de saberes e práticas no exato momento a que se demanda, qual seja, no momento ritual do jogo. Deste modo é que se tem clareza da eficiência da transmissão das técnicas corporais, disponibilizadas durante as partidas, construindo (e se constituindo), efetivamente, um jogador de futebol.

Enfim, o processo de transmissão e inculcação das técnicas corporais está intimamente ligado aos modelos historicamente constituídos de transmissão dos patrimônios culturais, saberes e valores das classes populares, cuja ênfase está na valorização do conhecimento prático.

Descrever esse processo não é tarefa fácil, visto que, para sua apreensão, é preciso analisar e interpretar sua dinâmica no espaço-tempo em que ocorrem e, portanto, a polifonia de falas, gestos e interações.

No caso específico do futebol, a incorporação das técnicas está intimamente ligada à capacidade de disponibilizar o corpo para tal e, conseqüentemente, instrumentalizá-lo, a partir do universo simbólico no qual se está inserido, acarretando sua formatação lenta, gradual e

dolorosa, perpassada pelas etapas dos 'saberes' (olhar, treinar, entender e fazer/realizar):
requisitos indispensáveis para a construção e constituição dos jogadores de futebol.

Considerações Finais

Tendo como preocupação primeira a apreensão do processo de ensino-aprendizagem das técnicas corporais utilizadas no universo futebolístico, recorreremos às “escolinhas” de futebol públicas e privadas do entorno araraquarense como recorte analítico para nos debruçarmos sobre o tema. Buscamos entender as transformações ocorridas na sociedade brasileira, no futebol em particular, para percebermos o cenário em que essa nova modalidade de se vivenciar a experiência sócio-cultural do futebol brasileiro foi gerida e quais os caminhos seguiram.

Demonstramos como as “escolinhas” de futebol engendram uma tensão permanentemente negociada sobre as diferentes formas de apropriação, ora essencializados pelas noções do *estilo* de jogar ‘à brasileira’, que possui como feixe de significados algumas categorias sociais como dom, habilidade, jeito inato, cristalizados em concepções de formação de atletas mais espontâneas; ora buscando uma perspectiva mais racionalizada e gerencial no âmbito da formação e agenciamento de atletas para o futebol profissional.

Procuramos também demonstrar como as “escolinhas” de futebol condensam outras formas de apropriação, sobretudo, aquelas vinculadas à sociabilidade infanto-juvenil. Pareceu-nos apropriado o acompanhamento de dois modelos de “escolinhas”: aquelas permeadas pela titulação de projeto social, e as voltadas para a manutenção do abastecimento do mercado de jogadores profissionais.

Esboçamos uma análise pontual das “escolinhas” do Projeto SAÚDE NA BOLA, SAÚDE NA ESCOLA: “Escolinhas de Esportes” da Prefeitura da cidade de Araraquara; e a “escolinha” de futebol da tríade: Associação Desportiva São Caetano / Departamento de Esportes, Turismo e Lazer (DETLA da Prefeitura Municipal de Américo Brasiliense) e Associação dos Moradores Desportistas de Américo Brasiliense (AMODAB).

No primeiro caso, diagnosticamos um modelo de formação ‘pelo’ esporte e como esse modelo de “escolinha” está sendo pensado à luz da complementaridade dos sistemas de educação formais voltadas à população pobre, em que os esportes, especificamente o futebol, são utilizados como recurso pedagógico e instrumento privilegiado de socialização das crianças e adolescentes, fruto da amplitude que esta prática esportiva adquiriu historicamente em nosso país. No segundo, um modelo ‘para’ o esporte, cristalizado na tríade DETLA/AMODAB/São Caetano, que agencia e gerencia jogadores em processo de profissionalização.

A partir desses dois modelos de “escolinhas”, partimos para o entendimento dos sistemas simbólicos dos agentes sociais, que são produtos e produtores das experiências futebolísticas e que se revelaram de grande valia para ordenação do processo de incorporação das técnicas. Para isso, procuramos esclarecer quais mecanismos diferenciam um ‘bom’ e um ‘mau’ jogador de futebol, cujos valores estão ligados às dimensões da família, do trabalho, da religiosidade, do dom e da masculinidade.

Concluimos as considerações sobre o sistema simbólico dos agentes sociais com algumas ponderações sobre a preeminência do pé direito enquanto princípio explicativo, ordenador da realidade e como modo de se situar no mundo.

Finalmente, esboçamos uma descrição do processo de transmissão e incorporação das técnicas, cuja centralidade está baseada nos modelos historicamente constituídos de transmissão dos patrimônios culturais, saberes e valores das classes populares. A ênfase desse processo reside na valorização do conhecimento prático, isto é, na ‘lógica da prática’, na qual o conhecimento é perpetuado através da formatação e instrumentalização do corpo em sua totalidade, intermediado pelas etapas do olhar, treinar, jogar-entender e saber fazer, propriamente dito.

Referências

ABRAMO, Helena W. *Cenas Juvenis - punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, 1994.

ADAUTO, Flávio. O Futebol da cidade não morreu só mudou de lugar. In: COSTA, M. R. (org) et al. *Futebol: espetáculo do século*. São Paulo: Musa Editora, 1999.

ALABARCES, Pablo. Los estudios sobre deporte y sociedad: objetos, miradas, agendas. In: ALABARCES, P (org) *Peligro de Gol: Estudios sobre deporte y sociedad en América Latina*, Buenos Aires: CLACSO, 2000.

ALMEIDA, Ronaldo; D'ANDREA, Tiaraju. Pobreza e redes sociais em uma favela paulistana. In: *Novos Estudos – CEBRAP*, n. 68, março de 2004. p. 94-106.

ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. O Futebol nas Fábricas. In: *Revista da Usp - Dossiê Futebol*, n.º 22, São Paulo: 1994.

ASSIS, Carlos Donbosco. *A Verdadeira Dor de Atleta: O esporte a serviço do poder econômico*. São Paulo: Pulsar, 1997.

ÁVILA, M. P. *Periferia é periferia em qualquer lugar? Antenor Garcia: estudo de uma periferia interiorana*. Dissertação de Mestrado. São Carlos: UFSCar, 2006.

BOURDIEU, P. Sistemas de ensino e sistemas de pensamento. In: *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1982. p. 203-229.

_____. Gosto de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato (org.). *Sociologia – Pierre Bourdieu*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ed. Ática, 1983a. p. 82-121.

_____. Como é possível ser esportivo? In: *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983b.

_____. *O Poder Simbólico*. Coleção Memória e Sociedade. Lisboa: Difel, 1989.

_____. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____. Programa para uma sociologia do esporte. In: *Coisas Ditas*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990. p. 207-220.

_____. Marginalia. Algumas notas adicionais sobre o dom. In: *Mana – estudos de antropologia social*. Vol. 2, n. 2: PPGAS – Museu Nacional/UFRJ, 1996. p. 7-20.

_____. Os jogos olímpicos. Programa para uma análise. In: *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

_____. *Esboço de auto-análise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BRUNORO, José Carlos; AFIF, Antonio. *Futebol 100% Profissional*. São Paulo: Ed. Gente, 1997.

CALDAS, Waldeny. Aspectos Sociopolíticos do Futebol Brasileiro. In: *Revista da Usp-Dossiê Futebol*, n.º 22, São Paulo: 1994.

CALDEIRA, Jorge. *Ronaldo: Glória e Drama no Futebol Globalizado*. São Paulo: Ed. 34, 2002.

CARRANO, Paulo César R. (org.). *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2000.

CARVALHO, José Jorge de. O jogo das bolinhas: uma simbólica da masculinidade. In: *Anuário Antropológico/87*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990. p. 191-222.

COELHO, Juliana Afonso G. *A 'feminilização' do voleibol: uma leitura antropológica sobre a configuração de um espaço esportivo para sexualidades secundárias e alternativas*. Trabalho de Conclusão de Curso – Graduação em Ciências Sociais. UFSCar, 2006.

COSTA, Antonio Maurício Dias da. Domingos de Festa: A Sociabilidade nas Ruas de Lazer. In: D'INCAO, M. A. *Sociabilidade: Espaço e Sociedade*, São Paulo: Grupo Editores, 1999.

COSTA, Marcia Regina da. Skinheads: Carecas do Subúrbio. In: *Revista Cultura Vozes*, n. 2, março/abril, 1993.

_____. (org) et al. *Futebol: espetáculo do século* São Paulo: Musa Editora, 1999.

DAMATTA, Roberto. O ofício de etnólogo, ou como ter “anthropological blues”. In: NUNES, Edson de Oliveira. *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

_____. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. Esporte na Sociedade: Um Ensaio sobre o Futebol Brasileiro. In: DAMATTA, R. (org.) *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*, Rio de Janeiro: Pinakoteke, 1982.

_____. Antropologia do Óbvio. In: *Revista da Usp - Dossiê Futebol*, n.º 22, São Paulo, 1994.

_____. *A Casa & A Rua: Espaço, cidadania e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

DAMO, A. S. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Tese de Doutorado, Porto Alegre: UFRGS, 2005.

_____. *O uso dos termos amadorismo e profissionalismo como categorias sociológicas na literatura acadêmica sobre o futebol*. Comunicação apresentada no GT Esporte, Política e Cultura, XXVI Reunião Anual da Anpocs: Caxambu, 2002.

DAOLIO, Jocimar. As contradições do Futebol Brasileiro. In: CARRANO, Paulo Cesar R. *Futebol: Paixão e Política*, Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

ELIAS, Norbert. *Em busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *Deport y Ocio En el Proceso de La Civilización*. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FLORENZANO, José Paulo. *Afonzinho & Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro*. São Paulo: Musa Editora, 1998.

FRÚGOLI JR, Heitor. Os shoppings de São Paulo e a trama do urbano: um olhar antropológico. In: PINTAUDI, S. M.; FRÚGOLI JR, H. (orgs.) *Shopping centers: espaço, cultura e modernidade nas cidades brasileiras*. São Paulo: Unesp, 1992.

_____. Turmas de Jovens: Sociabilidade e Consumo. In: JUNQUEIRA, Luciano A. P. (coord.). *Brasil e a nova ordem internacional: anais do IX Congresso Nacional dos Sociólogos*. São Paulo: Ed. do SINSESP, 1994.

_____. *São Paulo: Espaços Públicos e Interação Social*. São Paulo: Marco Zero, 1995.

_____. Resenha do livro *Lógicas no futebol* de Luiz Henrique de Toledo (São Paulo, Hucitec/Fapesp). In: *Revista de Antropologia - USP*, vol.45, nº2, 2002. p. 509-516.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GIL, Gilson. O Drama do Futebol-Arte: O Debate sobre a Seleção nos anos 70. In: *Revista ANPOCS*, nº 25, São Paulo, 1994.

GUEDES, Simoni Lahud. Subúrbio: Celeiro de Craques. In: DAMATTA, R. (org.) *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakoteke, 1982.

_____. O Salvador da Pátria: Considerações em Torno da Imagem do Jogador Romário na Copa do Mundo de 1994. In: *Pesquisa de Campo - Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol*, UERJ, nº 1, 1994.

_____. *O Brasil no campo de futebol*. Rio de Janeiro: EDUFF, 1998.

_____. Malandros, caxias e estrangeiros no futebol: de heróis e anti-heróis. In: GOMES, Laura Graziela; BARBOSA, Livia; DRUMMOND, José Augusto. (orgs.). *O Brasil não é para principiantes: Carnavais, Malandros e Heróis, 20 anos Depois*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000a.

_____. *O saber prático e o ensino profissionalizante para os trabalhadores do Rio de Janeiro – Brasil*. Comunicação apresentada no III Congresso Latinoamericano de sociologia del trabajo. Buenos Aires: 17 - 20 de maio, 2000b.

_____. *Saber de tudo um pouco: trabalhadores urbanos no Brasil e a ética do provedor*. Comunicação apresentada no VII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais: as linguagens da lusofinia. Rio de Janeiro: 2 - 6 de setembro, 2002.

_____. Lógicas da Emoção. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 18, n. 51, fevereiro, 2003.

GUEDES, S. L.; OLIVEIRA FILHO, P. P. A.; NOVAES, R. B. Meninos e Meninas no campo de futebol: concepções de gênero em um projeto social. In: GUEDES, S. L. (org.). *Gênero e sexualidade: estudo em torno da pesquisa social brasileira (PESB)*. Niterói: Intertexto, 2004.

HELAL, Ronaldo. As Idealizações de Sucesso no Imaginário Futebolístico Brasileiro: um estudo de caso. In: ALABARCES, P. (org). *Peligro de Gol: Estudios sobre deporte y sociedad en América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

HELAL, Ronaldo; MURAD, Maurício. Alegria do Povo e Don Diego: Reflexões sobre o Êxtase e a Agonia de Heróis do Futebol. In: *Pesquisa de Campo - Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol*. UERJ, n.1, 1994.

HERTZ, Robert. A preeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa. In: *Religião e Sociedade*, n. 6. Rio de Janeiro: 1980 (1909). p. 99-128.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1993 (1938).

LOPES, José Sérgio Leite. A Vitória do Futebol que Incorporou a Pelada. In: *Revista da Usp-Dossiê Futebol*, n.º 22, São Paulo: CCS, 1994.

LOPES, José Sérgio Leite; MARESCA, Sylvain. A morte da “alegria do povo”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 20, ANPOCS, 1992. p. 113-134.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no Pedaco*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.

_____. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 17, n. 49. São Paulo: junho de 2002.

_____. Quando o Campo é a cidade: Fazendo Antropologia na Metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; TORRES, Lílian de Lucca. (orgs). *Na Metrópole: Textos de Antropologia Urbana*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1996a.

_____. MAGNANI, José Guilherme Cantor; MORGADO, Naira. Futebol de várzea também é patrimônio. In: *Revista do Patrimônio*, 24, Brasília, 1996b.

MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. Vol. 2, São Paulo: Edusp, 1974.

_____. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. Vol. 2, São Paulo: Edusp, 1974.

MELO, Marcelo Paula de. *Esporte e juventude pobre: políticas públicas de lazer na Vila Olímpica da Maré*. Campinas – SP: Ed. Autores Associados, 2005.

NETO, Francisco Cetrulo. SIMMEL: Sociabilidade e Sociedade Moderna. In: D’Incao, M. A. “*Sociabilidade: Espaço e Sociedade*”, São Paulo: Grupo Editores, 1999.

OLIVEN, Ruben George. *A Antropologia de Grupos Urbanos*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1996.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. Novos Processos de Formação de Jogadores de Futebol e o fenômeno das ‘escolinhas’: uma análise crítica do possível. In: ALABARCES, P. (org). *Peligro de Gol: Estudios sobre deporte y sociedad en América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

_____. *O Processo de Formação do Jogador de Futebol no Brasil: Sonhos, Ilusões, Frustrações e Violências*. Tese de Doutorado, São Paulo, PUC/Departamento de Antropologia, 2001.

POMPEU, Renato. *Canhoteiro: o homem que driblou a glória*. Rio de Janeiro: Ediouro-Relume Dumará, 2003.

RODRIGUES, Nelson. *À Sombra das Chuteira Imortais: Crônicas de Futebol*, São Paulo: Cia das Letras, 1993.

_____. *A Pátria em Chuteiras: novas Crônicas de Futebol*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

RODRIGUES, Elcie Helena C.; BRAMANTE, Antonio C. O espaço na construção de uma política de lazer: estudando Sorocaba/SP. In. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Vol. 24, n. 3. Campinas, maio – 2003. p. 23-37.

ROSENFELD, Anatol. *Negro, Macumba e Futebol*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2000.

SANTOS NETO, José Moraes dos. *Visão do jogo - primórdios do futebol no Brasil*. Coleção Zona do Agrião. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

SANTOS, Tarcyanie Cajueiro. Globalização, Mundialização e Esporte: O Futebol como Megaevento. In: ALABARCES, P. (org). *Peligro de Gol: Estudios sobre deporte y sociedad en América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

SANTOS, Marco Antonio da S. *Futebol de várzea como espaço de sociabilidade*. Dissertação de mestrado. São Paulo: PUC/Ciências Sociais, 2001.

SANTOS NETO, José Moraes dos. *Visão do Jogo – primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo, 2002.

SARTI, Cynthia A. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas – SP: Ed. Autores Associados, 1996.

SEVCENKO, Nicolau. Futebol, Metrôpoles e Desastinos, In: *Revista da Usp- Dossiê Futebol*, n.º 22, São Paulo, 1994.

SIMMEL, George. Sociabilidade: Um Exemplo de Sociologia Pura ou Formal, In: MORAES, E. (org.) *Sociologia*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1983.

_____. A Metrôpole e a Vida Mental, In: VELHO, O. G.(org.), *O Fenômeno Urbano*, Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989.

SOUZA, Isabela Janete de. Sociabilidade Urbana entre Jovens de Baixa Renda: Estudo de Caso sobre Gangue. In: D'INCAO, M. A. *Sociabilidade: Espaço e Sociedade*, São Paulo: Grupo Editores, 1999.

STAVENHAGEN, Rodolfo. Estratificação social e estrutura de classe. In: VELHO, Otávio G.; PALMEIRA, Moacir G. S.; BERTELLI, Antônio R. (orgs.). *Estrutura de classes e estratificação social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Transgressão e Violência entre Torcedores de Futebol. In: *Revista da Usp - Dossiê Futebol*, n.º 22. São Paulo: 1994.

_____. A Cidade das Torcidas: Representações do Espaço Urbano entre Torcedores e Torcidas de Futebol na Cidade de São Paulo. In: MAGNANI, J. G. C. e TORRES, L.L.(orgs)“*Na Metrôpole: Textos de Antropologia Urbana*”. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1996.

_____. *Torcidas Organizadas de Futebol*. São Paulo: Ed.Autores Associados/Anpocs, 1996.

_____. Futebol e Teoria Social: Aspectos da Produção Científica Brasileira (1982- 2002). In: *BIB*, n. 52. São Paulo, 2001.

_____. *Lógicas no futebol*. São Paulo, Hucitec/Fapesp, Col. Paidéia, 2002.

_____. Pelé: os mil corpos de um rei. In: GARGANTA, J.; OLIVEIRA, J.; MURAD, M. *Futebol de muitas cores e sabores*. Porto: Campo das Letras, 2004.

VELHO, Gilberto. *A Utopia Urbana: Um estudo de antropologia social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

_____. Os Mundos de Copacabana. In: VELHO, G.(org.). *Antropologia Urbana: Cultura e Sociedade no Brasil*, Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

VILLELA, Jorge Luiz M. Por uma etnografia da pelada. In. *Pesquisa de Campo – Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol*. UERJ, n. 5, 1997.

VOGEL, Arno. O Momento Feliz, Reflexões sobre o futebol e o Ethos Nacional, In: DAMATTA, R. (org.) *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakoteke, 1982.

WACQUANT, Lóic J. D. Putas, escravos e gananhões: linguagens de exploração e de acomodação entre boxeadores profissionais. In. *Mana – estudos de antropologia social*. Vol. 6, n. 2, PPGAS – Museu Nacional/UFRJ: 2000. p. 127-146.

_____. *Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

_____. Três premissas perniciosas no estudo do gueto norte-americano. In. *Mana – estudos de antropologia social*. Vol. 2, n. 2, PPGAS – Museu Nacional/UFRJ: 1996. p. 145-161.

ZALUAR, Alba. *Cidadãos não vão ao paraíso*. São Paulo: Ed. Escuta/Universidade Estadual de Campinas, 1994.

Jornais, revistas, folders, documentos, relatórios, programas esportivos e sites:

Correio da Região, 31 a 06/08/2004; 21 a 27/01/2006.

Tribuna Imprensa, 26/01/2003; 08/01/2004; 08/08/2004; 12/08/2004.

CidadeAnia, setembro de 2006.

Enciclopédia do Futebol Brasileiro Lance, nº 1 e nº 2, 2001.

Folha de São Paulo, 25/04/99.

Franquia Cia. ano 1, nº 06, 1999.

Informativo DETLA/AMODAB/SÃO CAETANO, nº 1, maio de 2005.

Jornal do DETLA, dezembro de 2002.

Programa Cartão Verde, TV Cultura.

Programa Fantástico, TV Globo, 29/01/2006.

Programa Mesa Redonda, TV Gazeta.

Programa Terceiro Tempo, TV Record.

Relatório Escolinha de Esportes, Secretaria Municipal de Esportes e Lazer de Araraquara, S/D.

Veja, 07/04/2004.

www.americobrasiliense.sp.gov.br

www.araraquara.sp.gov.br

www.fundacaocafu.org.br

www.carecasportcenter.com.br

www.ziconarede.com.br/centrofzico/ptequipe.php

www.goldeletra.org.br/historico.php

www.marcelinhocarioca.com.br

www.rivellinosportcenter.com.br